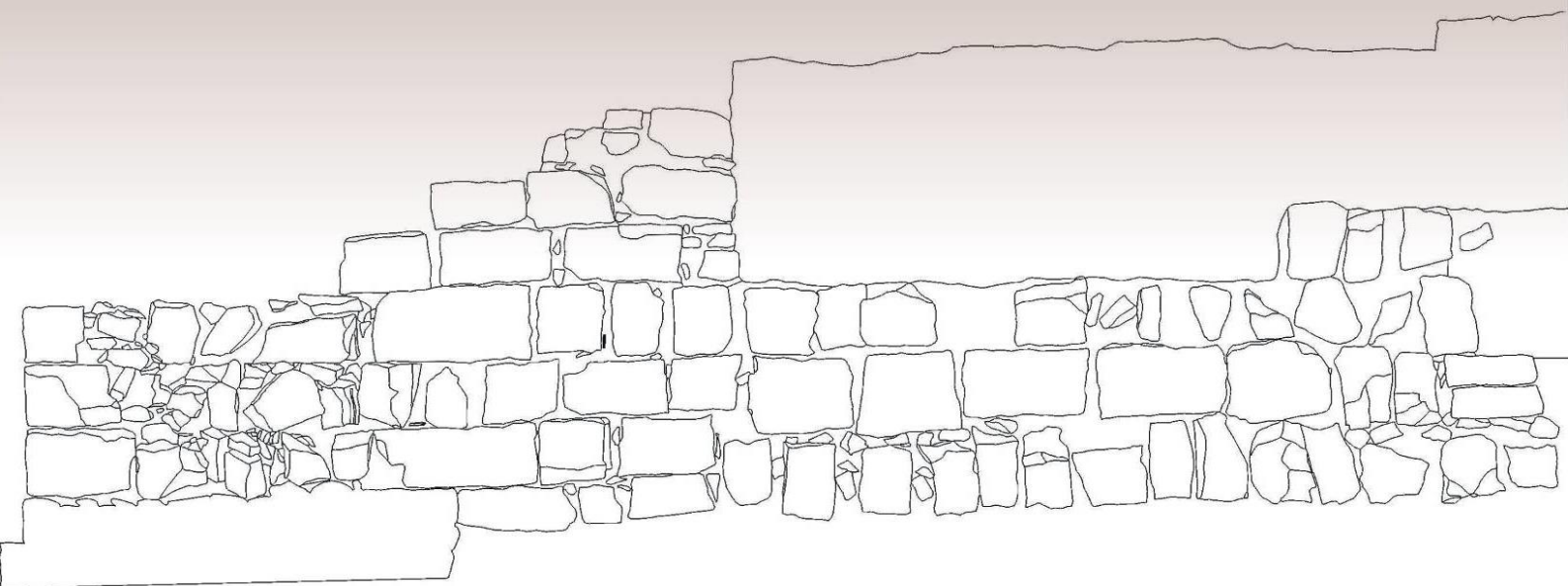


Porta da Corredoura

Torres Vedras



Resultados
dos Trabalhos
Arqueológicos

Isabel Luna
Guilherme Cardoso
2009



ÍNDICE

1 – OBJECTIVOS DA INTERVENÇÃO	2
1.1 – Historial e objectivos dos trabalhos arqueológicos	2
2.2 – Enquadramento científico e regulamentar	7
2 – RECURSOS HUMANOS E TÉCNICOS	9
1.1 – Constituição da equipa técnica	9
2.2 – Meios utilizados	11
3.3 – Calendarização	12
3 – ENQUADRAMENTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO	13
1.1 – Enquadramento legal	13
2.2 – Enquadramento administrativo	15
3.3 – Enquadramento geográfico	16
4.4 – Enquadramento histórico	23
Anexo	38
4 – CONDIÇÃO DO SÍTIO ANTES DO INÍCIO DOS TRABALHOS	39
5 – ESTRATÉGIA E METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO	44
6 – RESULTADOS: ESTRUTURAS E ESPÓLIO	47
1.1 – Sondagem 1	47
2.2 – Sondagem 2	61
3.3 – Sondagem 3	71
4.4 – Perfil 1	85
5.5 – Corte 1	86
6.6 – Sondagem 4	90
7.7 – Recolha, tratamento e listagem do espólio	132
7 – CONCLUSÕES	134
8 – MEDIDAS DE SALVAGUARDA	136
9 – BIBLIOGRAFIA	139
10 – ANEXO: INVENTÁRIO DO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO	144



1. OBJECTIVOS DA INTERVENÇÃO

1.1 – HISTORIAL E OBJECTIVOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

A realização de uma intervenção arqueológica na Rua Cândido dos Reis, em Torres Vedras, teve a sua origem no pedido de licenciamento, à Câmara Municipal de Torres Vedras, de dois empreendimentos imobiliários contíguos, respectivamente o lote três do alvará de loteamento LT-02/2950/97, em nome de João Henriques dos Santos & Filhos S. A., e o processo de obras particulares OP-73/99, em nome de J. F. Carvalho Construções L.^{da}.

Estes projectos integravam-se numa operação de reconversão urbanística dos terrenos a norte da Rua Cândido dos Reis – antiga Rua da Corredoura –, que incluía a demolição das antigas construções existentes, nomeadamente das antigas instalações da firma Auto-Henriques, e a abertura de um arruamento perpendicular àquela rua. Os dois projectos consubstanciavam-se na construção de dois lotes de prédios para habitação e comércio, defronte do Chafariz dos Canos, local onde a tradição situava a antiga Porta da Corredoura, no limite nascente das muralhas que contornavam a então vila medieval.

No início de Março de 1997, na sequência da demolição do conjunto das edificações mencionadas, a Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras (ADDPCTV) veio propor à consideração da Câmara Municipal, com a maior urgência, a realização de uma curta intervenção de pesquisa arqueológica, em articulação com o Museu Municipal Leonel Trindade, no sentido de averiguar eventuais vestígios da antiga muralha da vila que, segundo documentação antiga, por ali passaria e da qual não se conheciam, à data, quaisquer testemunhos.

Consequentemente, o executivo municipal, na sua reunião de 10 de Março de 1997, considerando o interesse da iniciativa e o facto de ter a colaboração e participação de técnicos municipais, deliberou solicitar à firma João Henriques dos Santos & Filhos S. A., a melhor disponibilidade para a realização de uma pesquisa arqueológica no seu terreno, pedido a que aquela firma anuiria, em carta datada de 9 de Abril, com a condição de os trabalhos não se prolongarem por mais de 60 dias e de estarem concluídos a 31 de Agosto do referido ano de 1997. Paralelamente, era solicitada ao Museu Municipal Leonel Trindade a realização de uma intervenção arqueológica no local.



A 18 de Abril do mesmo ano, o jornal *Badaladas* publicava o artigo *Um vestígio dos muros de Torres Vedras?*, da autoria do Dr. Manuel Clemente – quem terá sugerido à ADDPCTV a necessidade de uma intervenção arqueológica no local. A propósito das recentes demolições ocorridas no local, o autor colocava a hipótese de a fachada nascente do *stand* de automóveis situado defronte do largo do Chafariz dos Canos – até então oculta pelo edifício contíguo e então posta a descoberto –, poder corresponder a um pequeno troço da muralha medieval de Torres Vedras e ao arranque da Porta da Corredoura – a construção parecia revelar uma eventual torre quadrada, que poderia ser uma das torres que ladeariam a porta –, chamando ainda a atenção para a necessidade de conservar e valorizar este importante e excepcional património.

Por acordo com o proprietário, o Museu Municipal relegou a realização das sondagens para o início do desaterro do terreno, aproveitando assim o apoio logístico do construtor, através da cedência de maquinaria pesada e da mão-de-obra necessária à intervenção. O processo, no entanto, seria adiado pela reprovação do projecto, por parte do então Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR), e o conseqüente indeferimento da Câmara, a 15 de Setembro de 1997.

A 27 de Abril de 1998, o Museu Municipal proporia à autarquia a abertura de uma pequena sondagem arqueológica mecânica no local, para verificar a origem e a sequência estratigráfica do muro que constituía a fachada nascente do *stand* de automóveis *Comauto*. Por uma questão prática e de rentabilização dos recursos, esta intervenção seria agendada para a mesma altura em que se realizasse uma outra, no Paço do Patim – onde era necessário, também, o recurso a uma máquina retroescavadora –, dada a proximidade geográfica dos dois locais. A não cedência do referido equipamento, por indisponibilidade da autarquia, viria a adiar novamente o processo.

Devido a discrepâncias nas confrontações dos terrenos, a Câmara Municipal solicitaria a realização de um novo levantamento topográfico do quarteirão, em Junho de 1998. Por esta altura, o IPPAR daria o seu parecer favorável ao loteamento de João Henriques dos Santos.

O processo relativo ao edifício da construtora J. F. Carvalho, viria a dar entrada na autarquia no final do mês de Janeiro de 1999, tendo recebido os pareceres favoráveis do IPPAR e da autarquia, respectivamente em Março de 1999 e em Abril de 2000.

No final de Setembro de 2000, a Fiscalização Municipal informava o Museu da iminente demolição do antigo *stand Comauto* e, a 2 de Outubro, um dos responsáveis científicos (I. L.) propunha uma metodologia de investigação que, para além do levantamento topográfico do local, com a implantação do achado, e da realização de sondagens arqueológicas, abrangesse um levantamento fotogramétrico do paramento, a realizar por uma empresa especializada, com a definição das características morfológicas da alvenaria, de forma a ajudar a esclarecer que troço



do paramento deveria ser mantido. Para o efeito, propunha-se ainda a suspensão urgente da autorização de demolição, a manutenção da zona que o levantamento fotogramétrico identificasse claramente com a muralha e o cabal esclarecimento sobre a propriedade da pequena faixa de terreno confinante, a nascente – que tudo indicava tratar-se de domínio hídrico –, para a eventual criação de um corredor de protecção do achado.



Fig. 1 – Fachada Sul do antigo *stand* Comauto.

A pedido do Museu Municipal, o proprietário procedeu então à demolição controlada de uma grande parte do antigo *stand* de automóveis, deixando intacta a parede que tudo indicava poder ser um troço da antiga muralha da vila. Nessa sequência, viria a ser contactada a empresa OZ – Diagnóstico, Levantamento e Controlo de Qualidade em Estruturas e Fundações L.^{da}, com vista à obtenção de um orçamento para o levantamento fotogramétrico da fachada, que registasse a estratigrafia e cronologia do paramento – trabalho que acabou por não vir a ser realizado, em virtude dos primeiros resultados dos trabalhos arqueológicos.

As primeiras sondagens mecânicas, realizadas junto à fachada nascente do antigo *stand*, em Novembro de 2000, viriam a atestar a sua recente construção, não confirmando, assim, a hipótese de se tratar de um troço da antiga muralha.

No entanto, uma nova sondagem aberta em Dezembro, junto à R. Cândido dos Reis, na zona correspondente ao interior do antigo *stand*, viria a revelar uma imponente estrutura de cantaria, com características condizentes com as fundações de uma muralha medieval.

Tornava-se, assim, necessária a continuação dos trabalhos nesta zona e na área confinante com a propriedade a nascente. Nessa sequência, a 21 de Dezembro, os directores científicos da escavação propõem o fim da suspensão da obra, a demolição da fachada do antigo *stand* de automóveis e a atribuição das licenças de construção a ambos os prédios confinantes, como



forma de permitir a prossecução dos desaterros, o bombeamento de águas e o estabelecimento, no terreno, por parte dos construtores, de outras condições necessárias à continuação dos trabalhos. A atribuição das licenças seria, no entanto, condicionada à manutenção de uma área reservada a trabalhos arqueológicos de emergência junto da nova sondagem – onde ainda estavam por concluir os trabalhos arqueológicos –, e à criação de uma área de segurança de 3 a 5m para o interior do lote da firma João Henriques dos Santos & Filhos (empresa que passou a designar-se por Fermafil – Administração de Bens, S.A.).

Nas áreas condicionadas, os construtores deveriam cumprir as instruções dos técnicos municipais, continuando o anterior trabalho de colaboração. Assim, o licenciamento do lote 3 do processo de loteamento 2950/97 ficou condicionado à realização prévia de escavações arqueológicas de salvamento, para se poder analisar o percurso da muralha para nascente, proposta esta que viria a ser confirmada por um parecer do IPPAR, datado de 22 de Janeiro de 2001. Pendente da continuação dos trabalhos ficava, também, uma futura decisão quanto à possibilidade de integração do achado nas novas construções.



Fig. 2 – Fachada nascente do antigo *stand Comauto*.

Os trabalhos arqueológicos ficariam concluídos em meados de Junho de 2001, com a identificação de um troço da muralha medieval e a confirmação da sua não continuidade para nascente do antigo edifício do *stand* de automóveis. Pouco tempo depois, realizaram-se algumas reuniões no local entre o promotor imobiliário, a Câmara Municipal e o IPPAR (representado pelo Arquitecto Luís Quaresma e pelo Arqueólogo Clementino Amaro), no sentido de analisar as formas de salvaguardar o achado. Para além da participação numa primeira reunião conjunta, os responsáveis científicos pelos trabalhos arqueológicos não viriam a ser chamados a participar nas reuniões seguintes, nas quais seria elaborada a proposta final de integração do achado na nova construção.



A 12 de Março de 2002 a Câmara Municipal aprovaria a versão final do projecto de arquitectura da firma J. F. Carvalho, já com a salvaguarda e integração dos vestígios arqueológicos na construção. E a 6 de Junho de 2002 o IPPAR daria o seu parecer final positivo ao projecto, ficando o mesmo definitivamente aprovado em Julho seguinte.

A intervenção teve, assim, como primeiro objectivo, esclarecer se a fachada nascente do antigo *stand Comauto* corresponderia, ou não, a um troço da antiga muralha medieval da vila. Afastada esta possibilidade, com a realização das primeiras sondagens, procederam-se a novas investigações, na zona correspondente ao interior do antigo *stand*, com vista à total averiguação da possibilidade de existência de vestígios da antiga muralha e porta da vila, que as memórias históricas colocavam naquele local.

Enunciam-se, de seguida, os objectivos mais específicos dos trabalhos, estabelecidos no início da intervenção:

- Confirmação da natureza defensiva (muralha) da estrutura arquitectónica colocada à vista.
- Confirmação estratigráfica da cronologia da muralha.
- Conhecimento circunstanciado da estrutura física da muralha e da porta da vila, nomeadamente da existência de uma torre quadrada adossada à muralha.
- Obtenção de dados que permitam a salvaguarda e integração arquitectónica da muralha, nos edifícios a construir, caso sejam confirmados os pontos anteriores.
- Detecção de outros eventuais objectos e estruturas, que possam vir a ser salvaguardadas e integradas no futuro edifício.

Eventualmente, as sondagens poderiam ainda permitir a obtenção de dados sobre a antiga estrutura urbana da cidade e uma avaliação e registo do potencial arqueológico do local, que permitisse validar ou complementar os dados estratigráficos obtidos em sondagens anteriores, realizadas no centro histórico.



1.2 – ENQUADRAMENTO CIENTÍFICO E REGULAMENTAR

A 16 de Outubro de 2000, após o alerta dado pela ADDPCTV, a autarquia viria a informar o Instituto Português de Arqueologia da descoberta de uma parede, que tudo indicava ser um troço da muralha da antiga vila medieval, de acordo com o estabelecido no n.º 1 do art.º 29.º do *Regulamento do Plano de Pormenor de Reabilitação do Centro Histórico de Torres Vedras*, que determina que *“sempre que em qualquer obra, particular ou não, forem encontrados elementos arquitectónicos e achados arqueológicos de interesse no seu todo ou em parte, tal facto deve ser comunicado à Câmara Municipal, que procederá conforme a Portaria n.º 269/78, de 12 de Maio”*¹. Simultaneamente, a autarquia informava também que, atendendo ao previsto no n.º 2 do referido regulamento, havia *“de imediato suspenso a atribuição da licença de construção e informado o proprietário do impedimento de demolir o edifício antes das necessárias investigações”*.

O requerimento de autorização para a realização de trabalhos arqueológicos na zona da antiga Porta da Corredoura – R. Cândido dos Reis – foi dirigido ao Subdirector do Instituto Português de Arqueologia pelo Vereador do Sector da Cultura da Câmara Municipal de Torres Vedras, juntamente com o ofício mencionado – com a referência MM/195/00 –, no qual se solicitava *“autorização para a realização de trabalhos arqueológicos de emergência”*.

Designada por *“Sondagem a realizar junto à muralha da antiga Porta da Corredoura”*, a proposta previa a realização de sondagens na parte exterior e interior do muro que constituía a fachada nascente do *stand Comauto*, com vista a confirmar, ou não, a possibilidade de se tratar da antiga muralha medieval da vila.

Na mesma data, a empresa J. F. Carvalho Construções L.^{da}, proprietária do terreno, emitira uma declaração, autorizando a Câmara Municipal a proceder a escavações arqueológicas na sua propriedade.

Paralelamente, e de acordo com a legislação em vigor, o achado foi comunicado ao Director Regional de Lisboa do IPPAR, através do ofício com a referência MM/196/00, de 16 de Outubro, dando conta de que, para o local, havia já sido elaborado um projecto aprovado por aquele organismo – em virtude de se situar na zona de servidão administrativa do Chafariz dos Canos, imóvel classificado como Monumento Nacional – e de que as obras haviam sido suspensas pela autarquia. Solicitava-se, ainda, a visita de um técnico ao local e o apoio técnico na procura de uma eventual solução de integração arquitectónica do achado.

No IPPAR, o processo viria a ficar registado sob o número 98/23-13(13).

¹ Aprova o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos.



A realização dos trabalhos arqueológicos foi aprovada pelo IPA e comunicada à autarquia através do ofício 6082, datado de 10 de Novembro de 2000.

No IPA, o processo viria a ficar registado sob o número 89/1(364), tendo sido atribuído ao local o Código Nacional de Sítio n.º 15387.

Os trabalhos arqueológicos, integrados na categoria de acções preventivas a realizar no âmbito *de trabalhos de minimização de impactos devidos a empreendimentos públicos ou privados, em meio rural, urbano ou subaquático*, foram dirigidos por Isabel de Luna e Guilherme Cardoso, licenciados em História, na variante de Arqueologia. Ambos realizaram a presente intervenção enquanto funcionários, respectivamente, da Câmara Municipal de Torres Vedras – Museu Municipal Leonel Trindade (onde desempenha as funções de Conservadora de Museu) e da Assembleia Distrital de Lisboa (onde desempenha as funções de Técnico Superior de Arqueologia), na sequência da assinatura de um protocolo de colaboração entre estas duas entidades, em 1997. A abertura das valas de sondagem foi ainda acompanhada pelo arqueólogo do IPPAR destacado para acompanhar o processo, Dr. Clementino Amaro, tendo todos os trabalhos decorrido em estreita colaboração com o mesmo.

Nas suas diversas fases de desenvolvimento, os trabalhos arqueológicos foram enquadrados pelo *Regulamento de Trabalhos Arqueológicos*, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 287/2000, de 10 de Novembro.

O espólio recolhido na fase de escavação foi depositado, provisoriamente, nas reservas do Museu Municipal Leonel Trindade, em Torres Vedras.



2. RECURSOS HUMANOS E TÉCNICOS

2.1 – CONSTITUIÇÃO DA EQUIPA TÉCNICA

Os recursos humanos necessários aos trabalhos foram, essencialmente, provenientes do quadro técnico do Museu Municipal Leonel Trindade. Os trabalhos contaram ainda com a colaboração pessoal e o acompanhamento permanente do promotor imobiliário, Sr. José Carvalho, do operador de máquina por ele disponibilizado e de outros operários da empresa.

CAMPO

Direcção Científica:	Guilherme Cardoso Isabel de Luna	Assembleia Distrital de Lisboa CMTV/Museu Municipal Leonel Trindade
Escavação e Tratamento inicial do espólio:	Raquel Raposo Carlos Anunciação Rui Silva Ana Anacleto Custódio	CMTV/Museu Municipal Leonel Trindade CMTV/Museu Municipal Leonel Trindade CMTV/ Museu Municipal Leonel Trindade CMTV/ Museu Municipal Leonel Trindade CMTV/ Departamento de Obras Municipais
Topografia:	Luís Alberto Ferreira	Topógrafo
Fotografia:	Guilherme Cardoso	
Desenho:	Severino Rodrigues	Associação Cultural de Cascais



GABINETE

Georreferenciação: Jorge Antunes CMTV/Gabinete SIG

Digitalização: Salão Fotográfico – Franco & Rebelo
Isabel de Luna

Desenho assistido

por computador: Isabel de Luna

Apoio em AutoCad: José Luís Aguiar CMTV/Departamento de Obras Municipais
Nuno Jordão CMTV/Dep.^{to} de Ordenamento do Território

Espólio

Organização e

inventariação: Isabel de Luna

Colagem: Ana Anacleto

Estudo de safra: Marta Moreno-García IPA/Centro de Investigação em Arqueociências
Carlos Pimenta IPA/Centro de Investigação em Arqueociências

Fotografia: Guilherme Cardoso

Desenho: Isabel de Luna

Relatório

**Tratamento de imagem,
investigação, textos**

e grafismo: Isabel de Luna



2.2 – MEIOS UTILIZADOS

Toda a logística pesada necessária ao trabalho de campo ficou a cargo do promotor imobiliário, que disponibilizou duas máquinas retroescavadoras para a abertura das sondagens e para todos os desaterros necessários aos trabalhos, tendo respondido com a maior diligência às diferentes solicitações dos arqueólogos, ao longo de todo o período de duração da intervenção.

O levantamento topográfico da zona foi efectuado pela empresa construtora e gentilmente cedido, em formato digital, aos técnicos da autarquia.

A Câmara Municipal de Torres Vedras forneceu os instrumentos e os materiais de uso corrente necessários aos trabalhos.

A autarquia procedeu ainda à aquisição dos serviços de desenho da estrutura descoberta, à Associação Cultural de Cascais.

O Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências, do antigo Instituto Português de Arqueologia procedeu, graciosamente, ao estudo da safra de osso para picar foicinhas, descoberta durante os trabalhos.

O levantamento fotográfico foi realizado com recurso ao equipamento próprio dos directores científicos. O mesmo se passou na fase de trabalho de gabinete, onde foi necessário recorrer aos equipamentos próprios da direcção científica, nomeadamente digitalizador A4, computador pessoal, discos externos e software informático, por indisponibilidade da autarquia em fornecer todos os meios necessários à realização do relatório final.



2.3 – CALENDARIZAÇÃO

No final de Outubro de 2000 foi efectuado o acompanhamento fotográfico das demolições efectuadas nos terrenos em causa.

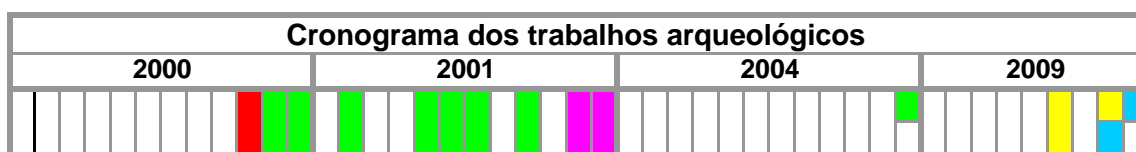
Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se a 13 de Novembro de 2000 e a sua primeira fase decorreu até 18 de Dezembro do mesmo ano. Durante este período, foram abertas as quatro sondagens efectuadas, tendo sido dados por concluído os trabalhos nas três primeiras.

No entanto, as escavações decorreram com vários períodos de interrupção, devido às persistentes chuvas que se fizeram sentir, numa zona com forte presença de terreno argiloso e que rapidamente ficou alagada.

A escavação da sondagem 4 só viria a ser retomada na semana de 19 a 23 de Fevereiro de 2001, prosseguindo os trabalhos, de forma intermitente, até meados de Julho do mesmo ano.

A 8 de Setembro de 2001 proceder-se-ia à limpeza final e desenho das estruturas postas a descoberto. Uma nova limpeza seria efectuada em Dezembro de 2004, após a construção do edifício envolvente da muralha.

A lavagem dos materiais foi sendo feita à medida da sua recolha e depósito no Museu Municipal Leonel Trindade. A inventariação, fotografia, embalagem e organização definitiva do espólio decorreria já em Novembro de 2009.



Escavação arqueológica
Inventariação, fotografia e análise do espólio
Trabalhos de topografia e fotografia
Desenho arqueológico
Elaboração do relatório



3. ENQUADRAMENTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

3.1 – ENQUADRAMENTO LEGAL

O terreno intervencionado era propriedade da empresa *J. F. Carvalho Construções L.^{da}*, de Torres Vedras.

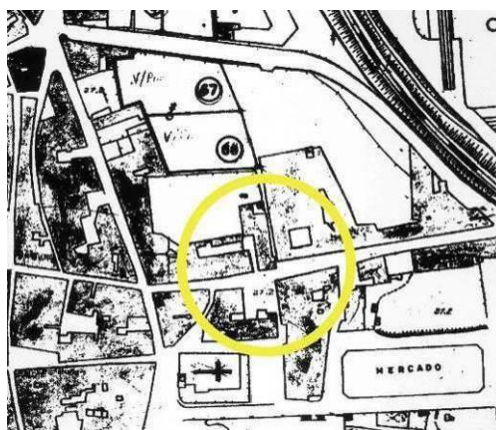
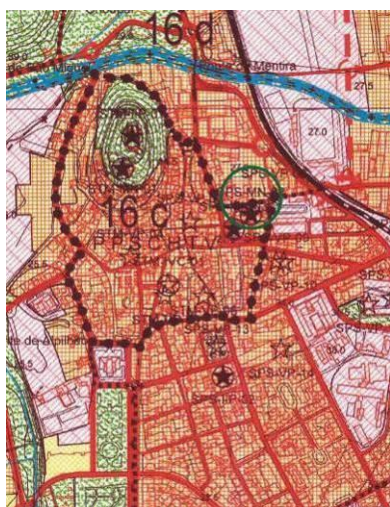


Fig. 3 – Extracto da Carta Cadastral.

A área de intervenção está abrangida por uma servidão administrativa, constituída pela zona geral de protecção ao Chafariz dos Canos – de 50m contados a partir do limite exterior do imóvel –, em virtude da sua classificação como Monumento Nacional, estabelecida por Decreto de 16 de Junho de 1910, publicado no Diário do Governo n.º 136, de 23 de Junho de 1910.

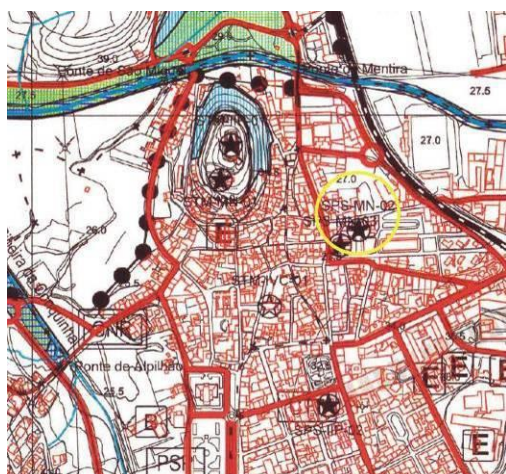


SOLO URBANO			SOLO DE URBANIZAÇÃO PROGRAMÁVEL	
SOLO URBANIZADO			Áreas Urbanizáveis	
Áreas Urbanas			Áreas de Equipamento Proposto	
Áreas Urbanas em Faixa de Risco			Áreas de Aptidão Turística	
Áreas de Equipamento Existente			Áreas Industriais Propostas	
Áreas de Desenvolvimento Turístico			PERÍMETRO URBANOS EM LEITO DE CHEIA	
Áreas de Parque de Campismo			PERÍMETROS URBANOS	
Áreas Industriais Existentes			PERÍMETROS DE NÍVEL I	PERÍMETROS DE NÍVEL III
SOLO AFECTO À ESTRUTURA ECOLÓGICA			PERÍMETROS DE NÍVEL II	PERÍMETROS DE NÍVEL IV
Áreas de Verde Ecológico Urbano				
Áreas Verdes				
ELEMENTOS DO PATRIMÓNIO NATURAL, ARQUEOLÓGICO E ARQUITECTÓNICO				
XXX-XXX-00		XXX-IVC-00		XXX-VP-00
Elementos Classificados	Elementos em Vias de Classificação	Outros Valores a Proteger		

Fig. 4 - Extracto da planta de ordenamento do PDMTV.



De acordo com o Plano Director Municipal de Torres Vedras, aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 144/2007, de 26 de Setembro, a zona em causa encontra-se integrada em solo urbanizado – área urbana consolidada.



CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO	
PATRIMÓNIO NATURAL	
RECURSOS HÍDRICOS I DOMÍNIO HÍDRICO	
Linhas de água e faixas de protecção	
Margens e Zonas Inundáveis (Zonas de risco - D.L.n.º 364/98)	
Águas Subterrâneas para Abastecimento Público	
ÁREAS DE RESERVA E PROTECÇÃO DE SOLOS E DE ESPÉCIES VEGETAIS	
Reserva Ecológica Nacional	
Reserva Agrícola Nacional	
Zonas Especiais de Conservação e Zonas de Protecção Especial (Rede Natura)	
Montados de Sobre e Azinho	
Árvores de Interesse Público	
RECURSOS GEOLÓGICOS	
Águas de Nascente	
RECURSOS GEOLÓGICOS (cont.)	
Água Mineral Natural	
Zona imediata de protecção	
Zona intermédia de protecção	
Zona alargada de protecção	
Pedreiras	
Concessão/Contrato de Exploração	
PATRIMÓNIO EDIFICADO	
Imóveis Classificados:	XXX-MN-00
Monumento Nacional	
Imóvel de Interesse Público	XXX-IP-00
Valor Concelhio	XXX-VC-00
Zona Especial de Protecção (Z.E.P.)	
Forte de São Vicente	XXX-IVC-00
Imóveis em Vias de Classificação	

Fig. 5 - Extracto da planta de condicionantes do PDMTV.

O Chafariz dos Canos e os edifícios a Sul do eixo da Rua Cândido dos Reis estão integrados no Plano de Pormenor de Reabilitação do Centro Histórico de Torres Vedras – na zona com o Grau de Protecção 2 –, publicado na IIª série do Diário da República n.º 230, de 6 de Outubro de 1992. No entanto, a área de intervenção arqueológica já não se encontra abrangida pelo referido plano.



3.2 – ENQUADRAMENTO ADMINISTRATIVO

Designação: Porta da Corredoura.

Localização administrativa:

Região	Centro
Sub-região	Oeste
Distrito	Lisboa
Concelho	Torres Vedras
Freguesia	S. Pedro e Santiago
Lugar	Torres Vedras
Rua	Rua Cândido dos Reis



3.3 – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

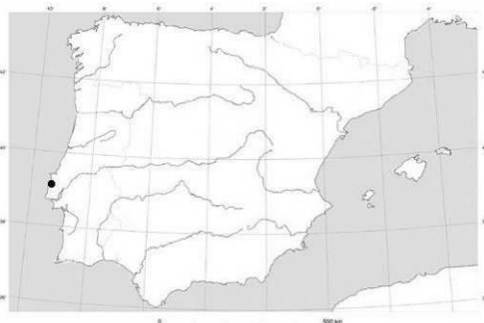


Fig. 6 – Localização na Península Ibérica.

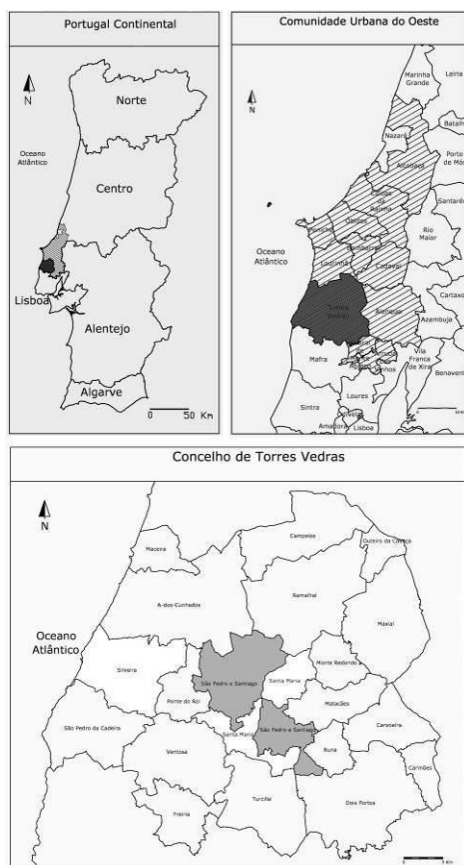


Fig. 7 – Localização nos mapas de Portugal e do concelho.



Coordenadas geográficas do sítio arqueológico:

Hayford-Gauss Datum 73		
	X	Y
Coordenadas Ponto Central	-97345,33	-63199,42
Coordenadas Geográficas	-09° 15' 32,890"	39° 05' 33,970"
Lisboa		
	X	Y
Coordenadas Militares	102654,57	236800,35
Coordenadas Geográficas	-09° 15' 25,336"	39° 05' 31,215"
WGS84		
	X	Y
Coordenadas UTM (Fuso 29)	477663,33	4327192,29
Coordenadas Geográficas	-09° 15' 29,859"	39° 05' 36,862"
ED50		
	X	Y
Coordenadas UTM (Fuso 29)	477783,89	4327404,96
Coordenadas Geográficas	-09° 15' 24,815"	39° 05' 41,402"
Altitude		
Cota		27m

A zona alvo de intervenção arqueológica situa-se na cidade de Torres Vedras, sede do concelho, em pleno centro histórico urbano. O quarteirão confronta, a Sul, com a Rua Cândido dos Reis e o Largo Infante D. Henrique; a nascente, com a Rua Dias Neiva; a Norte, com a Travessa Florêncio Augusto Chagas; e a poente, com a Rua 1º de Dezembro.

O local está implantado na zona baixa da cidade, próximo da antiga estrada real que ligava Coimbra a Lisboa (actual Rua Dias Neiva) – a poente – e da linha do caminho-de-ferro – a nascente. Pertence à área de influência da antiga paróquia e freguesia de S. Pedro, de cuja matriz está muito próximo.

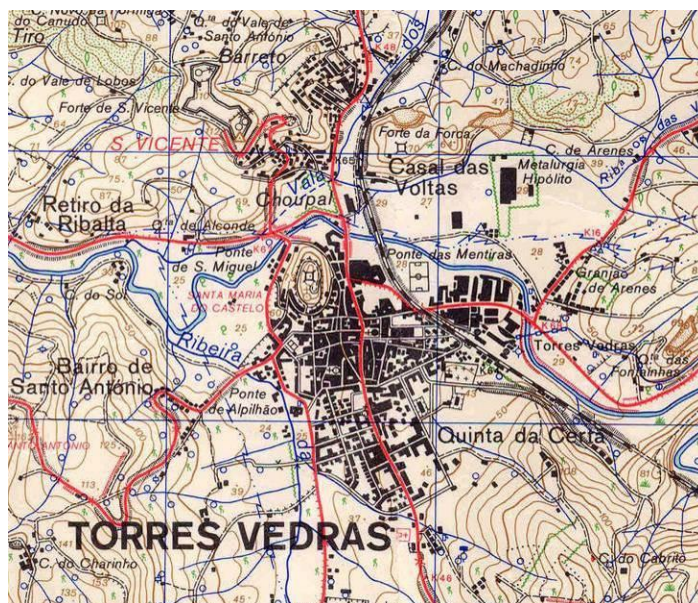


Fig. 8 – Localização da área urbana de Torres Vedras na folha n.º 374 da Carta Militar de Portugal.

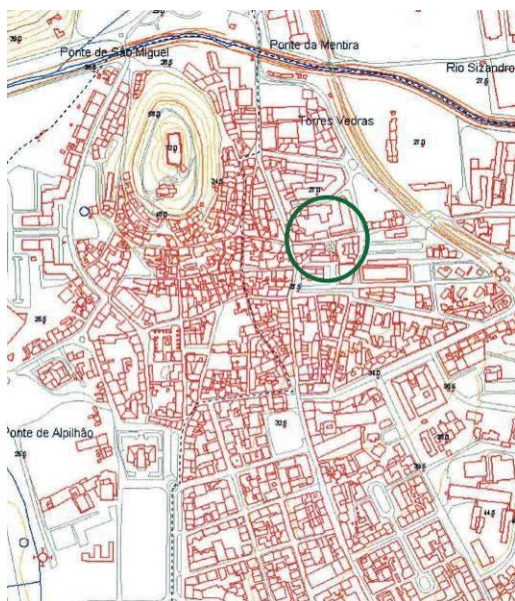


Fig. 9 – Extracto da carta 1: 10.000.



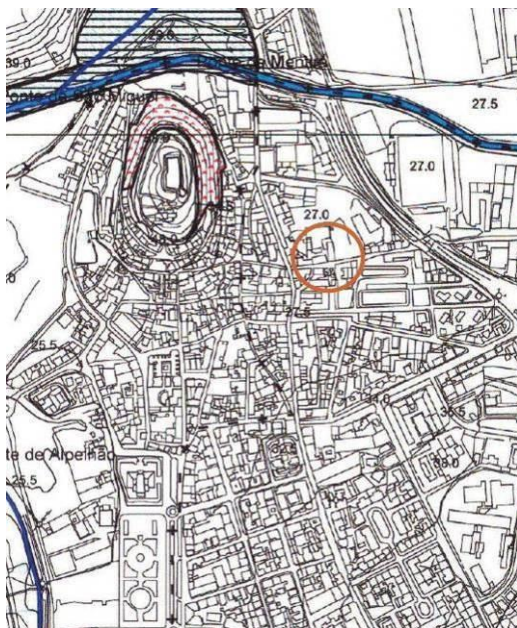
Fig. 10 – Extracto da carta 1: 2.000.

O quarteirão mencionado figura na folha n.º 374 (Torres Vedras) da Carta Militar de Portugal, na escala de 1: 25.000 (fig. 8) e na folha 30-C da Carta Geológica de Portugal, na escala de 1: 50.000.

A área de intervenção situa-se numa das zonas mais baixas da cidade, a cerca de 27m de altitude, relativamente ao nível do mar.



Figs. 11 e 12 – Vista aérea da zona de intervenção; assinalado, o prédio sob o qual se encontram as estruturas.



2- ZONAS RIBEIRINHAS, ÁGUAS INTERIORES E ÁREAS DE INFILTRAÇÃO MÁXIMA OU DE APANHAMENTO





- Leitos dos cursos de água 
- Zonas ameaçadas pelas cheias 
- Cabeceira de linhas de água 
- Áreas de máxima infiltração 

Fig. 13 – Extracto da planta da Reserva Ecológica Nacional.

Toda esta zona baixa da cidade foi, durante séculos, ciclicamente inundada pela acção conjunta do rio Sizandro – que corre a Norte e nascente – e das ribeiras do Alpilhão, dos Amiais e das Voltas, seus afluentes, cujos leitos limitam o núcleo urbano, respectivamente, a poente, Norte e nascente. Em conjunto, estes cursos de água tornam os terrenos da várzea, a zona baixa da



cidade, extraordinariamente férteis. Daí que a Corredoura tenha sido, tradicionalmente, um dos locais mais vitimados pelas sucessivas inundações destes terrenos.



Figs. 14 e 15 – Imagens das cheias de 1983, junto à Corredoura.

De acordo com Júlio Vieira, “a vila de Torres Vedras assenta sobre terrenos aluvianos que lhe têm modificado gradualmente uma parte da sua secção longitudinal. [...] Quem vivesse há séculos atrás não julgaria, por certo, que se desse a diferença tão sensível do levantamento que algumas partes mais baixas da vila têm sofrido. [...] Assim como as águas do rio Sizandro e confluente arrastam numerosas areias e seixos que engrossam os respectivos leitos, tornando-os mais altos de um ano para o outro, assim também as grandes e repetidas inundações dos campos que cercam a vila, originadas pelo extravasamento do rio e seus tributários, trazem nova camada de detritos, lodos e terras que aumentam sensivelmente o nível desses terrenos, ao mesmo tempo que acompanham o desnivelamento do próprio rio. Consequência imediata disto: o necessário levantamento dos canos de esgoto nas partes mais baixas da vila, o que obriga por seu turno ao alteamento dos pavimentos das ruas” (Vieira, 1926: 22-23).

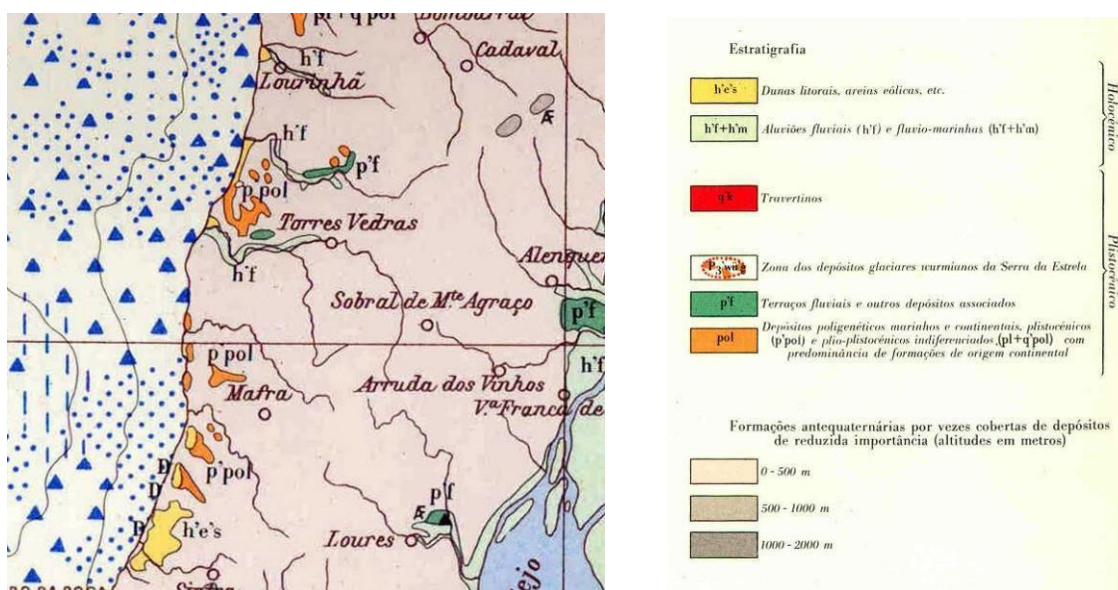


Fig. 16 – Extracto da Carta Geológica do Quaternário de Portugal (escala 1: 1.000.000).

O fenómeno de assoreamento e elevação das cotas do terreno, nesta zona do centro histórico da antiga vila tem, por isso, a sua origem nas inundações cíclicas dos cursos de água que cruzam a vasta Várzea onde se implanta a cidade.

Ainda segundo Júlio Vieira, na zona da Corredoura, *“há poucos anos, quasi se subia a calçada defendida por marcos, para se chegar ao tanque grande do chafariz, para o qual, hoje, se desce a mesma calçada. Presentemente, o pavimento dessa rua, junto ao armazém da União Fabril, tem um nível superior a metro e meio, em relação ao pavimento de há 30 anos. Quando ali se construiu aquele armazém, foi encontrada nas escavações do solo de então, uma calçada perfeita á profundidade de um metro abaixo do nível dessa época”* (Vieira, 1926: 25).

A alteração do curso do Sizandro, no final do século XX, e as obras de engenharia hidráulica que impermeabilizaram as suas margens, ajudaram a evitar grandes cheias, nos últimos anos. As cheias têm ocorrido sobretudo a nascente, mas a sua passagem para a zona urbana tem sido contida pela grande barreira que constitui o terreno de alicerçamento da linha do caminho-de-ferro.

A zona baixa da cidade é, por isso, do ponto de vista geológico, formada por vastas zonas de aluviões fluviais modernos, do Quaternário, que preenchem as bacias fluviais do rio Sizandro, e das ribeiras do Alpilhão, das Voltas e da Vala dos Amiais.

Diz ainda Júlio Vieira que, *“a confirmar as deduções baseadas na observação dos diversos factos que deixo relatados, temos ainda a prova evidente na análise que resulta dos terrenos junto ou*



dentro da vila, sempre que há necessidade de escavações; é que esses terrenos apresentam uma contextura de camadas desiguais e inconfundíveis que provam a sua origem aluviana, pela existência de contínuos e diversos sedimentos”. (Vieira, 1926: 25-26).



Fig. 17 – Extracto da Carta Geológica de Portugal, folha 30-C - Torres Vedras (escala 1: 50.000).

Os terrenos da zona baixa da antiga vila, sendo bastante produtivos do ponto de vista agrícola, foram sendo agricultados até a expansão urbanística o ter impedido de todo. Até ao final do século XIX, as habitações confinavam com quintais, pequenas hortas e terrenos agrícolas, de que ainda permanecem os vestígios na toponímia. Actualmente, os solos desta zona encontram-se urbanizados e, conseqüentemente, classificados como de área social.

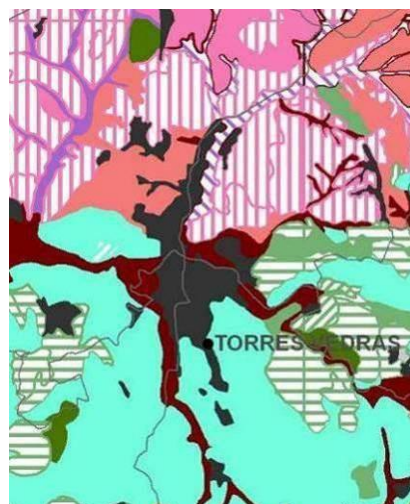


Fig. 18 – Extracto da Carta de Solos de Torres Vedras.



3.4 – ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A existência de um pequeno núcleo habitacional na colina do castelo, em Torres Vedras, é quase certa desde, pelo menos, a Idade do Cobre, ainda que os vestígios até agora recolhidos sejam manifestamente escassos. Mas a zona baixa da actual cidade terá sido igualmente habitada desde tempos muito remotos. Para além de uma sepultura do século VI a. C. – Idade do Ferro –, descoberta no local onde agora se ergue a capela de S. João, recentes escavações realizadas no edifício dos Paços do Concelho detectaram também vestígios de um nível de ocupação do final da Idade do Ferro, num local onde foram igualmente recolhidos alguns materiais romanos, de origem republicana (Cardoso & Luna, 2005: 70).

Os romanos terão ocupado o território torriense no final da década de trinta do século II a. C., logo depois de as tropas de Décimo Júnio Bruto terem tomado Lisboa, pelo ano 138 a. C. No castelo terão erigido duas cisternas, rebocadas com *opus signinum*, numa das quais foi encontrada, em 1948, uma lápide funerária epigrafada, referente a um filho de Quinto, da tribo Galeria (Belo, 1952a). Em 1979, foi recolhida do muro da escadaria de acesso à igreja de Santa Maria uma outra *árgula* funerária romana, pertencente a Quinto Bóvio Atimecião Vítor (Mantas, 1982: 35-42). O volume de achados romanos provenientes do interior do castelo é já considerável – destacando-se as *tegulae*, os projecteis de funda, uma fivela de tipo passador, entre outros objectos –, estando ainda por apurar a eventual origem romana das primeiras muralhas da fortificação.

Mas os achados romanos no centro histórico da cidade não se resumem ao castelo. Em 1930, aquando da abertura das fundações para a construção do novo mercado municipal, foi encontrada uma lucerna e um denário de prata da família Antónia, cunhado no ano 82 a. C. (Belo, 1952b: 2). Também na capela de S. João foi descoberto um pedestal funerário romano, dedicado a Marco Júlio Crescente, da tribo Galéria. Vasco Mantas (2000: 14-16) colocou a hipótese de a povoação corresponder à *Chretina*, mencionada por Ptolomeu.

Durante a ocupação árabe, Torres Vedras foi sede de circunscrição da província de Belata e, na fortificação, ter-se-ão instalado os líderes administrativos e religiosos locais, sob a protecção de uma linha de muralhas estruturada em redor da pequena colina, situada no limite Norte da povoação. Da presença muçulmana no castelo só nos chegou, até hoje – para além de diversos fragmentos de cerâmica fosca pintada em bandas –, a informação da descoberta de um túmulo de pedra contendo um grande alfange mourisco e um cadáver com uma espora, em 1718, aquando da abertura de um cabouco para o alicerce de um muro.



Após 1148, Torres Vedras caiu no domínio cristão, sob a liderança de D. Afonso Henriques. Desde a ocupação romana, mas mais acentuadamente durante a ocupação islâmica, que o povoado se estenderia num vasto perímetro exterior às muralhas do castelo, ao longo das encostas sul e nascente – que apresentam declives mais dóceis e orientação climática mais favorável –, englobando uma vasta zona do sopé da colina, onde recentes escavações arqueológicas puseram a descoberto um conjunto de silos com materiais islâmicos e cristãos, datados do final da dominação árabe e dos primeiros tempos da Reconquista (Cardoso e Luna, 2002 e 2005: 69; Luna e Cardoso, 2002b). Escavações realizadas a norte da Igreja de Santiago revelaram igualmente níveis de ocupação islâmica, alargando aquela que era a área de dispersão tradicionalmente atribuída à povoação, durante o período da ocupação árabe. A povoação estruturava-se, assim, no sopé e a meia encosta do morro do castelo, espalhando-se para a zona de várzea a Sudeste – de forma a evitar as zonas mais inundáveis – acabando por se unir ao núcleo defensivo, pela sua expansão até à zona fronteira ao troço sul da muralha do castelo.

A mais antiga descrição conhecida da urbe torriense é da autoria de Fernão Lopes e data do início do século XV, embora tenha sido feita com base em informação recolhida entre o final do ano de 1384 e o início do ano seguinte, durante o cerco que D. João, Mestre de Avis, impôs ao castelo. Refere o cronista régio que o *“lugar de Torres Vedras é uma fortaleza assentada em cima de uma formosa mota”*, tendo a vila a *“sua cerca arredor do monte”*, em cuja maior alteza está o castelo. E especifica que *“entre a vila e o castelo moravam tão poucos, de que não é fazer conta; e toda sua povoação era em um grande arrabalde de muitas e boas casas de bem ordenadas ruas, ao pé do monte”*. Desta descrição parece poder concluir-se que, no final do século XIV, a vila não seria amuralhada, achando-se indefesa perante os ataques externos, pois a cerca a que Fernão Lopes se refere corresponde apenas à muralha que rodeia o castelo, em torno da colina. A igreja de Santa Maria do Castelo, que se situa no interior do recinto castrense, é descrita como sendo *“dentro no lugar”*² (intramuros), enquanto a cerca do castelo é referida como *muro da vila*: *“o Mestre dizia que tirassem ao muro e às torres para as desfazer e derribar, e eles diziam que mandasse tirar ao pé [perto] do muro da vila”*³.

O mesmo se deverá depreender, assim, do conteúdo de uma carta de D. Fernando, datada de 5 de Setembro de 1380, em que o rei afirma que *“houve por bem que pudessem servir nos ofícios da Republica os que moravam no arrabalde da vila de Torres Vedras, não obstante ter ele mandado que somente servissem os que viviam dentro dos muros”*⁴. Também as reparações.

² Lopes, 1977: 410.

³ *Idem*: 411.

⁴ Carta impossível de localizar, mas referida em SANTOS, 1727: p. 347. Veja-se Rodrigues, 1995: 116, nota 17; Torres, 1861: 46, nota (b).



mandadas efectuar nas muralhas de Torres Vedras, por D. Fernando, foram sendo entendidas como relativas à cerca do castelo⁵.

A historiadora Ana Maria Rodrigues defende que terá sido o cerco levado a cabo por D. João I a revelar as fragilidades defensivas da vila e, conseqüentemente, a que se ponderasse a ideia da construção de uma muralha que cercasse e protegesse a urbe, como se depreende do texto de um contrato de emprazamento de uns pardieiros da colegiada de S. Pedro, realizado em 1393: “E se por ventura em algum tempo se cercar a vila e as ditas casas forem derrubadas por razão de cerca que se assim fizer que vós não sejais teúdos [obrigados] a fazer as ditas casas nem outrossim a pagar a dita pensão a nós como dito é”⁶.

Para a autora, tudo indica que a decisão de amuralhar a vila tenha vingado, baseando-se, para tal, numa escritura pública datada de 1411, em que é testemunha um vedor das obras “do muro de Torres Vedras”⁷. Fundamenta-se, também, numa queixa apresentada a D. Duarte, em 1434, pelos moradores do Gradil, que eram obrigados a servir pelos seus corpos e a pagar para as obras do muro torriense, quando eram escusados de tais encargos desde o tempo de D. Afonso IV⁸; situação da qual viriam os mesmos a pedir confirmação a D. Afonso V, em 1468, depreendendo-se daí, segundo a autora, que as obras do muro ainda prosseguiriam nesta data e que aqueles habitantes continuariam a ser chamados a nelas servirem⁹. Ora, por analogia com o que aquela historiadora defende relativamente às obras mandadas fazer por D. Fernando, nada indica que estas obras do muro não se refiram a obras na muralha do castelo, sobretudo se atendermos ao facto de que a dispensa dos moradores do Gradil, do pagamento para as obras do muro torriense, ter sido concedida por D. Afonso IV, muito antes, portanto, do cerco de D. João I, altura em que, segundo a mesma historiadora, e tomando por base a análise do texto de Fernão Lopes, a vila não seria ainda amuralhada.

Também um documento de 1341, redigido “ante a porta dos moynhos da Ponte pedrinha”¹⁰ levou os editores da obra do P.^e Madeira Torres a nele verem uma referência à porta norte das.

⁵ Registe-se, no entanto, o desacordo dos investigadores torrienses José António da Gama Leal e José Eduardo César de Faria e Vasconcelos, anotadores da obra do P.^e Madeira Torres, em 1859, quando se referem à descrição feita pelo P.^e António Carvalho da Costa: “Este A[utor]. diz que [D. Fernando] mandou fazer os muros de Torres Vedras. E por tanto não foi só o Castelo, mas também os muros da vila” (Torres, 1861: 63, nota (e)).

⁶ Rodrigues, 1995: 117.

⁷ *Idem*: 117-118 e nota 21.

⁸ *Idem*: 118, nota 22.

⁹ *Idem*: 118-119.

¹⁰ *Idem*: 122, nota 43.



muralhas da vila¹¹. No entanto, para Ana Maria Rodrigues, o documento referir-se-ia, com certeza, à porta dos ditos moinhos, pois a muralha não existiria ainda nesta data¹².

Não se sabe quando terão sido finalizadas as obras de fortificação, nem mesmo se terão sido concluídas, pois numa carta enviada pela Câmara de Torres Vedras a D. João III, datada de 1531, em resposta à intenção de transferir para a vila a Universidade, argumenta-se com a provável perturbação que os estudantes poderão provocar “*em uma vila como esta que não é cercada*”¹³.

Pelo menos uma parte da muralha estaria já construída em 1442, data em que a colegiada de S. Pedro emprazou um pardieiro que confrontava com o muro da vila, na Rua da Corredoura, próximo do Chafariz dos Canos – e suficientemente distante da cerca do castelo, para com ela poder ser confundida. O Tombo das propriedades da referida igreja refere, em 1488, tratar-se de “*uma morada de casas sobradadas, junto com o chafariz*”, que confrontava a norte com uma rua pública (a Rua da Corredoura) e a poente com o muro da vila¹⁴.

O Tombo da Igreja de Santiago, feito no século XVI, refere a existência de uma *terra de S. Francisco* – onde existiu uma Ermida de S. Francisco – que entestava na Várzea-Grande, junto da estrada que vai para o Varatojo, “*ficando-lhe defronte o muro da vila*”¹⁵.

Em 1516, D. Manuel ordenou o pagamento de duzentos mil reais a Antão de Oliveira para as obras do muro da vila, crendo-se que se trate, neste caso, das muralhas do castelo, cujas obras de reconstrução decorriam por esta altura, patrocinadas pelo mesmo monarca¹⁶.

As dúvidas sobre a construção e efectiva existência da muralha da vila baseiam-se no facto de dela praticamente não terem chegado, até aos nossos dias, quaisquer vestígios. Sabemos que as muralhas e as respectivas portas existiam ainda no final do século XVI, mas a partir do segundo quartel do século XVII as portas foram sendo gradualmente demolidas, provavelmente por terem deixado de constituir uma necessidade de segurança ou uma vantagem defensiva. É provável que parte das muralhas tenha ruído e que a população tivesse passado a ver nas suas ruínas um precioso manancial de pedra que, eventualmente, terá passado a reutilizar na construção de outras edificações contíguas. Em 1758 o pároco de Santa Maria refere expressamente que o

¹¹ “*Por um auto de posse dado à igreja de Santa Maria do Castelo d’esta vila em 22 de Agosto da era de 1379 (de Cristo 1341), que se acha no cartório da dita igreja no maço 13 dos pergaminhos n.º 17, de uns moinhos junto à Ponte Pedrinha, [...] se vê que a porta da vila n’aquele sítio se chamava – dos Moinhos da Ponte Pedrinha*” (Torres, 1861: 12). Ver Vieira, 1926: 88.

¹² Rodrigues, 1995: 122-123.

¹³ *Idem*: 119-120; Vieira, 1926: 210-211.

¹⁴ *Idem*: 120, nota 31.

¹⁵ Torres, 1861: 210, nota (a).

¹⁶ Rodrigues, 1995: 120, nota 32. Júlio Vieira data este alvará de 13 de Setembro de 1519 (Vieira, 1926: 86).



“muro em todo o circuito se acha demolido, e só na rua da Olaria se divisam ainda dele alguns vestígios nas casas, porque sobre ele levantaram a parede da rua [fachada principal]”¹⁷.

Diversas descobertas de antigas estruturas de cantaria soterradas, ocorridas aquando da realização de obras de beneficiação de pavimentos, construção de edifícios ou reparação de canalizações, têm sido associadas à muralha, levando os historiadores locais a proporem a sua direcção hipotética e a localizar as respectivas portas¹⁸. A toponímia urbana torriense, no entanto, parece confirmar a sua existência, quer através da designação de arruamentos – *Rua de Entremuros, Rua da Cerca e Caminho da Cerca* – quer das antigas portas da vila.

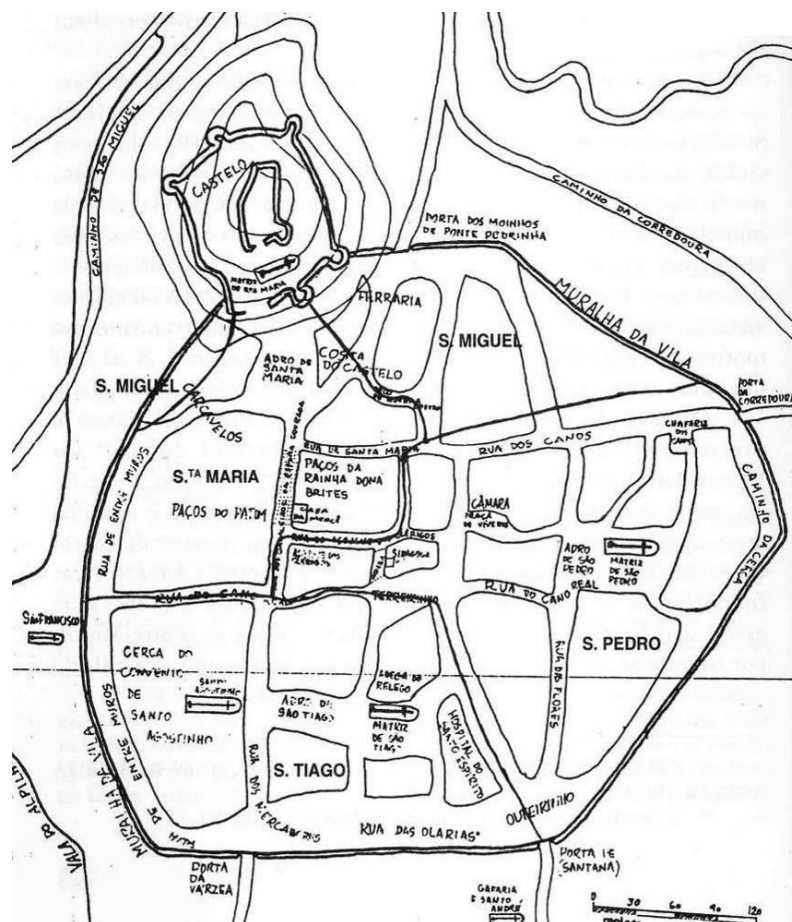


Fig. 19 – Reconstituição do perímetro das muralhas da vila, segundo Manuel Clemente.

Infelizmente, não são conhecidas referências às portas da vila, na documentação medieval. Uma das mais antigas referências surge na acta da Câmara Municipal de Torres Vedras, de 11 de Março de 1599: “*estando os ditos vereadores na praça (...), chegara Francisco Gomes, tabelião, e dera ao dito vereador Francisco Pereira as chaves das portas desta vila (...)* [e] assentaram que a

¹⁷ *Idem*, vol. 37: fl. 898-899.

¹⁸ “*Restos das muralhas, quase inteiramente soterradas, ou demolidas, que se descobrem nos mesmos sítios, servindo hoje de alicerces d’outros edificios*” (Torres, 1861: 11-12).



*vila se guardasse pela ordem que até aqui se guardou, que se guarde as portas com três homens cada dia, cada huma um nobre e dois mecanecos, servindo o nobre de cada porta de guardamora*¹⁹.

As restantes notícias que possuímos referem-se já ao período final de vida daquelas estruturas, ou mesmo à fase da sua destruição. A mais antiga referência específica a uma porta da vila data já do século XVII e consta do livro de registos da Câmara Municipal, como referiu Madeira Torres: *“Por alvará de 13 de Julho de 1641, que se acha no l. 5º do registo da câmara d’esta vila a fl. 81, se concedeu licença para ser demolido o recanto da muralha da porta de Santa Ana, que desfigurava o largo da Graça, para o fim de fazer-se aí uma boa Praça, e de trazer-se a ela água*”²⁰. O nome desta porta provinha da ermida de Santana, que lhe ficava próxima (mais próxima do que o Convento da Graça), embora já fora de muros²¹.

Em 1712, o P.^o António Carvalho da Costa diz ainda existirem, no seu tempo (século XVII), três portas: as da Várzea, de Santana e da Corredoura²², dando a entender que a Porta de Santana só terá sido efectivamente demolida bastante tempo após a deliberação de o mandar fazer.

Da porta de Santana possuímos uma notícia de 27 de Abril de 1731, constante do tomo dos bens da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, que refere um *“cano de água que vem dos moinhos de vento pelas portas de Santa Ana”*. Também a 19 de Maio de 1731 o mesmo tomo se refere a uma casa que *“fica fronteira ao terreiro e largo chamado da porta de Santa Ana fazendo face para duas ruas uma que vai para o paço da rua das flores e outra que vai para a Igreja de São Pedro desta vila*”²³, constatando-se a possibilidade de a designação do largo poder ter persistido, mesmo após a demolição da porta, a exemplo do que aconteceu com a *Porta da Várzea*, cuja denominação chegou até aos nossos dias, agora transformada em designação toponímica.

A porta da Várzea, que tomou o seu nome *“d’um belo e grande baldio, ou logradouro do Concelho, que logo se lhe seguia, à saída da vila e sul d’ela, pela estrada real para Mafra*”²⁴, terá sido destruída em 1734. O P.^o Madeira Torres refere que *“no l. 18 dos acórdãos da câmara, a fl. 241, se acha um assento com a data de 26 de Setembro de 1734 para demolir-se a muralha da Porta da Várzea por ocasião de fazer-se a calçada por ordem de Sua Majestade, (chegando talvez até aqui a do novo caminho de Mafra), e para empregar-se nesta a sua pedra*”²⁵. Segundo Júlio Vieira, a demolição desta porta terá ocorrido *“porque ofendia a estética e o asseio daquela*

¹⁹ Veiga, 2003: 160.

²⁰ Torres, 1861: 12, nota (a). Ver Vieira, 1926: 89.

²¹ *Idem*: 11, nota (a).

²² Costa, 1712: 18, *apud* Rodrigues, 1995: 121.

²³ Santa Casa, 1731: fl. 20.

²⁴ Torres, 1861: 11, nota (a).

²⁵ *Idem*: 12, nota (a).



*entrada*²⁶. Sobre o arco desta porta tinha D. João IV mandado colocar o padrão à Imaculada Conceição, que ordenara que se pusesse em todas as entradas das vilas, e que foi transferido, em 1745, para a escadaria do edifício dos Paços do Concelho, onde ainda se encontra²⁷.

Em 1758 já não existiam vestígios visíveis, quer das muralhas, quer das respectivas portas. Na resposta ao Inquérito Paroquial de 1758, os párcos de S. Pedro e de Santiago referem, respectivamente, que a vila *“também não é murada e somente tem um castelo que se diz foi fabricado pelos mouros”*²⁸ e que *“foi murada toda e com quatro portas que já tudo está extinto”*²⁹. O pároco de Santa Maria refere ter sido a vila *“antigamente murada com portas nas suas entradas, cujo muro em todo o circuito se acha demolido”*³⁰.

Em 1819, o P.^o Madeira Torres refere: *“foi a vila antigamente fechada, do que ainda existem vestígios pelos nomes de diversos bairros denominados – Porta da Várzea, de Santa Ana, da Corredoura; e pelos restos das muralhas, quase inteiramente soterradas, ou demolidas, que se descobrem nos mesmos sítios, servindo hoje de alicerces d’outros edifícios”*³¹.

A existência, *“ainda hoje”* (1997), de um troço de muralha junto ao mercado municipal, referido por Henrique Vieira³², não se comprovou. Trata-se de uma casa de arquitectura saloia, constituída por um corpo torreado, de dois pisos³³, na qual alguns torrienses pretenderam ver uma torre quadrangular da muralha. Sondagens realizadas pelo Museu Municipal Leonel Trindade, com a remoção de zonas do reboco exterior do imóvel, descartaram esta possibilidade.

Júlio Vieira, em 1926, defendia que os muros da vila nasciam da muralha exterior do castelo [barbacã],

*“cuja origem do lado nascente se pode ajuizar pelas ruínas de um pegamento fronteiro à pequena torre daquele sítio. [...] Das muralhas da vila não existem hoje vestígios, à excepção do pegamento já indicado na parte leste do castelo. Os restos ou estão todos soterrados pelos sucessivos alteamentos que a vila tem sofrido ou servem de alicerces e embasamentos a várias construções”*³⁴. Considera o autor poder reconstituir-se fielmente a direcção das muralhas da vila *“desde o aludido ponto do Castelo, tomando-se uma linha em directriz ao poço que o Sr. João Ferreira abriu*

²⁶ Vieira, 1926: 89.

²⁷ Torres, 1861: 12, nota (a). Ver Vieira, 1926: 89-90.

²⁸ Cardoso, 1758, vol. 79: fl. 891.

²⁹ *Idem*, vol. 37: fl. 904.

³⁰ *Idem*, vol. 37: fl. 898-899.

³¹ Torres, 1861: 11-12.

³² Vieira, 1997: 5.

³³ De acordo com Fernandes e Janeiro, 1991.

³⁴ Vieira, 1926: 84 e 88.



no interior da sua casa que faz gaveto para o largo dos Pelomes³⁵. [...] Do sítio dos Pelomes, ou antes da Ponte Pedrinha, seguia a muralha em linha possivelmente sinuosa até à Corredoura. [...] Daqui devia dirigir-se a muralha em linha transversal a apanhar parte da rua da Cerca pelas alturas das oficinas de ferreiro do falecido Manuel dos Passos, para depois acompanhar a mesma rua, certamente pelo lado exterior para o sul, e recurvar pelas alturas do ângulo recto da rua das Flores para o largo da Graça. [...] Seguindo a rua da Olaria pelas traseiras dos prédios da face sul a cortar provavelmente em linha recta até adiante do paço que está ao fundo da mesma rua, teremos o seguimento das muralhas, as quais, devendo enviesar um pouco além do paço, iam dar à principal entrada da vila, chamada porta da Várzea³⁶. [...] A muralha do lado poente da vila partia da porta da Várzea até entroncar no muro exterior da porta do Castelo e próximo a esta. Daquele muro exterior vêem-se hoje uns vestígios servindo de alicerces a outros muros e a uns casebres que existem na viela que corre ao lado das muralhas altas do Castelo e desce para S. Miguel. Para se traçar a verdadeira direcção das muralhas da vila do lado poente, preciso era conhecer alguns pontos de referência que hoje não existem. [...] Limitar-me-hei a pressupor o seguimento das ditas muralhas, desde a porta da Várzea pela cerca e traseiras do prédio do Sr. José Lobo Mendes, traseiras do Patim, a cortar o largo de Santo António em direcção à porta do castelo³⁷.

Na Corredoura, “próximo ao chafariz dos Canos e adiante do Paço que ali se vê, existiu a porta leste da vila, chamada da Corredoura³⁸. Os anotadores da obra do P.^o Madeira Torres revelam-nos a descoberta de vestígios desta porta, em 1859: “D’esta porta se acharam vestígios no mês de Agosto d’este presente ano de 1859, porque, derrubando José Filipe Capote uma pequena casa junto ao passo da irmandade dos Passos, que há naquele sítio, da parte do sul d’ele, se acharam não só parte do muro da vila, que por ali seguia, mas também as pedras do trancadouro, e algumas do arco da mesma porta, e tudo de boa cantaria³⁹.”

³⁵ “O Sr. João Ferreira construiu recentemente, no sítio dos Pelomes, um prédio que faz esquina para a estrada nacional n.º 61 e cujo gaveto olha para a ponte da Mentira. Teve aquele senhor necessidade de abrir um poço naquele prédio. Pois a cerca de quatro metros de escavação do terreno para essa obra, encontraram-se restos bem visíveis da antiga muralha da vila, cuja direcção ficou claramente definida” (Vieira, 1926: 25).

³⁶ “Pouco mais ou menos no pequeno largo que enfrenta com a rua dos Cavaleiros da Espora Dourada” (Idem: 91).

³⁷ Vieira, 1926: 88-92.

³⁸ Idem: 88.

³⁹ Torres, 1861: 11, nota (a).

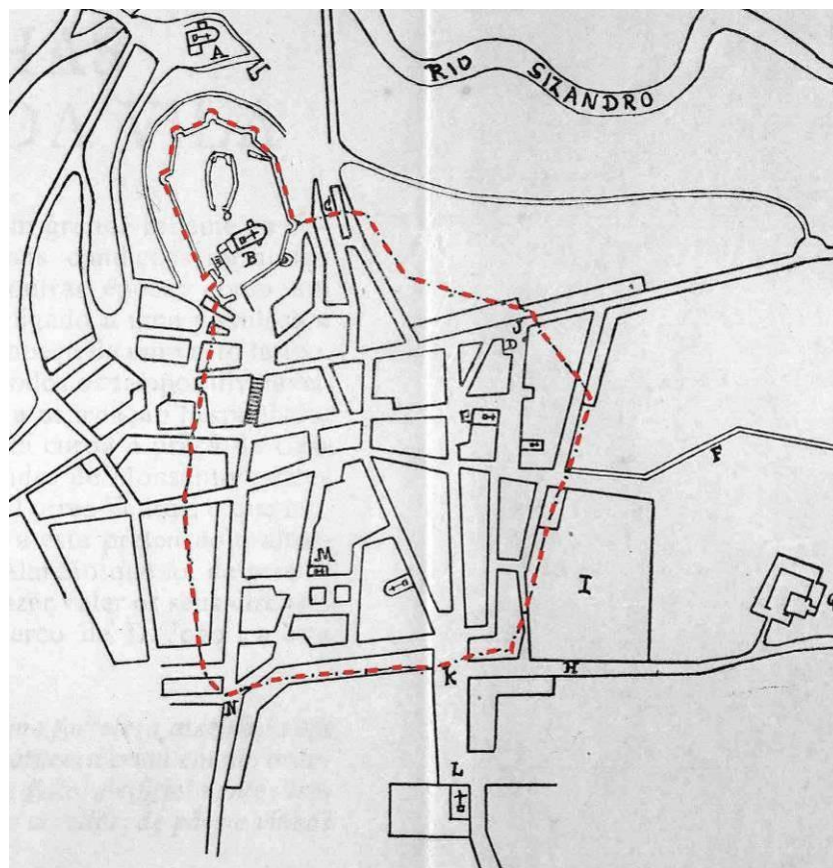


Fig. 20 – Reconstituição hipotética do perímetro das muralhas, segundo Júlio Vieira.

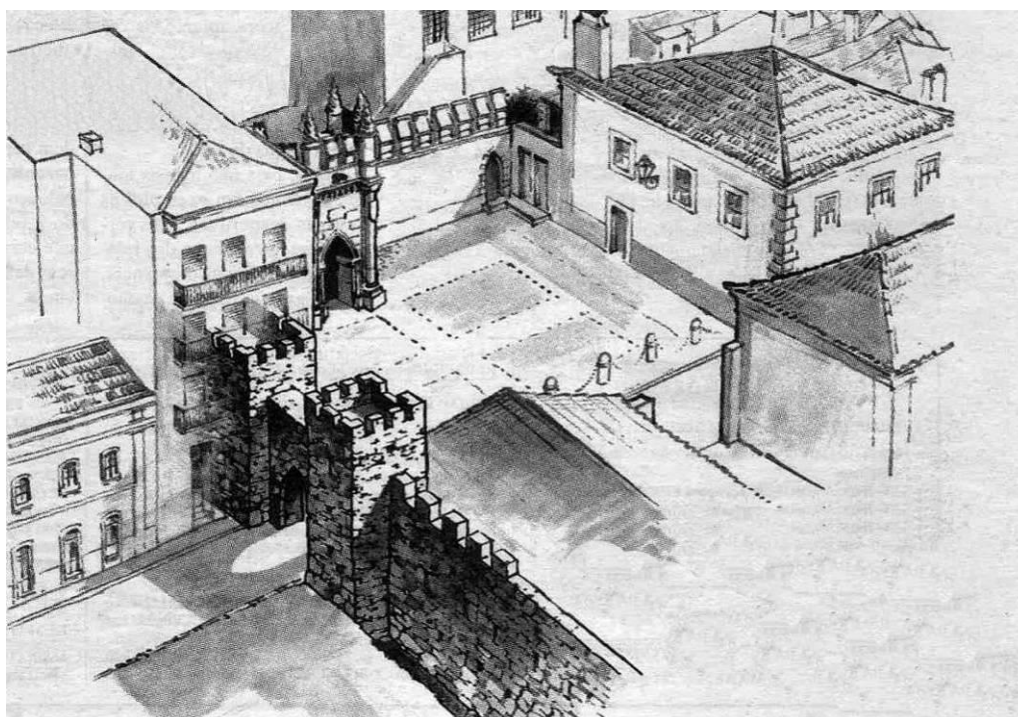


Fig. 21 – Reconstituição virtual da Porta da Corredoura, segundo José Pedro Sobreiro.



A antiga Rua da Corredoura corresponde ao *decumano* da povoação romana que antecedeu a vila medieval torriense, onde se cruzava com o *cardo*, identificado com a Rua dos Cavaleiros da Espora Dourada. Patenteando a ancestralidade do povoado, este sistema urbano baseia-se na doutrina clássica de Vitruvius, do cruzamento de dois arruamentos principais – dois eixos estruturantes do espaço urbano –, alinhados pelos pontos cardeais e definidores do restante desenho urbanístico da povoação: “os Romanos faziam as ruas das cidades na mesma largura que tinham as vias militares, ou estradas reais; terminavam-se nas portas delas, ou nas praças: a segunda sorte de ruas era mais estreita, e correspondia a sua largura à dos caminhos de travessa, que saíam das vias militares”⁴⁰. A Rua da Corredoura, alinhava-se no sentido nascente-poente e, passando pelo largo do castelo, terminava na praça da Corredoura, dando acesso à estrada real que conduzia ao Ribatejo, passando por Runa⁴¹.

A Corredoura é uma zona da vila referenciada desde a Idade Média. Um documento de 1225 menciona, “entre as confrontações das casas vendidas a esse mosteiro [de Alcobaça], a praça da Corredoira”⁴². Em 1859 era também designada por largo *dos Canos*⁴³, devido à presença, no local, do notável Chafariz dos Canos. A designação da rua, aliás, conviveu sempre com as denominações paralelas de Rua do Chafariz e Rua dos Canos e, ainda nos nossos dias, a Corredoura continua a ser popularmente mais conhecida do que a Rua Cândido dos Reis.

A palavra *corredoura* – com as variantes *corredoira* e *corredor* – era utilizada no português antigo, com o significado de “*lugar ou caminho de passagem*”, muitas vezes referente a antigas vias de origem romana. Júlio Vieira vê nela “*rua larga e comprida, própria para corridas*”⁴⁴. Na verdade, tratando-se, normalmente, de um dos eixos estruturantes de uma povoação, de largura e comprimento superiores às da generalidade dos restantes arruamentos e dando acesso a estradas de ligação inter-regional, era muitas vezes utilizada para os exercícios próprios da instrução dos corpos militares locais. A Corredoira incluía, assim, “*não só a rua e a porta do mesmo nome, como o caminho que as prolongava para lá da muralha*”⁴⁵. Para justificarem a designação toponímica da rua, os editores de Madeira Torres vão buscar o texto das Ordenações Filipinas, de 1603 – o que não responde à origem medieval da denominação: “*E toda a pessoa, que tiver campo ou pardieiro a par do muro da vila, pode-se acostar a ele, e fazer casa sobre ele. Porém fica sempre obrigado, se vier guerra ou cerco, de a derribar e dar por ela corredoura e serventia*”⁴⁶.

⁴⁰ Sanches, 1756, *apud* André, 2008.

⁴¹ Torres, 1861: 31, nota (b).

⁴² Rodrigues, 1995: 121, nota 36.

⁴³ Torres, 1861: 13, nota (a).

⁴⁴ Vieira, 1926: 88.

⁴⁵ Rodrigues, 1995: 135.

⁴⁶ Ordenação 1ª, Livro 1, título 68, § 41 (Ordenações filipinas, 1870: 162); Torres, 1861: 11, nota (a).

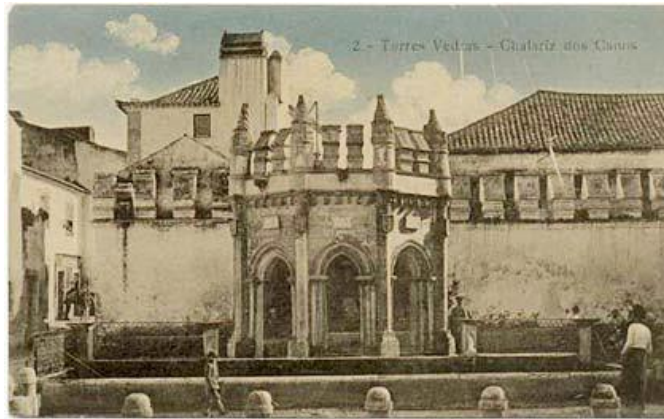


Fig. 22 – Chafariz dos Canos, no início do século XX.

No largo da Corredoura situa-se o Chafariz dos Canos, um dos mais notáveis monumentos torrienses⁴⁷. Ignora-se a data da sua construção, mas será posterior a 1225, uma vez que a escritura de doação já anteriormente citada (ver nota 42) não refere a existência de qualquer fonte no local. Sabe-se que já existia em 1331, por um emprazamento pertencente ao cartório da Igreja de S. Pedro, que refere umas casas junto à “*Fonte dos Canos*”, ao norte da qual se situavam, também, umas casas *d’almoinha* de D. Orégo⁴⁸. A construção, de estilo gótico, apresenta arcos ogivais, apoiados em capitéis com decoração vegetalista, bem como gárgulas e escudos representando os brasões real e municipal. As ameias e os coruchéus que o encimam foram-lhe acrescentados já no século XVI, aquando da reconstrução mandada efectuar pela Infanta D. Maria, em 1561⁴⁹. Voltaria a ser restaurado em 1831, pelo Corregedor Inácio Quintela Emaúz⁵⁰. A sua descrição predial, de 1874, diz tratar-se de um Chafariz “*denominado dos - Canos -, situado nesta vila no largo dos canos, o qual parte do sul com Francisco Soares de Medeiros, e dos mais lados com ruas*”⁵¹.

De acordo com o já referido documento de 1488 (ver nota 14), pertencente ao Tombo das propriedades da igreja de S. Pedro, a existência de “*casas sobradadas, junto com o chafariz*”, confrontando a norte com a Rua da Corredoura e a poente com o muro da vila, demonstrava a existência, já nesta época, de habitações na zona exterior da muralha. Indicava, ainda, que a porta da Corredoura deveria situar-se muito próximo do Chafariz dos Canos.

⁴⁷ Vieira, 1926: 93-95; Rodrigues, 1995: 175; Torres, 1861: 64-65.

⁴⁸ Torres, 1861: 64, nota (a). Almoinha é uma palavra de origem árabe que significava horta ou quintal, geralmente no interior de uma povoação; Rodrigues, 1995: 175, nota 208.

⁴⁹ Torres, 1861: 64, nota (b); Azevedo, Ferrão e Gusmão, 1963: 50; Pinto, 1998: 96.

⁵⁰ *Idem*: 65; Vieira, 1926: 95.

⁵¹ Conservatória do Registo Predial de Torres Vedras, Livro de Descrições Prediais n.º B-10, fl. 149, descrição 3.823.



Fig. 23 – Chafariz dos Canos, no início do século XX.

Ao longo dos séculos, a Rua da Corredoura foi assistindo a uma elevação das cotas do terreno, devido ao fenómeno de assoreamento provocado, fundamentalmente, pelas constantes cheias do Sizandro. Júlio Vieira refere que “há poucos anos, quase se subia a calçada defendida por marcos, para se chegar ao tanque grande do chafariz, para o qual, hoje, se desce a mesma calçada”. E acrescenta que “quando ali se construiu aquele armazém [da União Fabril], foi encontrada nas escavações do solo de então, uma calçada perfeita à profundidade de um metro abaixo do nível dessa época”⁵². A casa fronteira ao chafariz, por exemplo, datada do século XVIII, tem o piso interior 85cm mais baixo do que o nível da rua.



Fig. 24 – Zona da Porta da Corredoura, na planta elaborada por Manuel Clemente.

⁵² Vieira, 1926: 25.



Fig. 25 – Zona da Porta da Corredoura, numa planta militar do segundo quartel do século XIX.

A 6 de Janeiro de 1744 é passada uma licença ao Dr. António Pedro Machado, cuja casa se situa defronte do Chafariz dos Canos, para poder cobrir a água do sobejo do Chafariz dos Canos e encaná-la para o seu quintal, obrigando-se ao conserto e limpeza do dito cano:

“Iniciou a dizer por sua petição o desembargador António Pedro Machado que ele se achava de posse de tempo imemorial de recolher o sobejo da água dos Canos desta vila em tanques das suas casas fronteiras a eles e porque a dita água atravessava a rua pública de contínuo por laje de carruagens e por correr descoberta se faziam muitos lameiros e impossibilitava de gente de pé muito principalmente aos que caminhavam para a rua da Corredoira e aos moradores dela aonde a água desencaminhada por causa das carruagens os fazia grandes em aquela rua, o que era prejudicial à saúde dos mesmos moradores como é notório e o fazia o suplicante certo por certidões de médicos, sendo necessário, e não menos era também prejudicial a referida água às possessões desta vila por todas se estenderem ao mesmo sitio e só por esta razão, havia anos que este Senado pretendeu obrigar ao suplicante a recebê-la coberta o que agora queria executar à sua custa, ficando a rua enxuta com utilidade comum e do mesmo suplicante que o não podia fazer sem nossa licença nos pedir [...]. Damos licença ao dito desembargador para que possa cobrir e encanar a água do sobejo dos Canos desta vila, ficando porém obrigado ao conserto e limpeza do dito Cano. [...] Dada nesta vila de Torres Vedras sob nossos sinais e selo do concelho que é o que ante nós serve, aos dezoito dias do mês de Janeiro de mil e setecentos e quarenta e quatro. João Ambrósio Barretto de Pina que o escrevi”⁵³.

⁵³ Documento inédito (coleção particular).

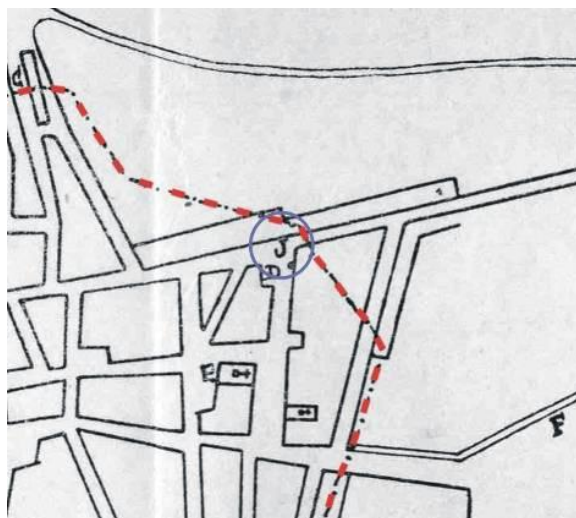


Fig. 26 – Zona da Porta da Corredoura, numa planta da primeira metade do século XVIII.

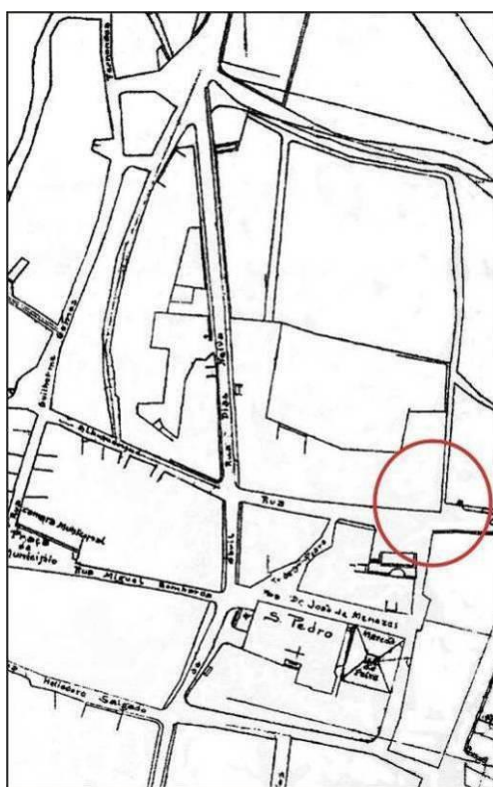


Fig. 27 – Planta de Torres Vedras, vendo-se a vala de servidão dos sobejos das águas do Chafariz dos Canos (anos 30 do século XX).

Também a descrição predial do Chafariz dos Canos, de 22 de Dezembro de 1874, refere ser este chafariz “obrigado a dar os sobejos da água que sai do tanque grande, ao prédio n.º 3.822, descrito a f. 148vº deste livro, por dois canos que atravessam a rua pública e que levam a água ao



quintal do prédio” [...] ⁵⁴. A inscrição n.º 990, do mesmo ano, diz ser “esta servidão por dois canos, que atravessam a rua pública e trazem a água que sai do tanque grande do prédio serviente e que entra no quintal do prédio dominante, com a condição do dono deste prédio ser obrigado ao concerto e limpeza dos ditos canos” ⁵⁵. Este tanque foi desmantelado por volta de 1966 e as esculturas de peixes que o guarneciam foram depositadas no Museu Municipal.



Fig. 28 – A casa solarenga existente defronte do Chafariz e o *stand* de automóveis *Comauto*.

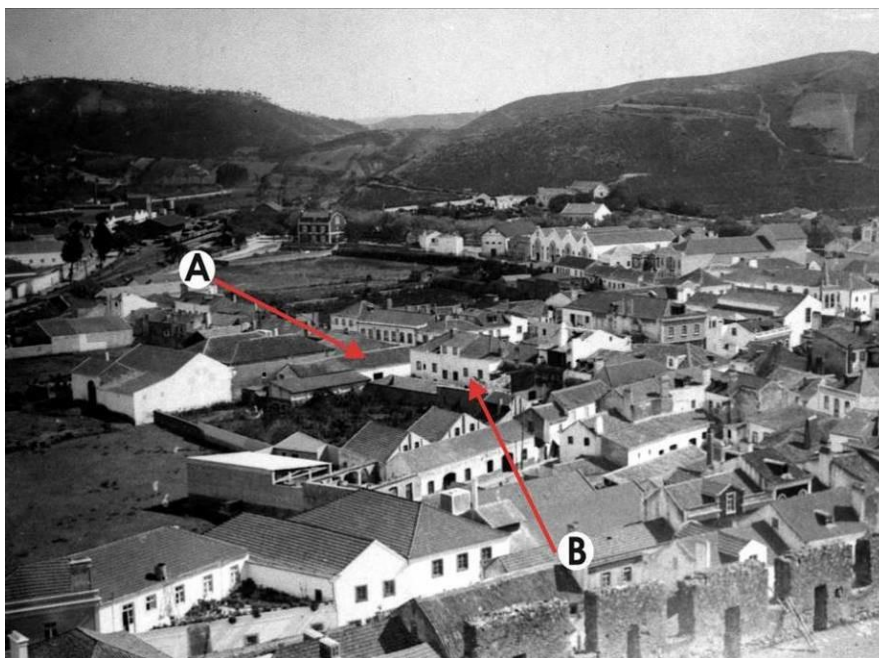


Fig. 29 – Torres Vedras, primeira metade do século XX, vista de noroeste:

- A – Edifício onde viria a funcionar o *stand* *Comauto*;
- B – Casa solarenga, fronteira ao Chafariz dos Canos.

⁵⁴ Conservatória do Registo Predial de Torres Vedras, Livro de Descrições Prediais n.º B-10, fl. 149, descrição 3.822.

⁵⁵ *Idem*, fl. 148.



A casa solarenga acima mencionada continua a existir actualmente, defronte do chafariz, encontrando-se na posse de Manuel Rosa da Silva. Ainda em 1930 a descrição predial mencionava, nas suas confrontações, *“este prédio [...] parte do norte com várzea de Manuel Francisco Marques, do nascente com o cano real de esgoto que separa este prédio da adega dos herdeiros de José Filipe Duarte Capote”*, referindo-se ao cano das águas do chafariz.

A 22 de Dezembro de 1874, a casa era descrita da seguinte forma: *“Casas d’altos e baixos e quintais pegados e murados, situadas, n’esta vila na rua dos Canos, que partem de nascente com José Filipe Duarte Capote, norte com várzea de Francisco José de Bastos e Silva, poente com Joaquim Tavares de Medeiros e sul com a dita rua dos Canos”*. A implementação das operações urbanísticas que dariam origem à realização dos trabalhos arqueológicos no local, em 2000, viriam a ocupar os terrenos correspondentes aos seus antigos logradouros e construções anexas (quintal, cocheira, garagem, telheiro e pátio, ainda referidos na descrição de 1969).



ANEXO

Licença para o D[esembargado]r. Ant.º Pedro Machado poder cobrir a agoa do subejo do Xaferis dos Cannos e emcanalla para o seu quintal obrigandoce do concerto e limpeza da dita agoa, em 6 de Janeiro de 1744.

O Juiz Prezidente, Vereadores, Procurador do concelho do Sennado da Câmara desta villa de Torres Vedras e seu termo cabeça de sua comarca por Sua Majestade que Deos guarde. A todos os Corregedores, Provedores, Ouvidores, Julgadores, Juizes, justiças officiais e mais pessoas a honde e perante quem e a cada hum dos quaes esta nossa carta de licença em forma for apresentada e o conhecimento dela com direito e diretamente deva e haja de pertencer e o seu devido effeito inteiro e real cumprimento e execussam della e com ella da nossa parte se lhes pedir e requerer por qualquer modo maneira ou razam que seja a todos em geral e a cada hum em particular em suas jurisdições a quem fazemos saber em como nesta villa de Torres Vedras no Sennado da Câmara della nos iniciou a dizer por sua petissam o desembargador António Pedro Machado que elle se achava de posse de tempo immemorial de recolher o sobejo da agoa dos kannos desta villa em tanques das suas cazas fronteiras a elles e porque a ditta agoa atravessava a rua publica de continuo por laje de carroages e por correr descuberta se faziam muitos lameiros e impossibilitava de gente de pe muito principalmente aos que caminhavam para a rua da Corredoira e aos moradores della ahonde a agoa dezencaminhada por cauza das carroages os fazia grandes em aquella rua o que hera prejudicial a saúde dos mesmos moradores como he notório e o fazia o suplicante serto por certidões de médicos, sendo necessário, e nam menos hera também prejudicial a referida agoa as pocessoes desta villa por todas se extenderem ao mesmo sitio e só por esta razam, havia annos que este Sennado pertendeo obrigar ao suplicante a recebella cuberta o que agora queria executar a sua custa ficando a rua inxuta com utilidade comum e do mesmo suplicante que o nam podia fazer sem nossa licença nos pedir por fim de sua petissam lha comcedecemos para o referido visto o que alegava e visto por nos seu requerimento, atendendo a elle e a ser justo [visto?] direito e conforme, informado do Procurador do concelho e misteres a quem se porpos este requerimento e nam tiveram duvida, mandamos por nosso despacho que se lhe dece e pasace licença para o suplicante cobrir a dita agoa ficando porem obrigado ao concerto e limpeza do dito canno, e por bem do qual despacho se lhe deu e passou athe a presente, pella qual damos licensa ao dito dezembargador para que possa cobrir e emcanar a agoa do subejo dos kannos desta villa, ficando porem obrigado ao conforto e limpeza do ditto canno, e mandamos a todos os officiaes de justiça desta villa e seu termo e as mais justiças no principio desta escritas e declaradas pedimos e



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

requeremos da parte de Sua Majestade que Deos guarde que sendolhes apresentada esta nossa carta de licença o cumpram e accordem como nella se conthem e cumprimento deixem livremente ao suplicante emcanar e cobrir a agoa de que faz mensam para dentro para o seu quintal por quanto por nos assim he mandado. Dada nesta villa de Torres Vedras sob nossos signaes e selo do concelho que he o que ante nos serve, aos dezoito dias do mês de Janeiro de mil e setecentos e corenta e quatro. Joam Ambrósio Barretto de Pina que o escrevi.

João Ant.^o Peixoto de Figueiredo

Deonísio José Barreto

Jacinto Correa de Mesquita.

Ao selo – Paga 6 reis.

Torres Vedras 30 de Janeiro de 1744

João de Figueiroa Rêgo.



Carta do Sr. Heitor Macedo datada de 12-12-76
 para o Sr. Dr. João de Sousa e Silva
 do Museu Nacional de História Natural
 e da Universidade de Lisboa
 sobre a descoberta de um túmulo
 em Torres Vedras.



O Sr. Dr. Heitor Macedo, Presidente da
 Associação de Amadores do Castelo de Torres Vedras,
 vem por este meio informar a V. Exa. que
 em 12 de Dezembro de 1976, durante as
 obras de reparação do Castelo de Torres Vedras,
 foi descoberto um túmulo no local conhecido
 por "Linha da Moura", situado a cerca de
 50 metros do Castelo. O túmulo apresentava
 a forma de um círculo de pedra, com um
 diâmetro de aproximadamente 1,5 metros.
 No interior do túmulo, foram encontrados
 alguns objectos, incluindo uma espada de
 pedra, um punhal de pedra e alguns
 fragmentos de cerâmica. Estes objectos
 foram recolhidos e enviados para o Museu
 Nacional de História Natural e da Universidade
 de Lisboa, para serem estudados e
 identificados. A descoberta deste túmulo
 é muito interessante, pois demonstra a
 presença de povos pré-históricos na
 região de Torres Vedras.



4. CONDIÇÃO DO SÍTIO ANTES DO INÍCIO DOS TRABALHOS

Em Outubro do ano 2000, a demolição dos edifícios confinantes com o *stand* de automóveis *Comauto*, a nascente, viria colocar a descoberto a fachada nascente daquele imóvel. O sistema construtivo e o tipo de alvenaria utilizados, bem como a existência de frecheiras para entrada de luz, então conotadas com seteiras defensivas, levaram à interpretação da fachada como um eventual troço da antiga muralha medieval da vila. A mesma parecia formar, junto à Rua Cândido dos Reis, uma estrutura torreada, de planta quadrangular, que sugeria um cubelo da muralha.



Figs. 30 e 31 – Interior do *stand* de automóveis, antes da demolição do imóvel.

Para esclarecer a origem e funcionalidade da estrutura, foi proposta a realização de sondagens arqueológicas, iniciadas em Novembro do mesmo ano.



Fig. 32 – Fachada nascente do *stand*, antes do início das demolições.



Fig. 33 – Fachada nascente do *stand*, com vestígios do edifício contíguo.



Figs. 34 a 36 – Faixa de servidão dos sobejos das águas do chafariz, visível após a demolição do edifício contíguo ao *stand* de automóveis.

Aquando do início dos trabalhos, todas as antigas construções existentes em redor do local haviam sido demolidas, mantendo-se apenas, por imposição da equipa técnica, a já mencionada fachada nascente do antigo *stand*.

Na zona envolvente ao antigo *stand* a cota do terreno foi substancialmente alterada, com vista à planificação do solo, tendo baixado mais de 1m.



Fig. 37 – Fachada nascente do *stand*, após a demolição do edifício contíguo (note-se o abaixamento da cota do terreno).



Figs. 38 a 40 – Pormenores do paramento.



Figs. 41 e 42 – Pormenores da construção.



Figs. 43 e 44 – Pormenores do paramento.



Figs. 45 e 46 – Zona da servidão de despejos entulhada, marcada apenas pelo recanto da fachada.



Fig. 47 – Interior do *stand* demolido, restando apenas a parede nascente.



Figs. 48 e 49 – Interior da fachada.



Figs. 50 e 51 – Interior e exterior da fachada, junto à rua.

A fachada nascente do antigo *stand* delimitava, simultaneamente, a vala por onde corriam os sobejos das águas do chafariz. No entanto, já próximo da rua, sobrepunha-se à própria vala, formando uma saliência, inicialmente interpretada como um torreão quadrangular.



Fig. 52 – Vista do local, aquando do início dos trabalhos.



5. ESTRATÉGIA E METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

A estratégia adoptada foi ditada pelos objectivos estabelecidos para a intervenção arqueológica. Pretendia-se, por um lado, analisar a técnica construtiva e os materiais constituintes da parede, de modo a estabelecer a sua cronologia. Por outro lado, era necessário observar as fundações da parede, para perceber se poderíamos estar perante a muralha, quer do ponto de vista construtivo, quer do ponto de vista estratigráfico.

Para tal, seria necessário proceder à picagem de algumas zonas da face interna da parede, que se apresentava rebocada, e realizar sondagens às suas fundações.

Dados os objectivos em causa e o facto de se estar a intervir numa obra cuja evolução se encontrava suspensa pela autarquia, optou-se pela abertura de sondagens mecânicas, que rapidamente forneceriam as informações necessárias, ainda que, de acordo com os resultados, pudesse vir a ser necessária alguma escavação manual localizada.

Assim, foram realizadas quatro pequenas sondagens mecânicas, que cedo afastaram a hipótese, não só de a estrutura sondada poder alguma vez ter tido funções defensivas ou delimitadoras de território, como de a sua cronologia poder coincidir com a os dados conhecidos sobre a muralha da vila. Estas conclusões tornaram desnecessárias as acções previstas de picagem de paredes e de levantamento fotogramétrico do paramento.

Frustradas as primeiras tentativas de identificação de vestígios da antiga muralha, foi solicitado ao construtor que desse prioridade ao rebaixamento mecânico do terreno situado na zona correspondente ao interior do antigo *stand* – onde seria necessário implantar sapatas de betão –, para uma eventual exclusão da possibilidade de existirem vestígios da muralha no local. A ausência de expectativas concretas, o volume de terras em causa, as condições climatéricas adversas, próprias da época do ano em que decorreram os trabalhos – Janeiro e Fevereiro de 2001 – e as condições em que se encontrava o terreno – completamente ensopado pelas chuvas inverniais –, pesaram na decisão de fazer apenas o acompanhamento arqueológico das obras. A intervenção mecânica, no entanto, seria sempre coordenada pelos responsáveis científicos, que dirigiam a orientação e a sequência dos trabalhos de escavação.

O acompanhamento respeitou os progressos e as paragens próprias do desenvolvimento da obra, pelo que só no final de Julho de 2001 foi possível identificar os verdadeiros vestígios da antiga muralha medieval de Torres Vedras.



Finalmente, procedeu-se à limpeza e registo das estruturas identificadas e ao pedido de intervenção da entidade de tutela do património construído, com vista à tomada de decisão sobre o destino a dar ao achado.

O desenvolvimento dos trabalhos foi acompanhado do respectivo registo fotográfico e o espólio recolhido foi depositado na reserva arqueológica do Museu Municipal Leonel Trindade.

A metodologia de trabalho inicialmente proposta ao IPA foi a seguinte:

- Levantamento topográfico e fotográfico da estrutura, com implantação cartográfica.
- Picagem de rebocos e análise de paramentos.
- Levantamento fotogramétrico da estrutura, com análise de patologias e cronologia construtiva.
- Realização de 3 a 4 sondagens na zona exterior da parede, com o apoio de retroescavadora, para uma primeira verificação da sua profundidade e extensão.
- Abertura e escavação de uma vala de sondagem com cerca de 4m X 3m, na zona interior da parede.
- Colaboração com a Divisão de Gestão Urbanística da autarquia, com vista à preservação e integração, nas novas construções, do troço de parede/muralha detectado.

A metodologia está sujeita às alterações decorrentes da evolução dos próprios trabalhos.



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

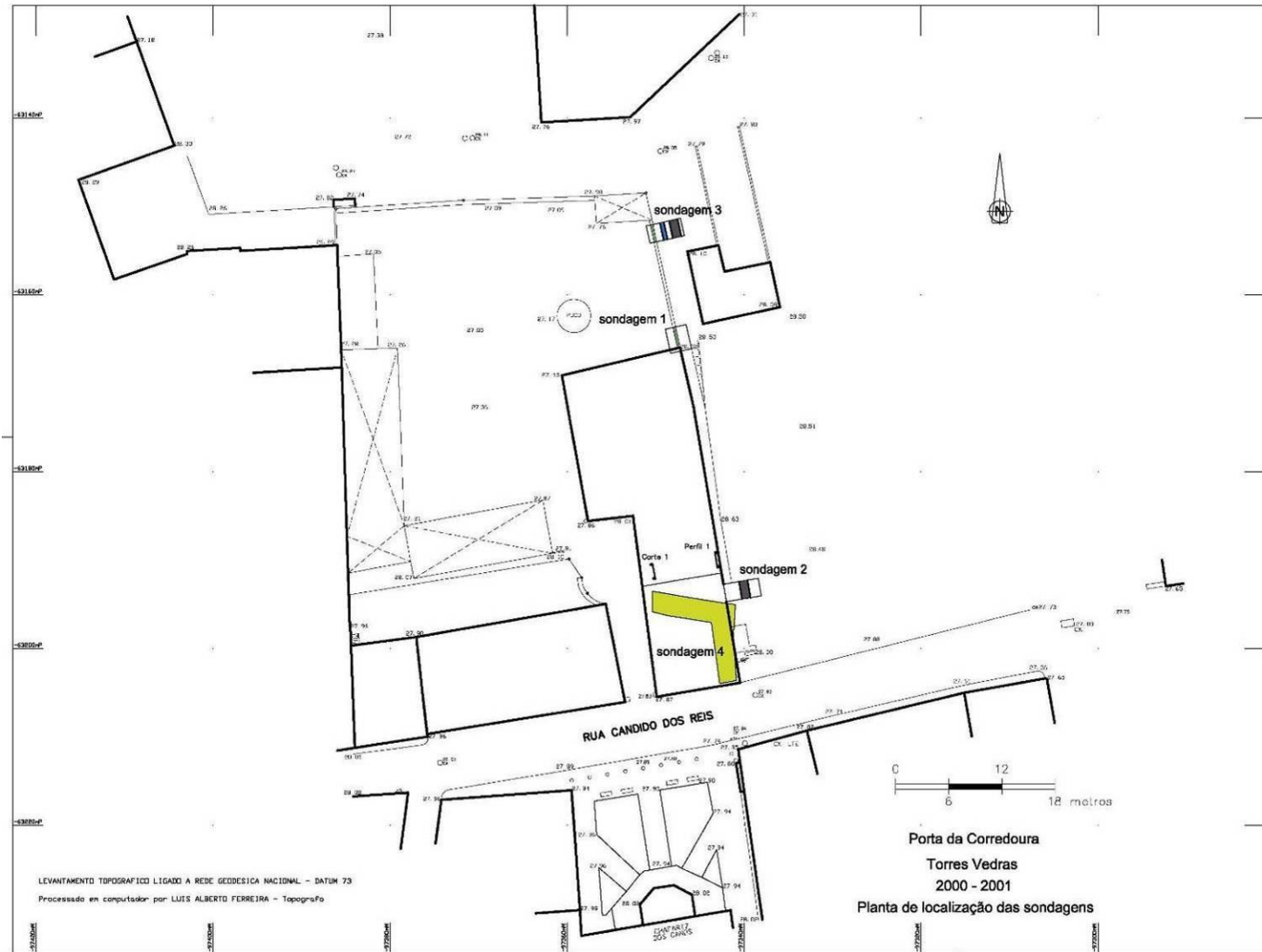


Fig. 53 – Planta de localização das sondagens.



6. RESULTADOS: ESTRUTURAS E ESPÓLIO

6.1 – SONDAGEM 1

A primeira sondagem, tal como as outras que se lhe seguiram, tinha por finalidade analisar as fundações da parede que constituía a fachada nascente do edifício do antigo *stand Comauto*, de modo a validar, ou não, a hipótese de se poder tratar de um troço da antiga muralha medieval de Torres Vedras.

Assim, aguardou-se pela demolição completa das construções antigas existentes no local, ficando apenas liberta a fachada em causa. Os trabalhos decorreram no dia 13 de Novembro de 2000.



Figs. 54 e 55 – Fachada do *stand*, antes da demolição do anexo (à direita).

Na extremidade norte da parede abriu-se uma sondagem por meios mecânicos, perpendicular à fachada, numa área com, sensivelmente, 1,75m por 2,00m. Pretendia-se, assim, tentar obter um perfil da construção da parede, até às suas fundações. A sondagem atingiu a profundidade de 3,50m.

Nos seus níveis superiores, o terreno apresentava-se já bastante remexido, devido às demolições efectuadas e ao aterro que se lhes seguiu (figs. 52 e 54).



Figs. 56 a 59 – Limite norte da fachada, onde foi aberta a Sondagem 1.

Os trabalhos foram dificultados pelas condições do terreno, que se encontrava já bastante encharcado, devido às chuvas outonais que haviam caído com abundância. No entanto, foi possível esclarecer os aspectos construtivos da estrutura.

Tratava-se de uma parede de alvenaria de pedra e argamassa, com utilização de pedras de grande dimensão. A sua espessura, acima da cota de soleira, era de 50cm, formando, assim, uma construção demasiadamente frágil, para poder ser interpretada como uma estrutura defensiva, ou mesmo apenas delimitadora de um espaço urbano.

- 48 -



Figs. 60 e 61 – Abertura da Sondagem 1.



Figs. 62 a 65 – Abertura da Sondagem 1.

As fundações da parede apresentavam um incremento de 10cm para nascente e de 20cm para poente, perfazendo um total de 80cm de espessura. A sua profundidade também não ia além de 1,8m do nível do solo, o que era manifestamente pouco para permitir caracterizar o muro como uma muralha.

- 49 -



Figs. 66 e 67 – Abertura da Sondagem 1.

- 49 -



Atendendo a que o nível do piso da casa solarenga contígua – cuja origem se situará entre os séculos XVIII e XIX – se encontra cerca de 85cm mais baixo do que o nível da rua, os 1,8m de profundidade da parede retiravam-lhe também, claramente, qualquer possibilidade de grande antiguidade.

Constatou-se ainda que, abaixo do nível do solo, a parede continuava para norte.

Os materiais recuperados são originários de uma zona de terra muito negra, contígua à face nascente das fundações da parede, entre 1,7m e 2m de profundidade. Revelaram ser muito recentes, mesmo os recolhidos no fundo da sondagem, o que, de certa forma, vem também apoiar a relativa modernidade da estrutura.

ESTRATIGRAFIA:

- **Camada 1 – 0m – 1,00m:** terras com abundantes materiais de construção, mais intensos no troço superior, provenientes das demolições recentes e dos remeximentos que se lhe seguiram.
- **Camada 2 – 1,00m – 1,70m:** terra castanho-avermelhada, com vestígios de materiais de construção.
- **Camada 3 – 1,70m – 2,00m:** terra muito negra, contígua à face nascente das fundações da parede, correspondente a um depósito de águas sujas. Forneceu abundantes materiais, muito recentes, datáveis da primeira metade do século XX.
- 50 -
- **Camada 4 – 2,00m – 2,50m:** camada de argilas cinzento-escuras, de tom azulado, muito compactas e húmidas. Camada sedimentar, de argilas aluviais.

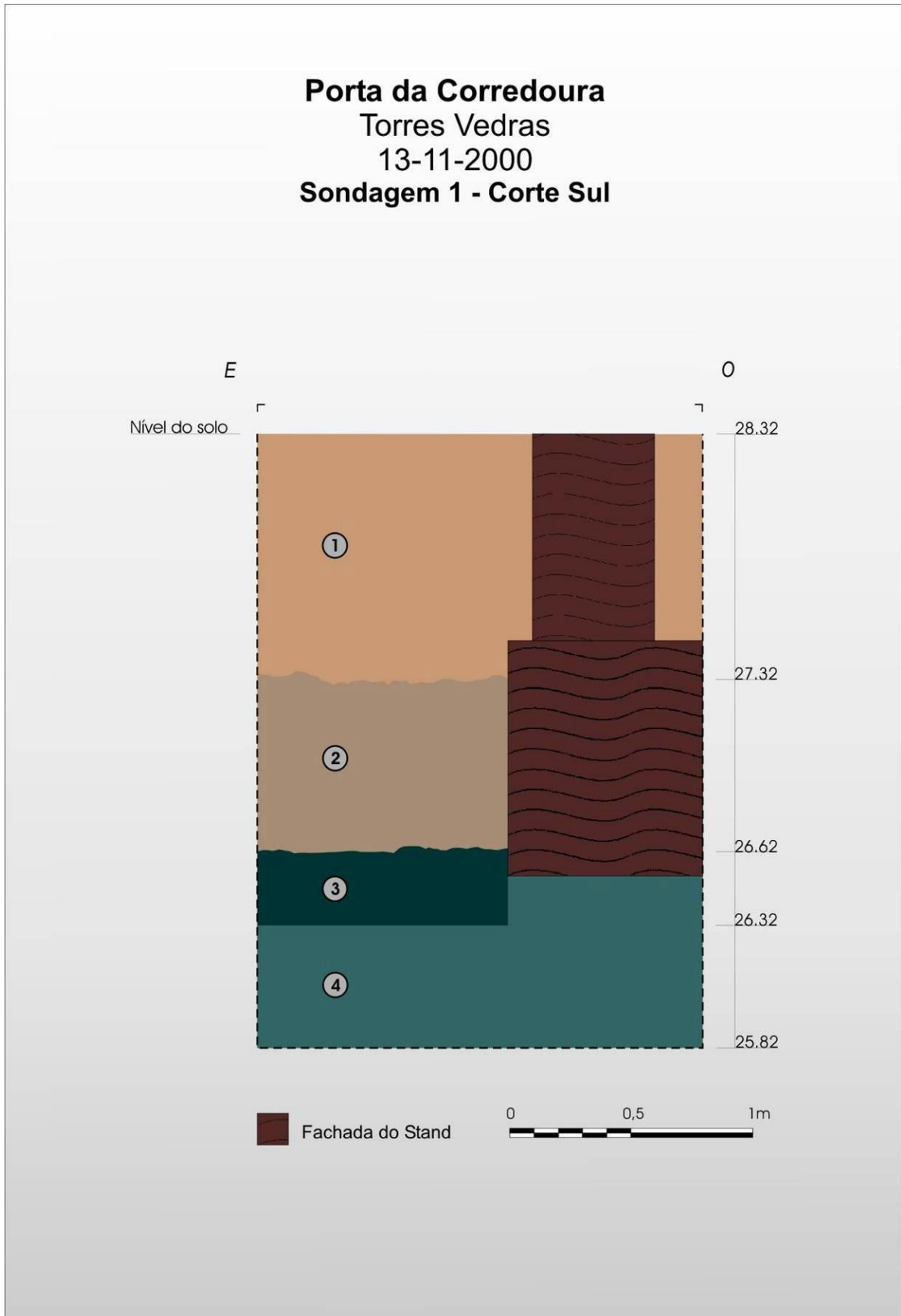


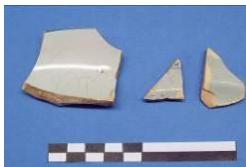




Fig. 68 – Sondagem 1 – Corte Sul.










ESPÓLIO RECOLHIDO NA SONDAGEM 1:

N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/2	Fragmentos de saladeira de faiança corrente; fundo pintado com motivos vegetalistas e com as letras AMO, relativas à palavra AMOR – a amarelo, preto e vermelho – , que surge fragmentada; bordo pintado a verde, a aerógrafo; pasta esbranquiçada.	Século XX	10	
PCOR/3	Fragmentos de tigela vidrada internamente a melado, com escorridos a verde; produção de Torres Vedras; pasta rosada.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
PCOR/4	Fragmentos de tigela de faiança industrial em pó de pedra, com filete pintado a verde junto ao bordo e motivo decorativo estampado a castanho: pescador com condecorações e as palavras "José Maio" e "R[ecordação] da Póvoa de Varzim".	Último quartel do século XIX	2	
PCOR/5	Fragmentos de fundos de pratos e tigelas de faiança industrial em pó de pedra; apresentam marcas ou vestígios de marcas, cinco das quais da Fábrica de Sacavém.	Séculos XIX/XX	7	
PCOR/13	Fragmentos de botija de Genebra, em grés branco, com barra a melado, no topo; apresenta a marca "PRICE L BRISTOL".	- 52 - Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
57	Fragmentos de ossos de animais		7	
58	Fragmentos de pratos de faiança corrente, decorados com pintura de bandas a verde e de filetes a manganês; pastas rosadas e amareladas.	Séculos XIX(?)/XX	32	









N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
59	Fragmentos de pequenas tigelas de faiança industrial corrente, em pó de pedra, decoradas com filetes a manganês, verde ou azul, tanto junto ao bordo como junto ao fundo, bem como pinturas vegetalistas.	Séculos XIX/XX	5	
60	Fragmentos de pratos e tigelas de porcelana; um fragmento apresenta um filete junto ao bordo e decoração a dourado.	Séculos XIX(?)/XX	7	
61	Fragmentos de tigelas de faiança industrial em pó de pedra, corrente, com decorações estampadas; as tigelas apresentam filetes verdes ou azuis, pintados junto ao bordo, interna ou externamente.	Séculos XIX/XX	6	
62	Fragmentos de tigelas de faiança; um fragmento decorado com filete azul-cobalto junto ao bordo; vidrados azulados e pastas amareladas.	Séculos XIX/XX	3	
63	Fragmentos de tampa de terrina, de faiança industrial em pó de pedra, moldada, com decoração relevada; vidrado verde.	Séculos XIX/XX	4	
64	Fragmentos de pratos de faiança industrial em pó de pedra, decorados com motivos estampados a verde, azul e vermelho, já muito desgastados; com manchas ferrosas.	Séculos XIX/XX	6	
65	Fragmentos de tigela de faiança industrial corrente, em pó de pedra, decorada externamente com filete dourado junto ao bordo e motivos florais estampados a azul, vermelho, verde e amarelo.	Séculos XIX/XX	2	
66	Fragmentos de pratos de faiança corrente, decorados com motivos estampados, a verde e azul; alguns apresentam filetes a castanho; pastas rosadas.	Séculos XIX/XX	39	
67	Fragmentos de pratos de faiança corrente - um raso e um sopeiro -, um deles decorado com banda castanha e filetes azuis; pastas e vidrados avermelhados.	Séculos XIX/XX	7	








N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
68	Fragmentos de prato de faiança corrente, decorado com filetes castanhos; pasta avermelhada e vidrado rosado.	Séculos XIX/XX	7	
69	Fragmentos de prato sopeiro de faiança corrente, decorado com filetes cinzentos e motivos estampilhados a castanho; pasta rosada.	Séculos XIX/XX	4	
70	Fragmentos de prato sopeiro de faiança corrente, decorado com banda azul e filetes castanhos; pasta rosada.	Séculos XIX/XX	8	
71	Fragmentos de saladeira de faiança industrial em pó de pedra; bordo com barra azul pintada a aerógrafo.	Século XX	9	
72	Fragmentos de tigelas de faiança industrial em pó de pedra, com motivos florais estampados a verde e vermelho, enquadrados por filetes azuis.		6	
73	Fragmentos de vaso de grés, castanho-escuro, com mosqueados; decorado com canelura e meandros incisos; pasta rosada.	- 54 -	5	
74	Fragmentos de saladeira, com decoração interna: barra pintada a castanho junto ao bordo e motivos florais estampilhados nas paredes.	Século XX (?)	8	
75	Fragmentos de pratos de faiança industrial em pó de pedra, com decorações estampilhadas.	Séculos XIX/XX	2	
76	Fragmentos de pratos e tigelas de faiança industrial, em pó de pedra; decorações diversas, pintadas	Século XX	6	
77	Fragmentos de grossas tigelas de faiança industrial em pó de pedra, sem decoração.	Séculos XIX/XX	2	




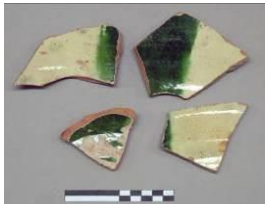




N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
78	Fragmentos de tigelas de faiança industrial em pó de pedra, sem marca, decoradas com filete castanho junto ao bordo e motivos florais estampilhados a verde e vermelho.	Séculos XIX/XX	34	
79	Fragmentos de prato de faiança industrial em pó de pedra, com vestígios de pintura a vermelho.	Séculos XIX/XX	2	
80	Fragmentos de pratos e caneca de faiança industrial em pó de pedra, com motivos diversos estampados, em diversas cores; presente uma marca da Fábrica de Sacavém e outras duas que poderão corresponder às Fábricas de Massarelos (Porto) ou das Devesas (Vila Nova de Gaia).	Séculos XIX/XX	42	
81	Fragmentos de prato de faiança corrente, com decoração floral estampilhada a verde e amarelo; pasta rosada.	Século XX	5	
82	Fragmentos de pratos, tigelas e canecas de faiança industrial em pó de pedra; alguns apresentam decoração de filetes coloridos, nomeadamente a verde, dourado ou vermelho, junto ao bordo.	Séculos XIX/XX	68	
83	Fragmentos de pratos de porcelana; um fragmento apresenta marca da Sociedade de Porcelanas de Coimbra.	Século XX	9	
84	Fragmentos de saladeira em faiança de pó de pedra; apresenta barra vermelha junto ao bordo e decoração estampilhada nas faces internas, representando cachos de cerejas.	Séculos XIX/XX	5	
85	Fragmentos de tigelas, tacinhas e prato em faiança industrial em pó de pedra, com diversos motivos pintados a aerógrafo.	- 55 - Século XX	26	
86	Fragmentos de canecas em faiança industrial de pó de pedra.	Século XX	8	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
87	Fragmentos de pratos/saladeiras, em faiança industrial de pó de pedra, pintados a pincel e a aerógrafo.	Século XX	2	
88	Fragmentos de telhas de canudo	Séculos XIX/XX	11	
89	Fragmentos de bordos, bojos e fundos de tigelas e outros recipientes em barro vermelho, vidrados com diversas cores.	Séculos XIX/XX	27	
90	Prato de ferro esmaltado, muito deteriorado, com concreções.	Século XX (?)	1	
91	Fragmentos de caneca de faiança corrente, com decoração pintada; pasta rosada.	Séculos XIX/XX	6	
92	Fragmentos de bordos e bojos de recipientes diversos de barro vermelho, nomeadamente alguidar, bilhas, etc.	- 56 - Séculos XIX/XX	30	
93	Fragmentos de pote e de alguidares de barro vermelho, vidrados.	Séculos XIX/XX	18	
94	Fragmentos de prato de porcelana, com decoração floral estampada.	Século XX	5	

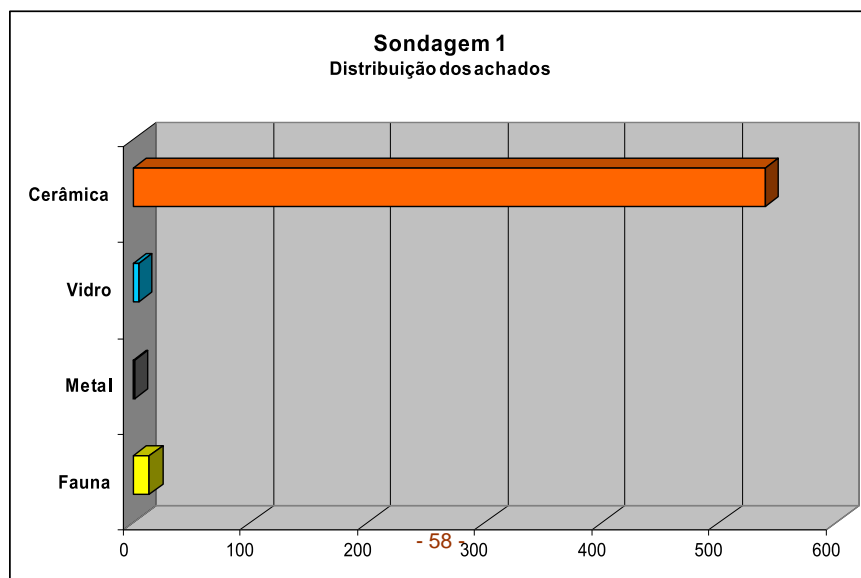


N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
95	Fragmento de tigela de faiança industrial de pó de pedra, da Fábrica de Sacavém, pintada com motivo floral.	1920-1930	1	
96	Fragmentos de tachos e caçoilas de barro vermelho, vidrados a vermelho.		28	
97	Fragmentos de alguidar de barro vermelho, vidrado a castanho, com escorridos amarelos.	Séculos XIX/XX	7	
98	Fragmentos de alguidares de barro vermelho, vidrados a amarelo esverdeado.	Século XX	6	
99	Conchas: valvas de berbigão.		4	
100	Fragmentos de alguidar vidrado a verde.	Século XX	4	
101	Fragmentos de copos, floreira e caneca de vidro.	Século XX	4	
102	Parte superior de frasco de vidro azulado	Século XX	1	

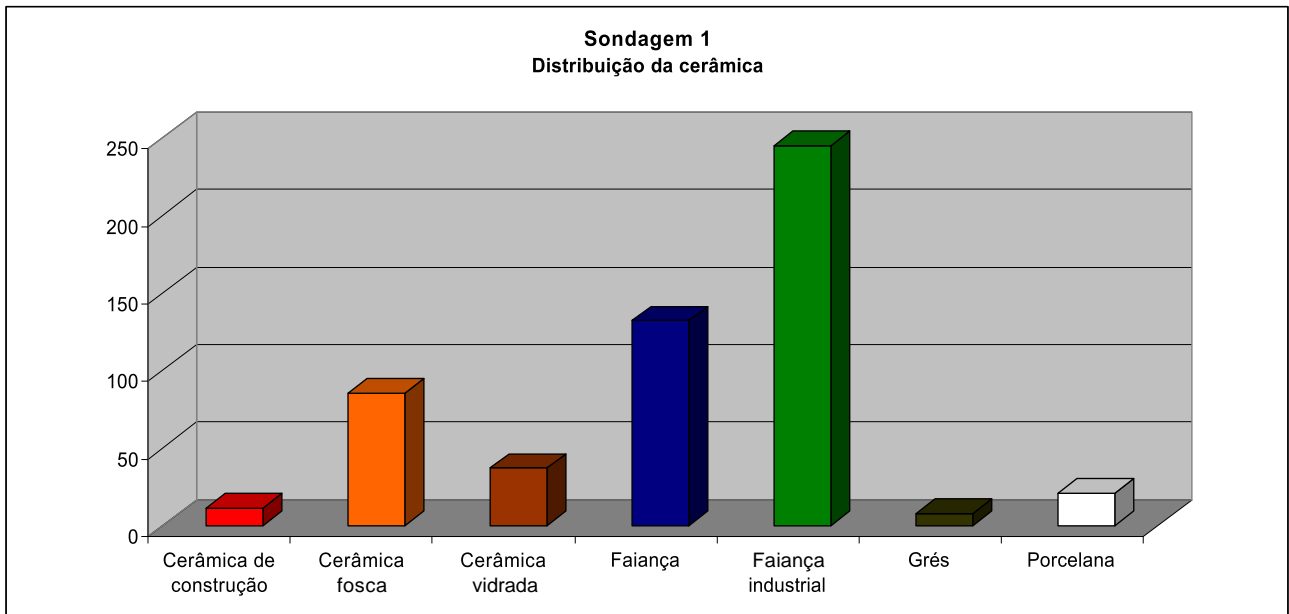


N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
103	Fragmentos de botija de Genebra, de grés castanho.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
104	Fragmentos de pratos de faiança, com vestígios de decoração com listas azuis.		2	
105	Fragmento incaracterístico de terrina de faiança, não decorado, da Fábrica do Juncal, Alcobaça.		1	
126	Conchas de bivalves, muito desgastadas e polidas.		3	
			559	

A maioria do espólio recolhido data dos séculos XIX e XX.



O peso maior vai para a loiça de mesa em faiança industrial de pó de pedra, de fábricas que tiveram produções massivas entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, como a Fábrica de Cerâmica de Sacavém e outras de Vila Nova de Gaia (Massarelos ou Devesas). Os fragmentos de faiança industrial em pó de pedra representam 43% dos achados recolhidos na Sondagem 1. Muitos apresentam decorações estampilhadas e estampadas (onde se destacam os exemplares com o célebre motivo “Cavalinho”), mas surgem bastantes exemplares pintados a aerógrafo, já de meados do século XX, o que comprova a modernidade dos achados. Distribuem-se maioritariamente por pratos, tigelas e canecas. Destaca-se uma peça representando o pescador José Maio, com os dizeres “Recordação da Póvoa de Varzim”.

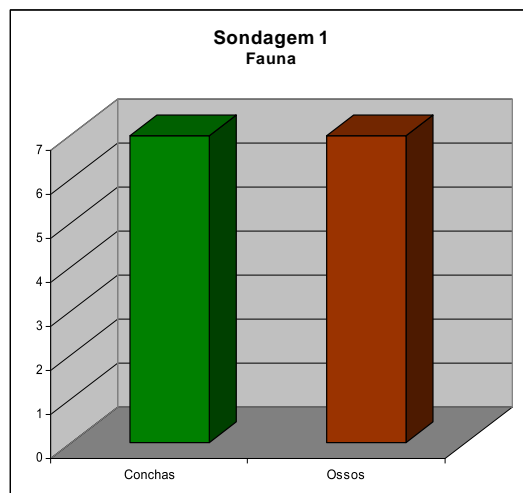


O segundo grupo mais numeroso de achados é o das faianças regionais de mesa, de uso corrente, que representa 22% dos achados.

Cerca de 16% dos materiais recolhidos referem-se a fragmentos de cerâmicas vidradas a chumbo, com funções diversas, mas onde ganham destaque os alguidares, as tigelas, os tachos e as caçoilas.

Em números mais reduzidos surge a louça de mesa e de cozinha, em barro vermelho. Também as porcelanas de mesa, do século XX, surgem neste conjunto. Finalmente, destaca-se um prato esmaltado, um fragmento de cerâmica do Juncal (Alcobaça) e os fragmentos de garrafas de Genebra, em grés, nomeadamente um exemplar de produção inglesa.

- 59 -



- 59 -



Os poucos materiais cerâmicos que não foi possível datar com maior precisão pertencem, genericamente, ao grupo dos recipientes domésticos, nomeadamente de cozinha, que mantiveram uma grande constância estilística ao longo da Idade Moderna e da Idade Contemporânea. Ainda que possam ser relativamente recentes, não é possível afirmar, com certeza, que não poderão ser mais antigos.

No entanto, certa é a inexistência de materiais que, claramente, possam ser associados aos séculos XIV, XV e XVI, altura da construção da muralha de Torres Vedras.



6.2 – SONDAGEM 2

A segunda sondagem foi realizada perpendicularmente à fachada do antigo *stand* de automóveis, com o objectivo de analisar as fundações da parede que constituía a fachada nascente do edifício, procurando elementos que pudessem remeter para uma maior antiguidade da estrutura, ou confirmando os dados da sondagem anterior. Os trabalhos decorreram, também, no dia 13 de Novembro de 2000.

A cerca de 9,2m para norte da Rua Cândido dos Reis e a 2,9m da face norte do suposto “cubelo”, foi aberta, por meios mecânicos, uma vala de sondagem perpendicular e contígua à fachada, numa área com cerca de 4m por 2m. A sondagem atingiu a profundidade de 1,9m.



Figs. 69 a 72 – Abertura da Sondagem 2.



À superfície, os aterros e terraplanagens que se seguiram às demolições deixaram o terreno com muitos detritos e cobriram a faixa identificada como de servidão aos sobejos das águas do Chafariz dos Canos.



Figs. 73 e 74 – Abertura da Sondagem 2.

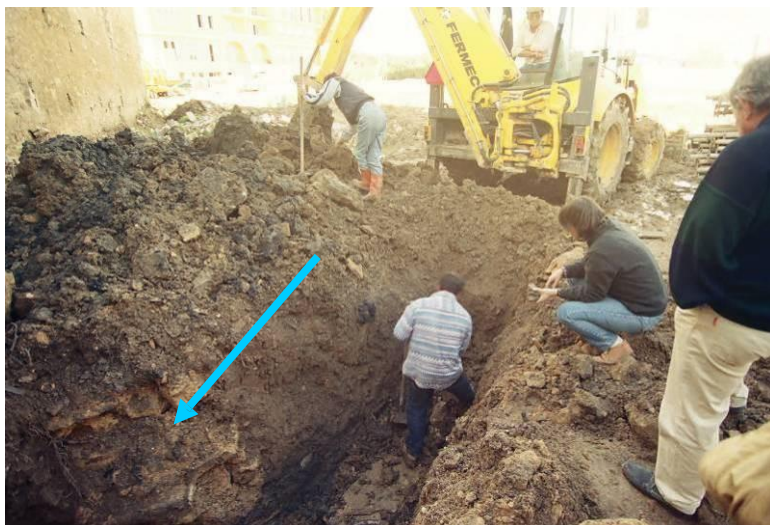
A nova sondagem confirmou as características construtivas da parede do *stand* e o limite das suas fundações nos 1,8m.



- 62 -

Figs. 75 e 76 – Fundações da fachada do *stand*.

Entre os 1,5m e os 2m de profundidade, a terra contígua à fachada apresentava-se muito negra e com alguns materiais. Correspondia à faixa da vala de escoamento dos sobejos das águas do Chafariz. O facto de a terra se apresentar profundamente negra e de haver referências a uma Vala Real, permite pensar que às águas do chafariz se juntariam, já na rua, outros despejos, canalizados depois para a vala.



Figs. 77 e 78 – Abertura da Sondagem 2. Assinalados: a azul, o muro de contenção e, a verde, a terra negra da vala.



- 63 -

Figs. 79 e 80 – O muro de delimitação da vala, sobre a estrutura de estacaria.

A 1,8m a nascente da parede e a 50cm de profundidade foi detectado um muro paralelo à fachada. Tratava-se de uma construção de alvenaria de pedra, consolidada com argamassa de cal e saibro amarelado. Apresentava uma espessura de 96cm e uma profundidade de 1,3m. Assentava sobre uma estacaria formada por estacas de pinho verde, com 70cm de comprimento e 12,5cm de diâmetro.

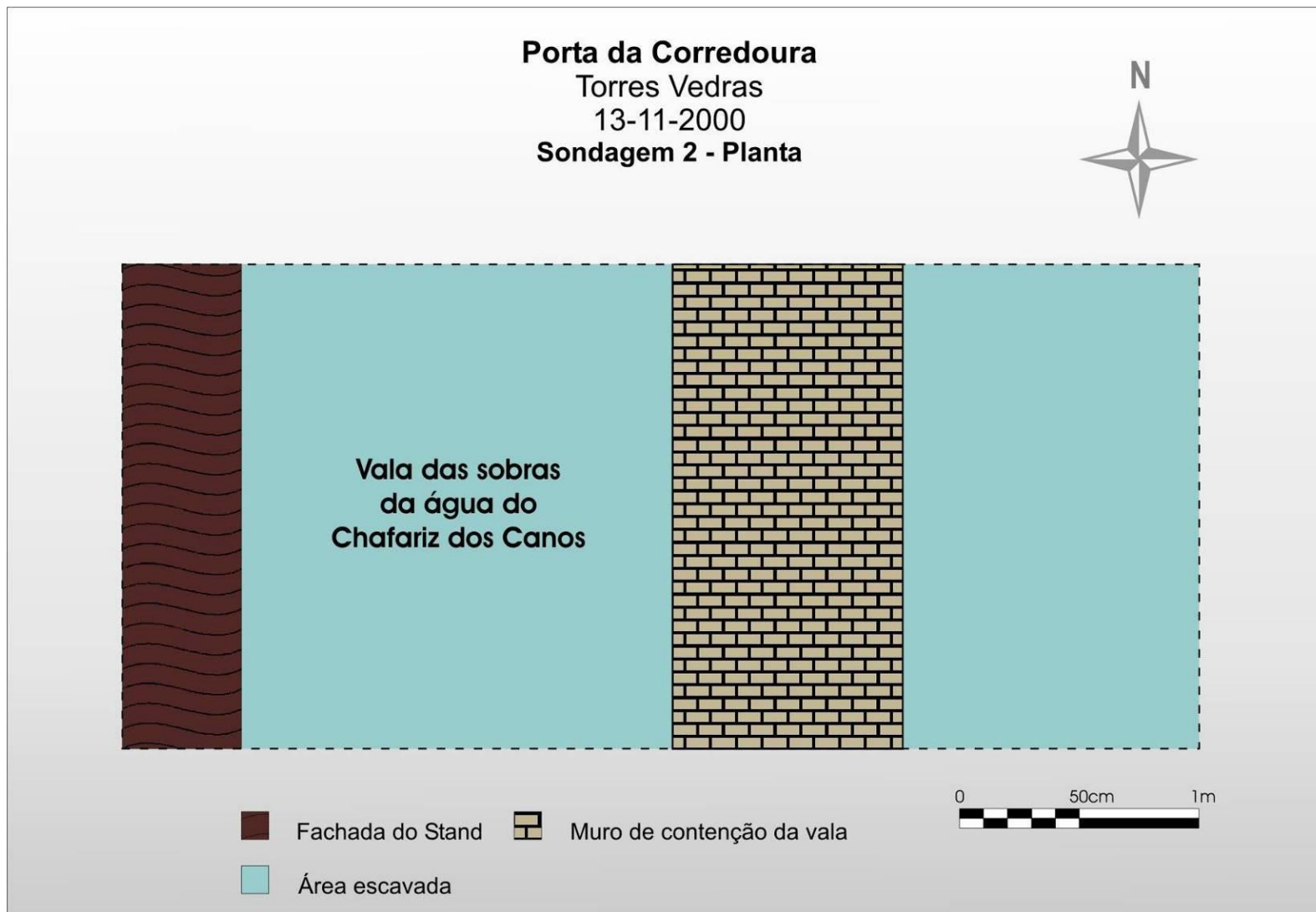


Fig. 81 – Sondagem 2 – Planta.

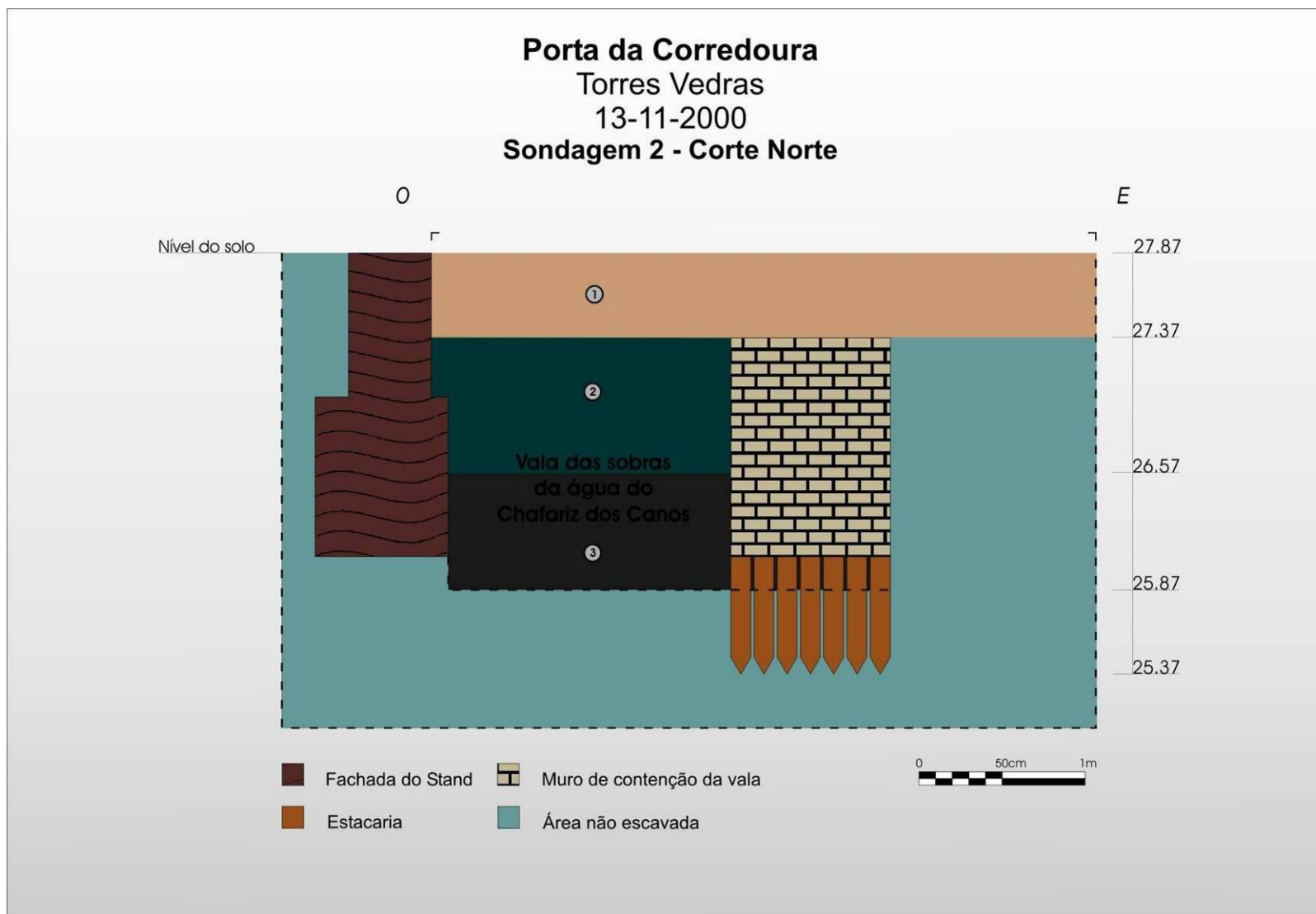


Fig. 82 – Sondagem 2 – Corte Norte.



ESTRATIGRAFIA:

- **Camada 1 – 0m – 0,50m:** terra castanha clara, com vestígios de materiais de construção.
- **Camada 2 – 0,50m – 1,30m:** terra negra, com diverso espólio de época contemporânea, onde se inseria, do lado nascente, um muro de alvenaria com uma espessura de 0,96m e uma altura de 0,8m, que limitava, fisicamente, o caneiro dos sobejos das águas do Chafariz dos Canos.
- **Camada 3 – 1,30m – 2,00m:** terras muito negras, correspondentes a um depósito de águas sujas, onde estavam cravadas estacas de pinho verde, com 0,70m de comprimento por 0,125m de diâmetro.






Figs. 83 e 84 – Estacas de pinho retiradas de sob o muro de delimitação da vala.

- 66 -




Os materiais recuperados foram relativamente poucos e recolhidos entre os 1,7m e os 1,9m de profundidade, numa zona de terra muito negra, contígua à face nascente das fundações da parede. Revelaram ser muito recentes, mesmo os recolhidos no fundo da sondagem, o que, de certa forma, vem também apoiar a relativa modernidade da estrutura.



ESPÓLIO RECOLHIDO NA SONDAGEM 2:

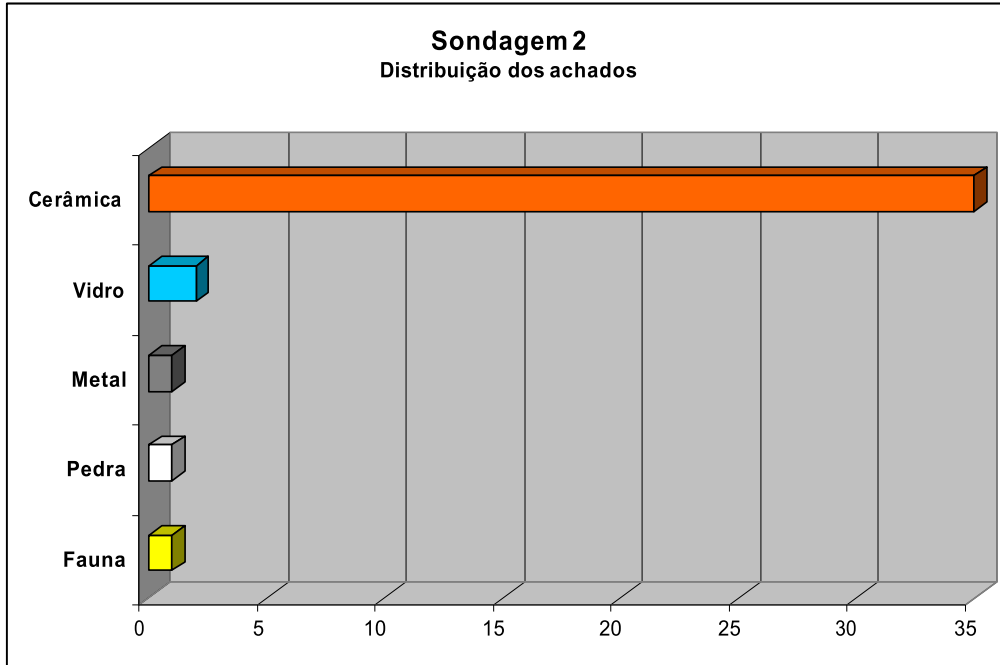
N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/10	Chifre de bovívdeo, serrado.		1	
PCOR/11	Fragmentos de pratos e tigelas de faiança portuguesa; exemplares pintados a azul e/ou vinoso e outros sem decoração.	Séculos XVIII/XIX	10	
PCOR/12	Fragmento de peça escultórica em pedra mármore; braço de cruz flordelisada.		1	
145	Fragmentos de bojos e fundos de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	13	
146	Fragmento de bordo de panela de cerâmica fosca.	Idade Moderna	1	
147	Fragmento de asa de púcara.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
148	Fragmentos de fundo e bojos de recipientes cerâmicos vidrados a chumbo, a melado e um com escorridos verdes.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	3	
149	Fragmento de escória.		1	
150	Fragmento de osso de animal.		1	



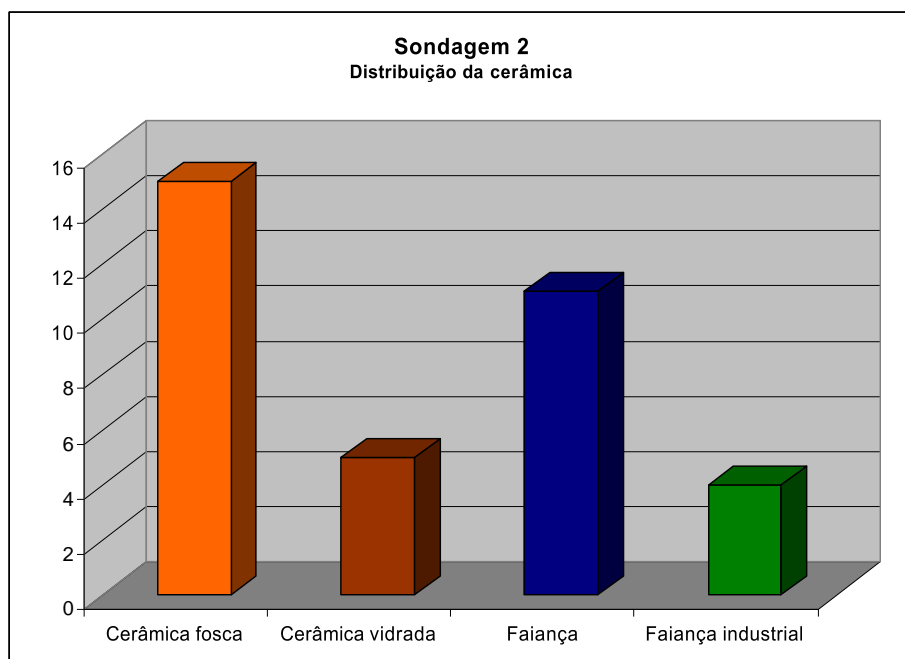
N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
151	Fragmento de copo de vidro.	Século XX	1	
152	Pequeníssimos fragmentos de tigelas de faiança industrial de pó de pedra, decoradas.	Século XX	3	
153	Fundo de frasco de vidro.	Século XX	1	
154	Fragmento de concha.		1	
155	Fragmento de osso de animal.		1	
156	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica vidrados a chumbo, a melado.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
157	Fragmento de terrina de faiança industrial de pó de pedra, com motivos estampados a preto.	Séculos XIX/XX	1	
158	Fragmento de prato de faiança, pintado internamente com motivos azuis, junto ao bordo.	Séculos XIX/XX	1	
			43	



A maioria do espólio recolhido data dos séculos XIX e XX.

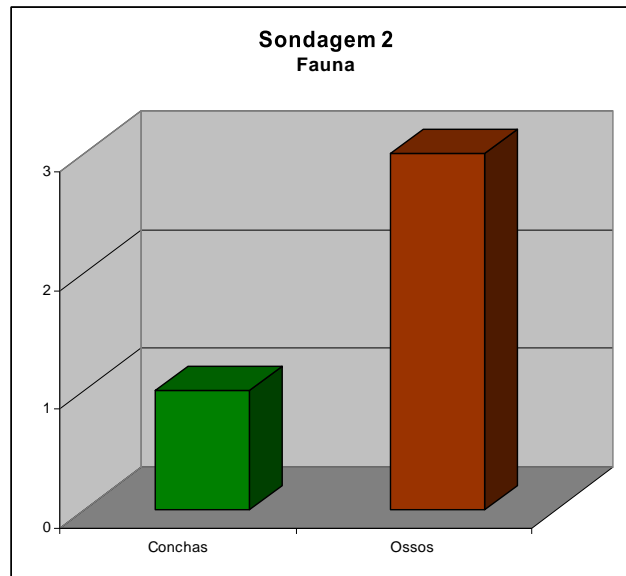


A maior quantidade de fragmentos refere-se a recipientes de cerâmica fosca, para utilização na cozinha e à mesa, seguidos de fragmentos de faiança de mesa, dos séculos XVIII e XIX.





Destaca-se um fragmento de uma cruz de pedra, de braços flordelisados e um chifre de bovino, cortado. Outras peças assemelham-se ao espólio já recolhido na Sondagem 1.



Também esta sondagem não forneceu qualquer vestígio material claramente atribuível a um período anterior ao século XVIII.



6.3 – SONDAGEM 3

A segunda sondagem, realizada no mesmo dia das anteriores, teve por objectivo verificar a eventual continuidade subterrânea do muro que constituía a fachada nascente do antigo *stand* de automóveis. Aquando da abertura da primeira sondagem, constatou-se que, abaixo do nível do solo, a parede continuava para norte. Era necessário, por isso, verificar se estaríamos perante uma construção que, em tempos mais recuados, teria tido uma dimensão diferente da actual.

Assim, a cerca de 10m para norte da Sondagem 1, e no mesmo alinhamento da fachada, foi aberta, por meios mecânicos, uma vala de sondagem perpendicular ao eixo da parede, com uma área de cerca de 4m por 2m. A sondagem atingiu a profundidade de 2,45m.



- 71 -



Figs. 85 a 87 – Sondagem 3: face nascente do muro de divisão da propriedade.



Esta sondagem viria a confirmar os dados estruturais já definidos nas sondagens anteriores, apesar de o muro medir apenas 1,74m de altura – relativamente aos 1,80m registados na Sondagem 1 –, distribuídos da seguinte forma: 85cm do nível do solo até à saliência da fundação, e 89cm daí até ao assentamento na terra. De facto, sob o solo, os alicerces da parede do antigo *stand* prolongavam-se para norte. Concluiu-se, assim, que se trataria de um muro de delimitação de propriedade. Observando o levantamento topográfico anexo (*Implantação das Sondagens*, à escala 1: 200), percebe-se tratar-se do muro de delimitação do quintal com poço, pertencente à já mencionada casa solarenga, do qual foi desanexado o terreno agora em fase de urbanização. O quintal da casa é identificável na planta de Torres Vedras dos anos 30 (fig. 27) e visível numa fotografia da vila, da primeira metade do século XX (fig. 29).

Tudo indica, assim, que a construção do imóvel que, mais tarde, viria a servir de *stand* de automóveis (uma vez que a construção já é visível em fotografias do início do século XX), terá aproveitado o muro de delimitação da propriedade, como forma de rentabilização de espaço e de matéria-prima. O muro original seria, assim, contemporâneo da casa, isto é, datável de entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX. No entanto, é provável que a construção acima do solo tenha recorrido à reutilização de pedra existente no local, proveniente da antiga muralha. A dimensão e o corte de algumas das pedras utilizadas na construção da fachada parecem, de facto, sugerir essa origem.

A 1,86cm (mais 6cm do que na Sondagem 2) para nascente, voltaram a encontrar-se os vestígios do muro de delimitação da Vala Real (fig. 89) e os níveis de lodos negros que caracterizam o seu enchimento.



- 72 -



Figs. 88 e 89 – Canalização em betão e muro de delimitação da Vala Real.



Entre os dois muros e a escassos 10cm de profundidade, encontrava-se uma manilha de cimento, de secção oval, com 45cm de diâmetro maior, que canalizava agora as águas que outrora apenas escorriam livremente pela vala, a céu aberto.

O facto de se tratar de uma manilha de cimento, comprovava a sua colocação num tempo recente. De facto, o Sr. António Augusto Gomes, proprietário da casa solarenga da R. Cândido dos Reis, contou-nos como a vala seguia para norte, em direcção à linha do caminho-de-ferro, onde se juntava a outra vala ou ribeira, antes de desaguar no rio Sizandro. A vala é visível numa fotografia do início do século XX (fig. 90). O Sr. António Gomes recorda-se de a vala ter sido mandada canalizar por um Sr. de nome Fernando, cuja ligação com o primeiro já não conseguimos recordar.

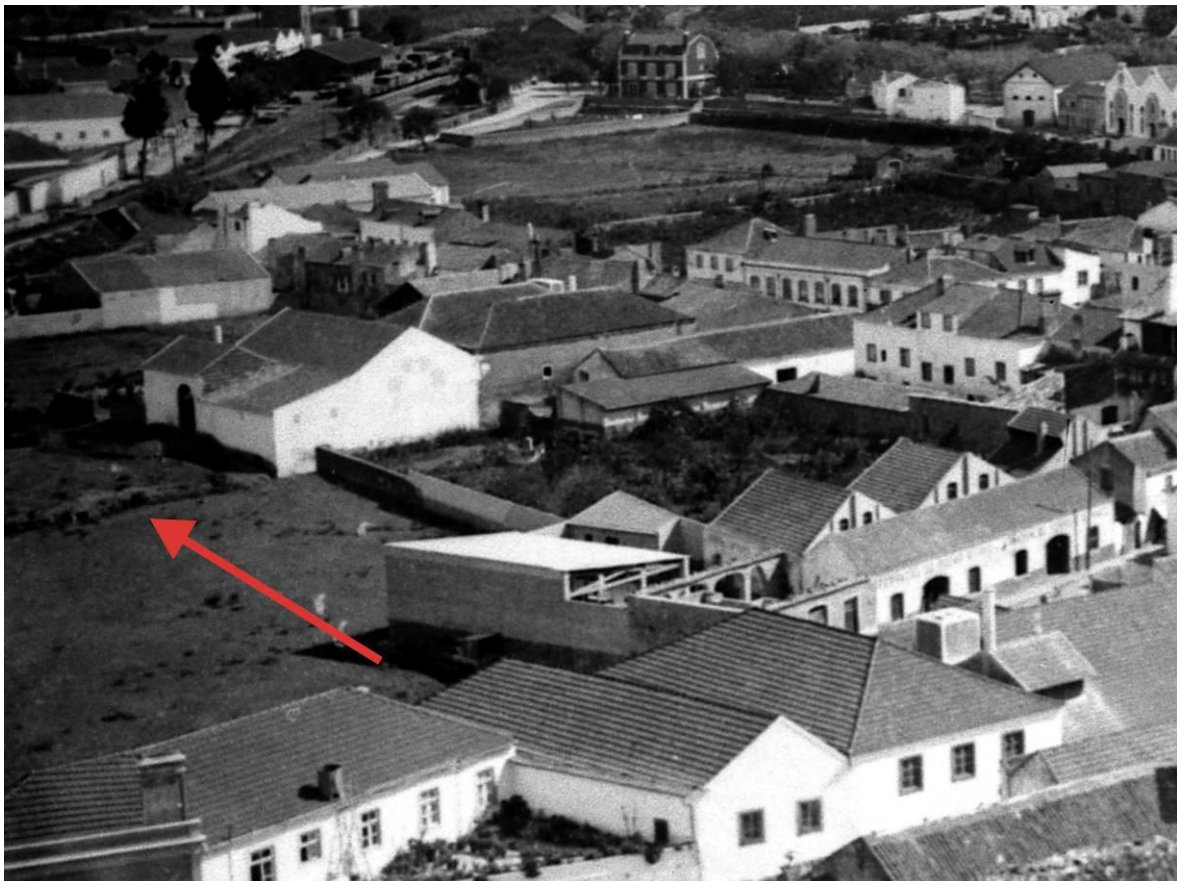


Fig. 90 – A Vala Real, que canalizava as águas sobrantes do Chafariz dos Canos.

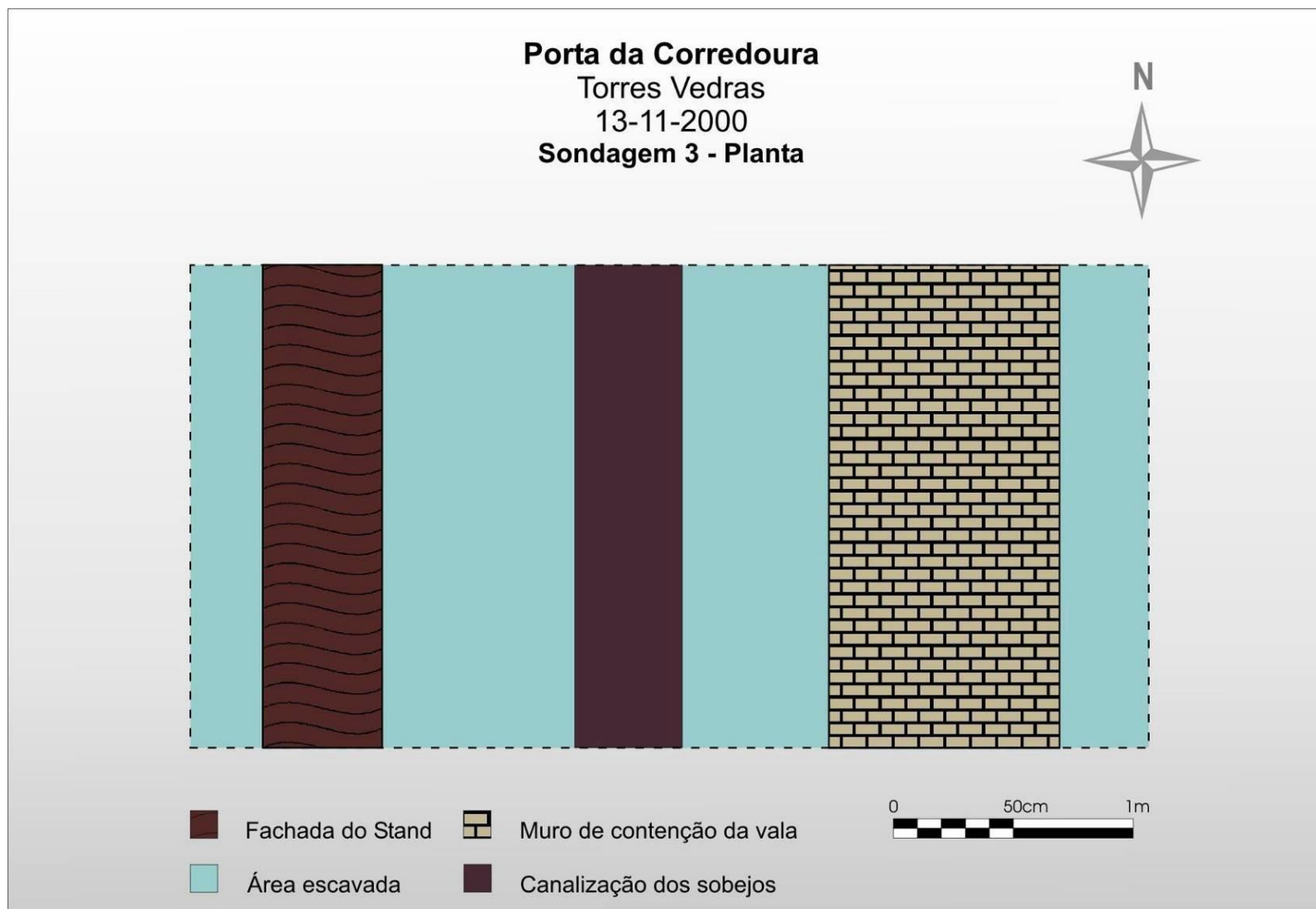


Fig. 91 – Sondagem 3 – Planta.

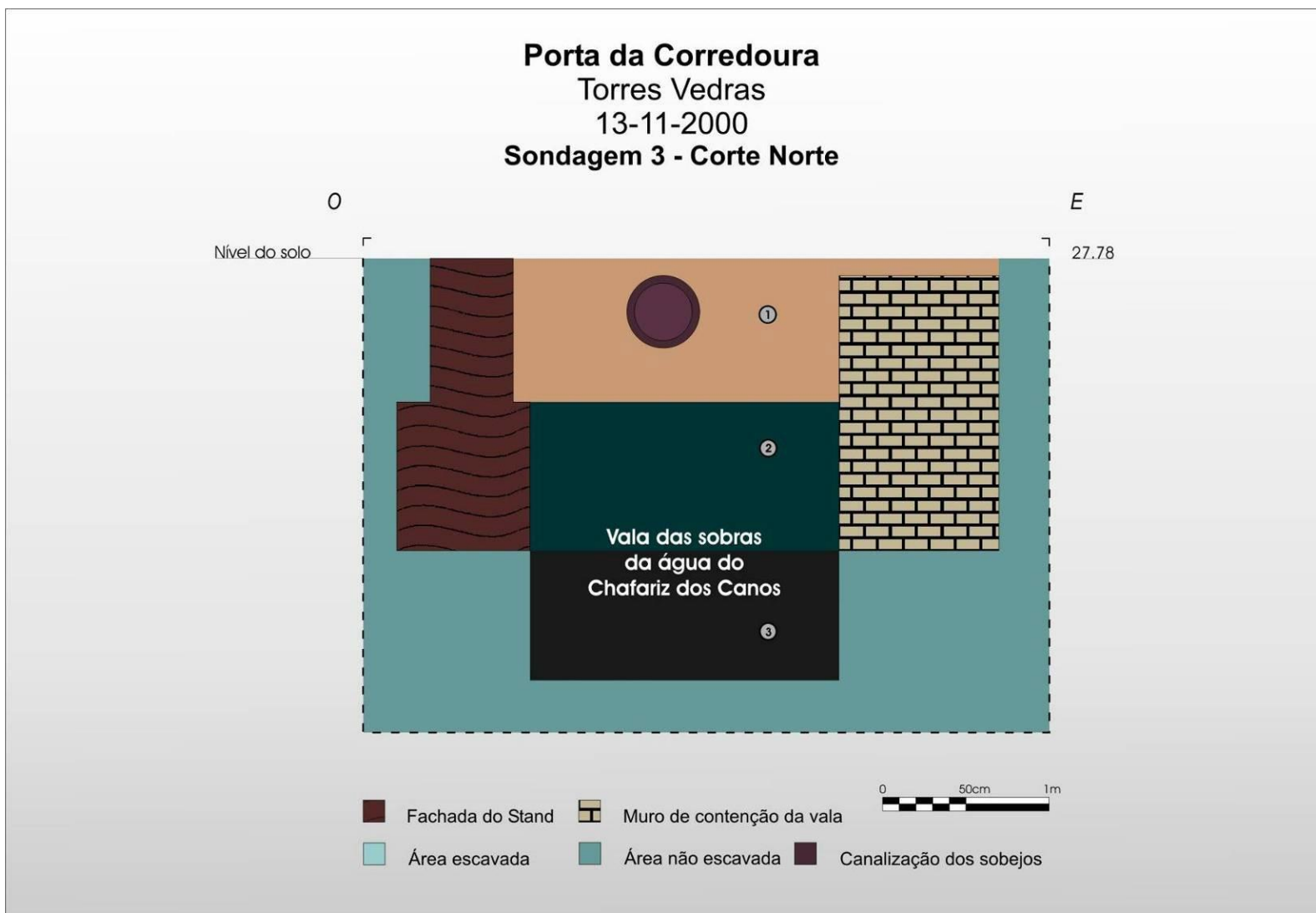





Fig. 92 – Sondagem 3 – Corte Norte.



ESTRATIGRAFIA:

- **Camada 1 – 0m – 0,85m:** terra castanha clara, com vestígios de caliza e de materiais de construção. Na zona delimitada pelas fundações da fachada nascente do antigo stand de automóveis e do muro de delimitação da Vala Real, foi identificada, a uns escassos 0,10m de profundidade, uma manilha de cimento, de secção oval, com 45cm de diâmetro maior, que canalizava agora as águas que outrora apenas escorriam livremente pela vala, a céu aberto. As terras tomam, a partir daí, um aspecto cada vez mais negro.
- **Camada 2 – 0,85m – 1,74m:** nível de terra negra, com abundante espólio de época contemporânea, fragmentado e sem correspondência entre os fragmentos, atestando tratar-se de um enchimento com lixos provenientes de outro local.
- **Camada 3 – 1,74m – 2,45m:** nível de lodo muito negro, correspondente a um depósito de águas sujas.

ESPÓLIO RECOLHIDO NA SONDAGEM 3:

N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/13	Fragmentos de botija de Genebra, em grés branco, com barra a melado, no topo; apresenta a marca "PRICE L BRISTOL".	- 76 - Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
PCOR/18	Tijolos inteiros; pasta rosa amarelada.	Idade Contemporânea (?)	3	
PCOR/19	Fragmento de bordo de frigideira ou assadeira de barro negro, com arranque de asa de secção circular; produção do norte do país (Bisalhães?).	Século XX	1	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/20	Fragmento de tijolo afeiçoado, para servir de tampa de recipiente.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
PCOR/21	Fragmentos de saladeira/alguidar, em chacota.		12	
PCOR/22	Fragmentos de faiança portuguesa, com decorações a azul, vinoso e verde.	Séculos XVIII/XIX	3	
PCOR/41	Pedra afeiçoada para utilização como malha de jogo ou tampa de recipiente.		1	
PCOR/42	Fragmento de fundo de botija de Genebra, em grés, com marca: "F.ª Cerâmica de Valadares, Valadares V. N. de Gaia"; apresenta concreção ferrosa.	Idade Contemporânea	1	
PCOR/43	Fragmento de prato de faiança industrial de pó de pedra, com marca: "CFCL Portugal", da Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitânia.	Século XX	1	
PCOR/44	Fragmento de escudela de cerâmica esmaltada, de produção sevilhana.	Idade Moderna	1	
PCOR/45	Fundo de tigela de faiança industrial de pó de pedra, com marca estampada da Fábrica de Sacavém: "Gilman & C.ta Sacavém Portugal".	Século XX	1	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/46	Fragmento de fundo de prato de faiança industrial de pó de pedra, com decoração estampada a preto do motivo "cavalinho"; apresenta marca estampada: "Fabrica de Sacavém"	1863-1870	1	
PCOR/47	Fragmento de bordo e asa de botija de Genebra, em grés.	Idade Contemporânea	1	
PCOR/48	Fragmento de azulejo de padrão, decorado com barras azuis e amarelas.	Século XVII	1	
139	Fragmento de carvão.		1	
140	Fragmento de copo de vidro.	Idade Contemporânea	1	
141	Fragmentos de ossos de animais; um deles cortado.		4	
142	Fragmento de objecto de metal.	Idade Contemporânea	1	
143	Fragmento do bojo de vaso de grés.	Idade Contemporânea	1	
144	Fragmentos de ferragens diversas, nomeadamente de porta; completamente oxidados e concrecionados.	Idade Contemporânea	8	
177	Tijolo fragmentado; pasta rosa amarelada.	Idade Contemporânea (?)	1	
178	Fragmentos de tijolos		8	
179	Fragmentos de telhas de canudo.	Idade Contemporânea (?)	6	


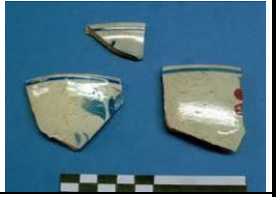





N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
180	Fragmentos de vidro de recipientes.	Idade Contemporânea (?)	2	
181	Escória de metal.	Idade Contemporânea (?)	1	
182	Fragmentos incaracterísticos de cerâmica.		2	
183	Fragmentos de bojos, fundos e asa de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	17	
184	Fragmentos de bojos, fundos e bordos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo: tachos, saladeira e jarro; vidrados a melado, branco, vermelho e verde.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	15	
185	Fragmentos de bordos de alguidares vidrados a verde internamente.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	3	
186	Fragmento de botija de Genebra, de grés.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
187	Fragmento de telha de canudo.		1	
188	Fragmentos de bojos e fundos de recipientes de cerâmica vidrados a chumbo		7	
189	Fragmentos de recipiente de faiança, decorado com duas listas azuis; pasta muito vermelha; Fábrica do Juncal?		2	
190	Fragmento do fundo de tigela de cerâmica vidrada internamente a branco; produção de Torres Vedras?		1	
191	Fragmento de asa de recipiente de cerâmica fosca.		1	
192	Chapa de ferro completamente oxidada e concrecionada.		1	
193	Fragmentos de testos de cerâmica fosca.		3	
194	Fragmentos de bordos de cerâmica fosca.		3	






N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
195	Fragmento do fundo de recipiente de cerâmica fosca.		1	
196	Fragmentos de pratos de faiança industrial de pó de pedra, um com motivo estampado a verde.		3	
197	Fragmento de cerâmica vidrada a branco.		1	
198	Fragmentos de faiança portuguesa branca (na fotografia, em conjunto com PCOR/22).	Idade Moderna	2	
199	Fragmentos de prato e tigela de faiança, com decoração pintada e estampilhada.	Século XIX?	2	
252	Fragmento de hulha (carvão mineral).		1	
253	Fragmentos de tigela de faiança industrial de pó de pedra, decorada com lista castanha.	Idade Contemporânea	3	
254	Fragmentos de pratos em faiança industrial, com decoração por listas e barras (a verde, amarelo e vinoso).	Idade Contemporânea	2	
255	Fragmentos de pratos de faiança industrial, decorados com listas castanhas e barras azuis.	Idade Contemporânea	7	
256	Fragmentos de bojos de alguidares de cerâmica vidrada a chumbo, verdes e melados.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	4	
257	Fragmento de jarro/bilha, de cerâmica vidrada a chumbo, decorado com duas caneluras.	Idade Contemporânea	1	
258	Fragmentos diversos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo (verdes e melados).	Idade Moderna/Idade Contemporânea	5	
259	Fragmentos de pratos de faiança industrial de pó de pedra, sem decorações visíveis.	Século XX	3	
260	Fragmento de tigela de faiança industrial de pó de pedra, pintada a aerógrafo, com motivos a verde e vermelho.	Século XX	1	

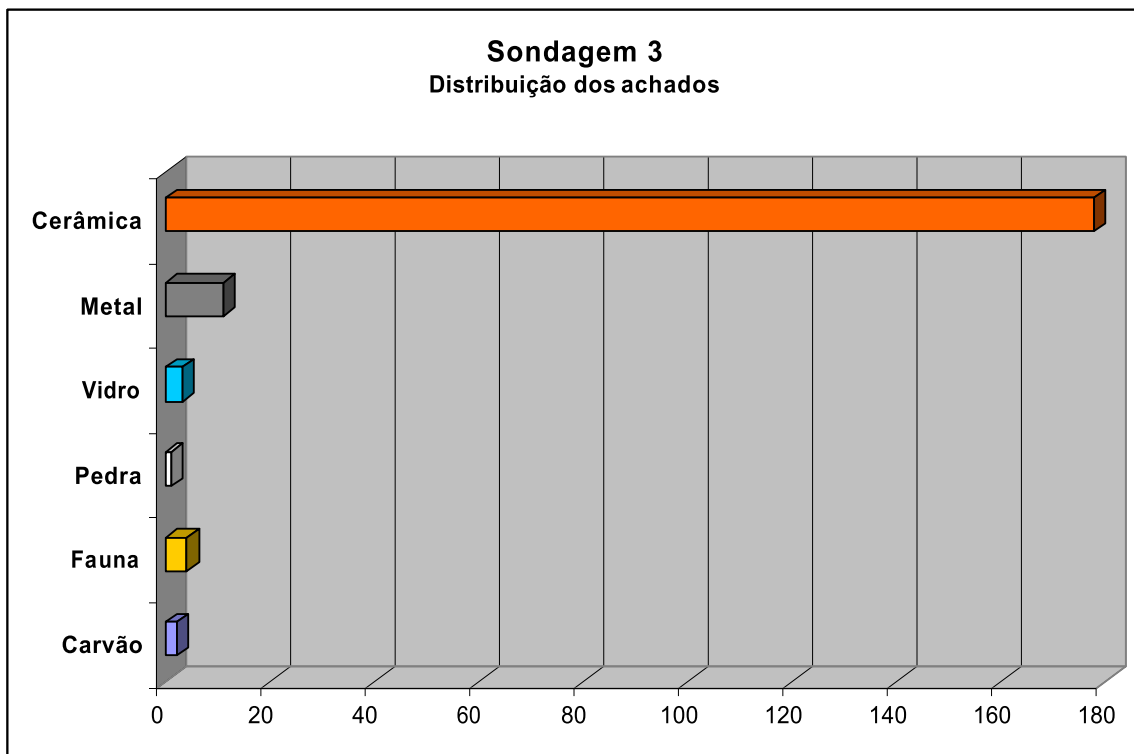


N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
261	Fragmento de recipiente (terrina?) de faiança industrial de pó de pedra, pintada a azul com motivos florais.	Século XX	1	
262	Fragmentos de tigelas de faiança industrial de pó de pedra, com decorações a azul e vermelho, estampilhadas e pintadas a aerógrafo.	Século XX	3	
263	Fragmentos de peças moldadas, de faiança industrial de pó de pedra, vidradas a verde/branco e melado/vermelho - esta última exactamente igual à decoração do canjirão patente na pág. 124 da obra "Fábrica de Louça de Sacavém", de Ana Paula Assunção (Edições Inapa).	Século XX	2	
264	Fragmento de asa de recipiente de faiança, com pintura a azul-cobalto.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
265	Fragmento de prato de faiança industrial de pó de pedra, com decoração estampada a roxo.	Séculos XIX/XX	1	
266	Fragmento do bordo de grande peça (saladeira?) de faiança industrial de pó de pedra, vidrada a verde e branco.	Idade Contemporânea	1	
267	Fragmentos de saladeira de faiança industrial em pó de pedra; bordo com barra azul pintada a aerógrafo.	Idade Contemporânea	2	
268	Fragmento de prato sopeiro de faiança corrente, decorado com listas vermelhas e uma barra amarela no bordo, complementada com motivos florais estampilhados a azul.	Século XX	1	
269	Fragmento de bojo de saladeira de faiança industrial de pó de pedra, com decoração vegetalista estampilhada a verde, vermelho, amarelo e vinoso	Século XX	1	
270	Fragmentos de pratos de faiança corrente, com motivos estampilhados a azul e verde.	Idade Contemporânea	4	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
271	Fragmento de pires de porcelana.	Século XX	1	
272	Fragmento do bordo de telha marselhesa.		1	
273	Fragmentos de prato de faiança industrial em pó de pedra, com decoração estampada a azul.	Idade Contemporânea	2	
274	Fragmentos de alguidar de barro vermelho, vidrado a castanho, com escorridos amarelos.	Idade Contemporânea	2	
275	Fragmentos de tigelas de faiança industrial de pó de pedra, com decorações a verde e amarelo.	Século XX	2	
276	Fragmento de peça (terrina?) em faiança industrial de pó de pedra, com motivos florais estampados.	Século XX	1	
277	Fragmentos de bordos de peças de cerâmica fosca de barro vermelho (púcaro e testo).	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
278	Fragmentos de prato de faiança industrial em pó de pedra, com decoração estampada a castanho.	Século XX	11	
279	Fragmentos de bordos de alguidares vidrados internamente, respectivamente, a amarelo, verde e melado.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	3	
			199	

A grande maioria do espólio recolhido nesta sondagem continua a datar dos séculos XIX e XX. Relativamente à datação dos materiais, destacam-se apenas raros fragmentos de faiança dos séculos XVIII e XIX, um pequeno fragmento de azulejo do século XVII e um fragmento de cerâmica esmaltada, que datamos, genericamente, da Idade Moderna.

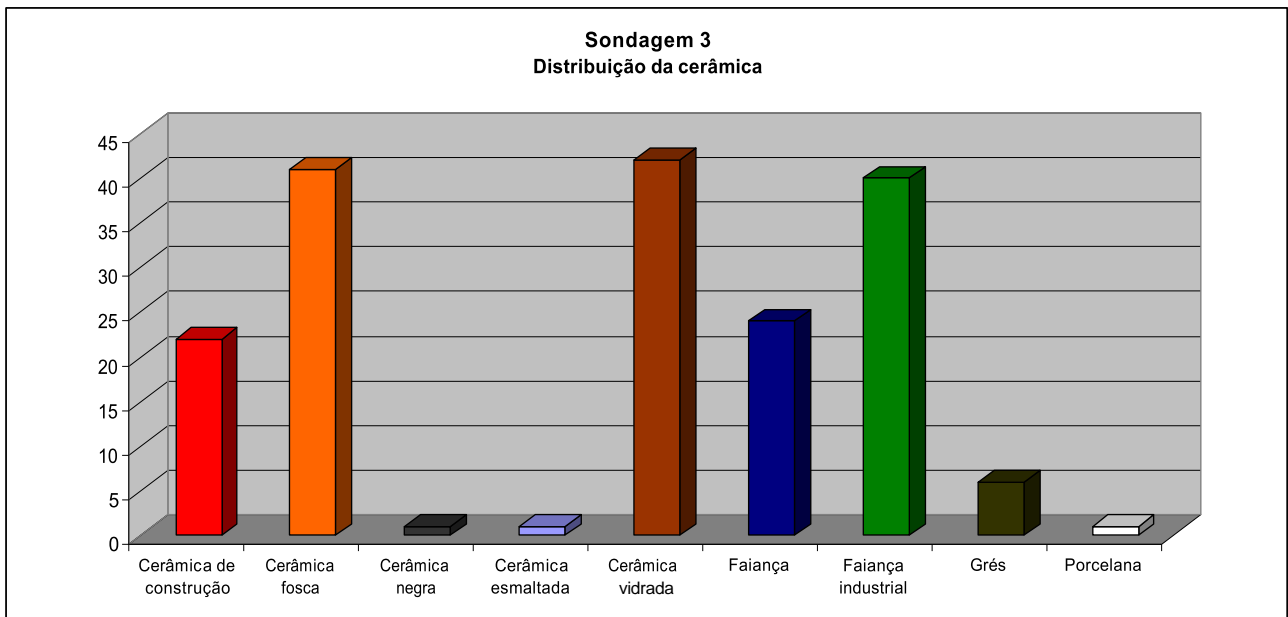


O primeiro facto a destacar nesta sondagem é a existência de um grande número de materiais semelhantes aos que foram recolhidos na sondagem 1, nomeadamente fragmentos das mesmas peças, encontrados nos dois locais – isto, essencialmente, no que respeita aos materiais mais recentes, designadamente de faiança industrial. Refira-se que, no contexto da análise dos materiais destas sondagens, restringimos a designação de faiança industrial ao conjunto de peças produzidas em pó de pedra. É possível que, aquando da colocação da tubagem de encanamento dos despejos, à escavação da vala se tenha seguido um reenchimento com detritos preexistentes, que se terão fragmentado e espalhado numa área mais vasta.

Os objectos metálicos recolhidos são ferragens ⁻⁸³⁻diversas, muito oxidadas e concrecionadas, e uma pequena escória. Os vestígios de vidro resumem-se a três fragmentos contemporâneos e o único objecto lítico é uma pedra afeiçoada para servir de malha de jogo.

Foram ainda recolhidos 4 fragmentos de ossos de animais e dois fragmentos de carvão.

No que respeita à cerâmica, predominam a cerâmica vidrada, a cerâmica fosca – onde se destaca uma peça em chacota – e a faiança industrial em pó de pedra, nomeadamente em produções das Fábricas Lusitânia e de Sacavém.



Seguem-se as faianças, maioritariamente contemporâneas, apesar da existência de alguns exemplares dos séculos XVIII e XIX, e a cerâmica de construção, contando-se em maior número os tijolos, seguidos dos fragmentos de telhas de canudo e de um fragmento de telha marselhesa. Destaca-se uma tampa de recipiente feito a partir de um fragmento afeiçoado de tijolo e o já referido fragmento de azulejo de padrão, formado por barras azuis e amarelas, datado do século XVII.

Por último, menciona-se ainda a recolha de 6 fragmentos de grés – pertencentes a botijas e a um vaso, – e de um único fragmento de porcelana.



6.4 – PERFIL 1

Após a realização das três primeiras sondagens, o construtor iniciou a limpeza e escavação de toda a zona a poente da fachada, correspondente ao interior do antigo *stand*. Aproveitando esse trabalho mecânico, procedeu-se à limpeza de uma secção da fachada, mas agora do seu lado interno, de modo a melhor se poder registar os seus aspectos construtivos pois, face às expectativas criadas junto dos habitantes, era necessário comprovar a modernidade da construção.

Assim, limpou-se um troço interno da fachada, a cerca de 13m a norte da R. Cândido dos Reis, de modo a obter um perfil, designado por Perfil 1.



Figs. 93 e 94 – Abertura do Perfil 1.

A limpeza viria a confirmar a total similitude das fundações subterrâneas da parede, com aquelas que foram identificadas na Sondagem 3 (veja⁻⁸⁵⁻-se as figs. 85 a 87). As fundações da parede tinham uma altura de 1,20m até ao ressalto e 65cm deste até ao assentamento no terreno.



Figs. 95 e 96 – Perfil 1.



6.5 – Corte 1

Dada a inexistência de potência estratigráfica junto do Perfil 1, para a obtenção de uma leitura do terreno – uma vez que o construtor havia já limpo uma grande zona em redor da fachada do antigo *stand* de automóveis –, foi feito um corte no terreno original ainda existente, precisamente defronte do Perfil 1, a alguns metros a poente da parede (veja-se a planta geral de localização das sondagens). O Corte 1 tinha 1,8m de largura e 2,63m de altura.

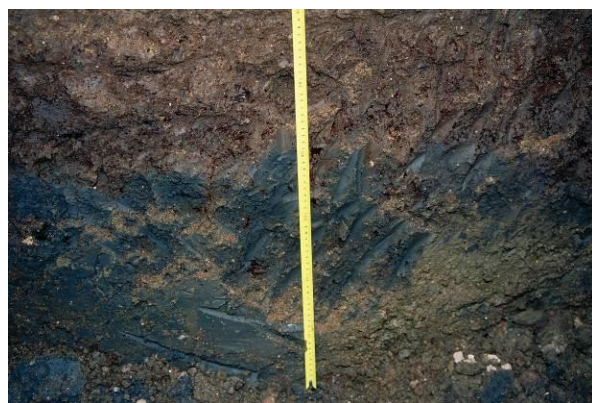


Fig. 97 – Corte 1.



Fig. 98 – Corte 1.

Na generalidade, foi notória a composição essencialmente natural das diversas camadas, constatando-se a rara presença de materiais de origem antrópica.



Figs. 99 a 102 – Pormenores das camadas estratigráficas do Corte 1.

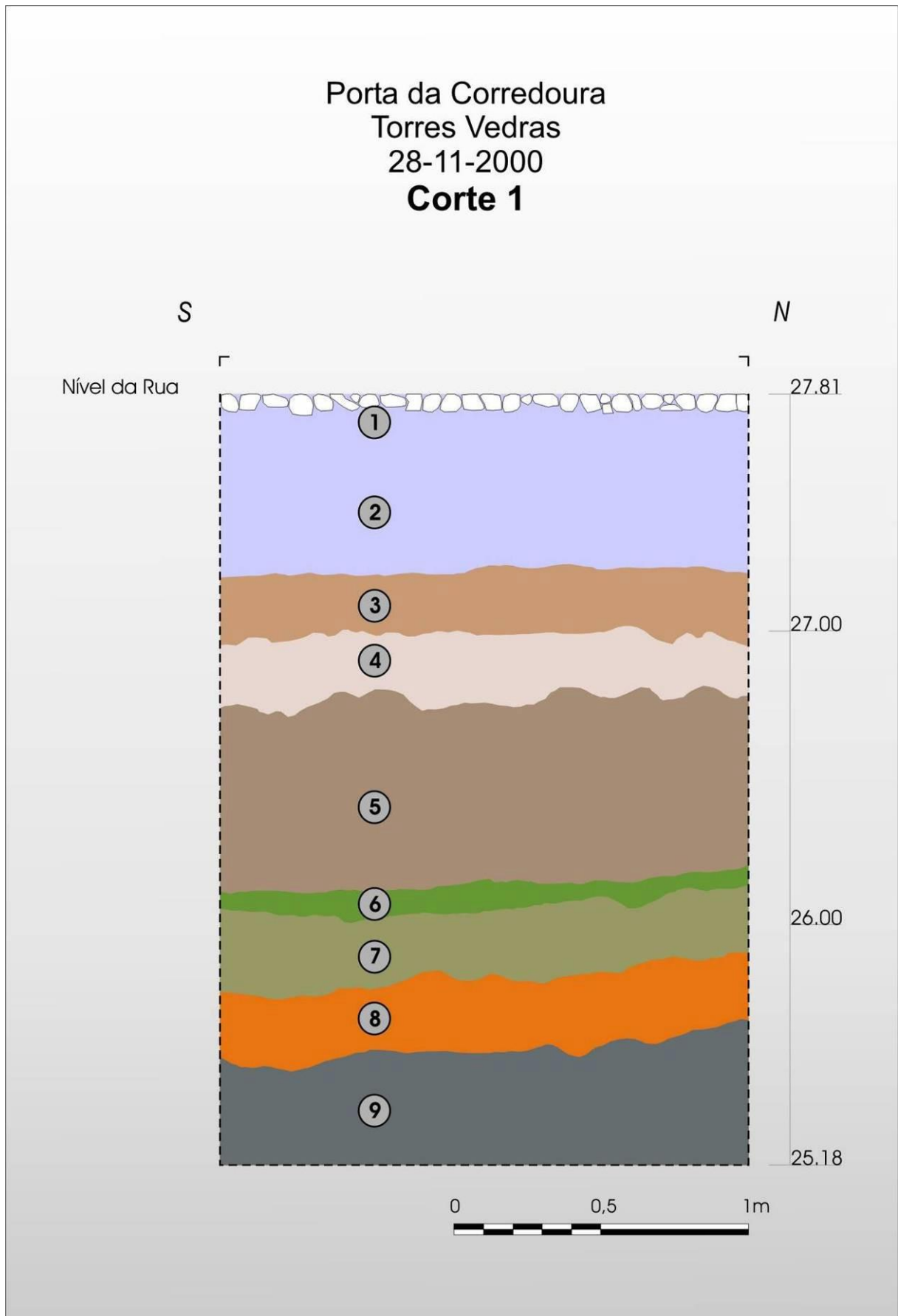


Fig. 103 – Corte 1.



ESTRATIGRAFIA:

- **Camada 1** – Calçada recente.
- **Camada 2** – Terra castanho-avermelhada, com abundantes materiais de construção e algum espólio contemporâneo.
- **Camada 3** – Terra castanha clara com vestígios de caliza e materiais de construção, com materiais da época Contemporânea.
- **Camada 4** – Pequeno nível de terra castanho-avermelhada, húmida, um pouco humosa e relativamente compacta. A camada apresentava uma espessura média de 15cm.
- **Camada 5** – Camada de margas argilosas castanho-acinzentadas, muito compacta, com muitas pedras pequenas. Espessura média de 59cm.
- **Camada 6** – Pequena camada intercalar, de terra castanho-rosada, com apenas 8cm de espessura média. Camada relativamente compacta, muito homogénea e estéril.
- **Camada 7** – Pequena camada de terra castanha, de tom mais claro e também ligeiramente mais espessa do que a precedente. Relativamente compacta, apresenta na base uma coloração mais forte, de um castanho-avermelhado ferruginoso. Forneceu alguns fragmentos de telha de canudo e escassos fragmentos de cerâmica fosca, bem como um pequeno pedaço de escória. Nesta camada foi ainda encontrada uma moeda de 10 réis, de cobre, de D. João V, datada de 1748. Espessura média de 16cm.
- **Camada 8** – Camada argilosa, de cor castanho-escuro. Forneceu ligeiramente mais materiais do que a camada antecedente, ⁻⁸⁹⁻ embora ainda em número relativamente escasso. Predominava a cerâmica fosca, mas destacam-se também raros fragmentos de faiança em pó de pedra, fragmentos de faiança dos séculos XVIII e XIX, cerâmicas vidradas, um fragmento de cerâmica esmaltada de origem sevilhana, rara fauna e alguns fragmentos de telha. Apresentava uma espessura média de 30cm.
- **Camada 9** – Camada de argilas cinzento-escuras, de tom azulado, muito compactas e húmidas. Apresentava raros fragmentos de cerâmica, muito rolados. Parece tratar-se de uma camada sedimentar, de argilas aluviais. Foram escavadas até aos 40cm de profundidade.



6.6 – Sondagem 4

Embora a fachada nascente do imóvel onde funcionou o *stand Comauto* se localizasse num percurso onde seria expectável a passagem da muralha de Torres Vedras – atendendo às descrições históricas conhecidas –, as sondagens aí realizadas acabaram por não confirmar essa possibilidade: as características construtivas do paramento, tanto acima como abaixo do nível do solo, designadamente a sua espessura, não se coadunavam com uma muralha ou cerca de uma vila medieval. Assim, cedo foi posta de parte a hipótese de aquela estrutura constituir um troço da muralha torriense.

No entanto, o facto de a maioria das narrativas históricas apontar o local como o mais provável para a localização das Portas da Corredoura, levou a equipa a prosseguir com as sondagens, direccionando agora os trabalhos para a zona correspondente ao interior do antigo *stand* de automóveis.

Assim, abriu-se uma nova sondagem, com cerca de 2,5 m de largura, paralela e imediatamente contígua à face interna da fachada nascente do imóvel e a cerca de 1m de distância do passeio público.



Fig. 104 – Zona onde foi aberta a Sondagem 4.

A 1,5m para o interior do terreno, relativamente à rua, e a 1m de profundidade, foi identificada uma estrutura paralelepípedica, feita de pedra, tijolo e cimento, com 2,20m de comprimento por 98cm de largura e 15cm de espessura.



Figs. 105 e 106 – Estrutura paralelepipedica descoberta.

Não foi possível determinar a origem ou a função desta plataforma, mas o facto de ser feita em tijolo e cimento demonstra a sua modernidade, podendo estar associada a qualquer actividade desenvolvida no interior do imóvel, anteriormente à sua função de espaço de comercialização de veículos automóveis.

A 1m de profundidade era já possível verificar o grande problema com que a equipa se iria confrontar ao longo de toda a intervenção e que foi absolutamente condicionador da metodologia a aplicar e da qualidade do trabalho, face aos meios disponíveis: o elevado nível freático do local, ainda mais favorecido pelos movimentos de terras em curso. O trabalho viria a ser feito, com dificuldade, recorrendo à utilização permanente de mais do que uma bomba de água.

O desenvolvimento dos desaterros efectuados pelo empreiteiro, na área em redor, levaria à colocação, no local seleccionado para a intervenção, de grandes volumes de terras, que condicionariam também os trabalhos.

- 91 -



Fig. 107 – Em segundo plano, o grande volume de terras colocado no local.

- 91 -



Continuando a não se verem resultados da intervenção, no dia 18 de Dezembro de 2000, decidiu-se alargar a área da sondagem a toda a largura do espaço de construção.

Na zona correspondente à da já demolida fachada sul do *stand*, que dava para a Rua Cândido dos Reis, começou a surgir um paramento em cantaria, formado por grandes blocos de pedra, muito bem aparelhados (figs. 108 a 111).



- 92 -

Figs. 108 a 111 – Descoberta de paramento de alvenaria (Estrutura A).

Os blocos tinham, em média, cerca de 36cm por 26cm – havendo, no entanto, blocos maiores – e o paramento revelava uma boa construção. A sondagem chegou aos 2m de profundidade, vindo a verificar-se, mais tarde, que o muro se prolongava por mais cerca de 50cm.

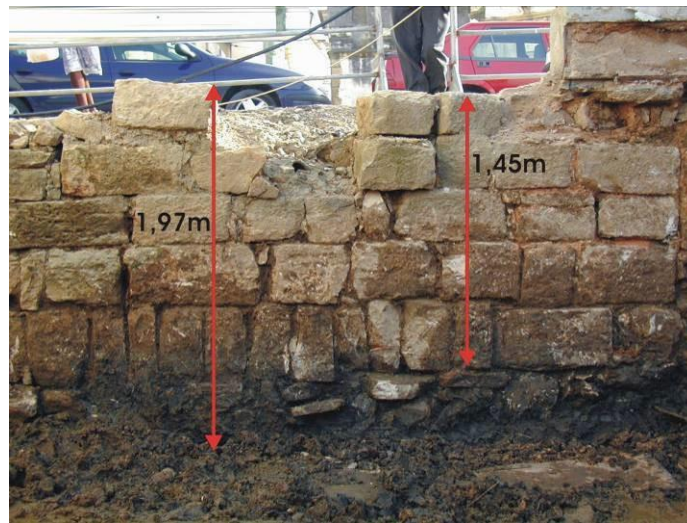


Fig. 112 – Paramento (Estrutura A).

Tudo parecia indicar que se tinha descoberto, finalmente, a muralha da vila que, contra todas as expectativas e muito estranhamente, se desenvolveria de forma paralela à antiga rua da Corredoura. O trabalho seguinte consistiu em retirar as toneladas de terra que se encontravam no terreno, e proceder à limpeza e delimitação da estrutura posta a descoberto.



Figs. 113 e 114 – Paramento de alvenaria posto a descoberto (Estrutura A).

O muro era construído com os blocos de cantaria em posição horizontal, sobre um complexo sistema de embasamento, formado por uma fiada de blocos em posição vertical, sobreposta a um enrocamento de blocos mais toscos, dispostos horizontalmente, por sua vez novamente sobreposto a uma nova fileira de blocos dispostos verticalmente. A posição das pedras do embasamento poderá estar ligada ao facto de o nível freático ser muito elevado no local – é uma zona clássica de cheias em Torres Vedras –, desempenhando os blocos verticais o mesmo papel que as estacas de pinho no muro de delimitação da Vala Real.

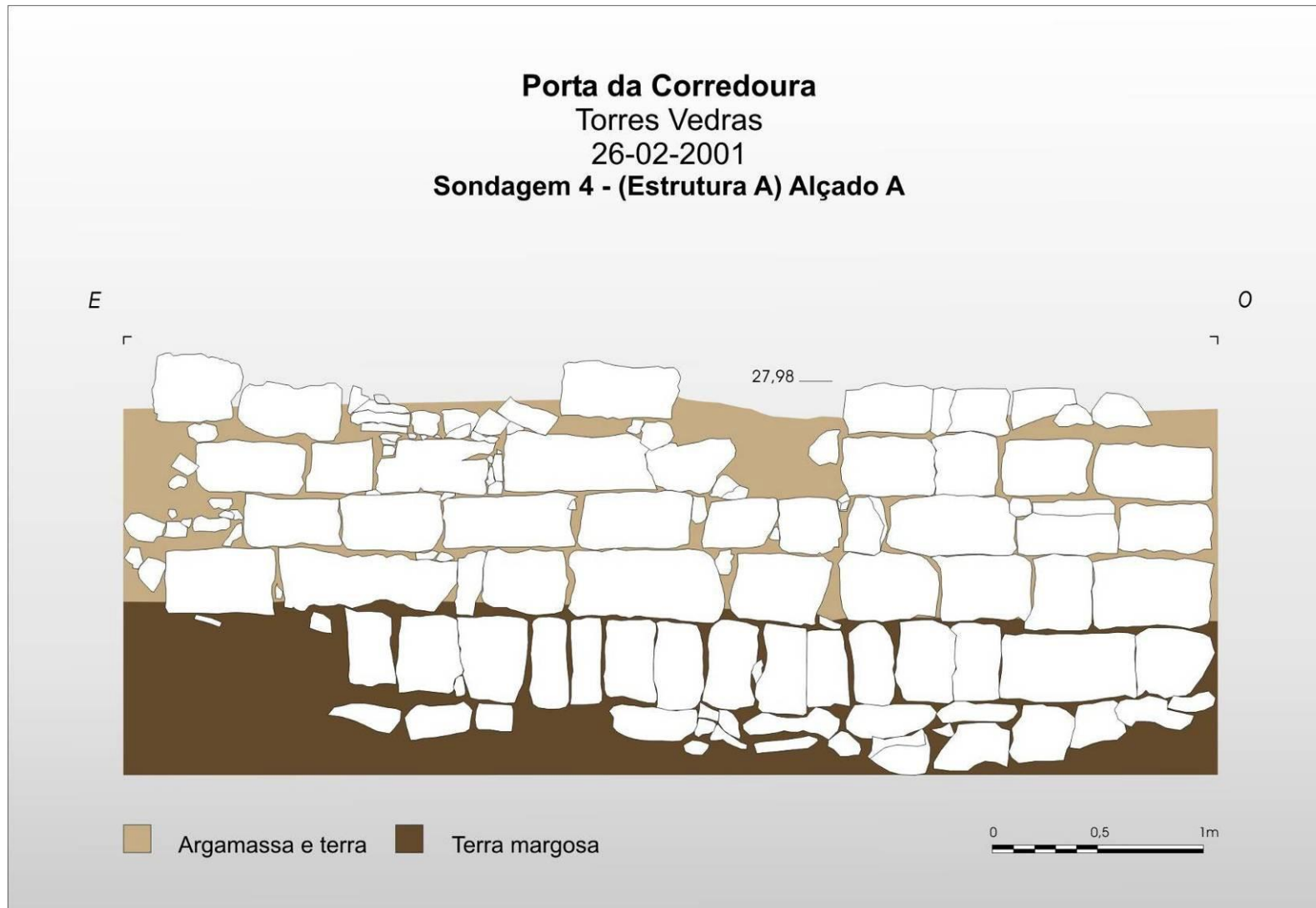


Fig. 115 – Sondagem 4 – Alçado A.



Figs. 116 e 117 – Cunhal do lado poente do paramento.

Do lado poente do paramento podia observar-se aquilo que parecia ser um cunhal, sugerindo a continuação da estrutura por sob a rua. Não sendo possível identificar o tipo de estrutura em causa, estava-se, no entanto, perante uma imponente construção arquitectónica, de características totalmente distintas das da fachada nascente, sondada anteriormente. A sua eventual inflexão em direcção à rua, parecia confirmar a sua relação com a porta de uma muralha. Este paramento viria a ser identificado como Estrutura A.

No embasamento da estrutura foi encontrado um osso afeiçoado e polido, eventualmente para utilização como cabo.



Fig. 118 – Osso afeiçoado.

À medida que se ia limpando este paramento, ia sendo posta a descoberto uma outra estrutura similar, perpendicular à primeira, na zona onde, de facto, se encontrava implantada a fachada nascente do edifício demolido, nomeadamente no sector correspondente à estrutura inicialmente identificada como um cubelo quadrangular.



Figs. 119 a 126 – Continuidade do muro para nascente (Estrutura B).



Não havia, agora, qualquer dúvida de que estávamos perante uma complexa estrutura de cantaria, com dimensões e imponência só enquadráveis numa muralha da vila. A construção a nascente, perpendicular à Estrutura A, viria a ser identificada como Estrutura B.

Os trabalhos continuaram com a limpeza das estruturas, com vista à sua total colocação a descoberto. Tal iria levar à identificação de uma terceira construção mural, orientada a poente, quase perpendicular à Estrutura B, que ficaria identificada como Estrutura C. Bastante destruída, dela já quase só restavam as fundações.



Figs. 127 a 132 – Momentos da identificação da Estrutura C.

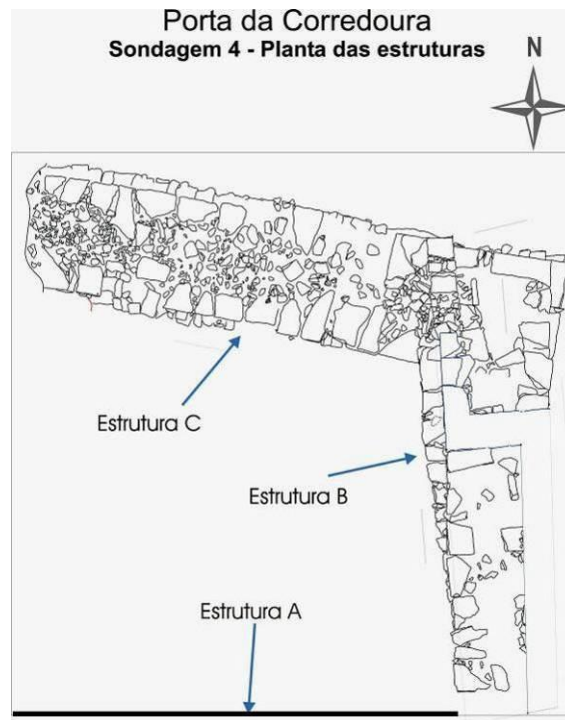


Fig. 133 – Designação das estruturas descobertas.

A escavação das estruturas identificadas, designadamente a última, que se encontrava a um nível muito mais baixo do que as restantes, implicava uma limpeza das terras envolventes, o que o construtor prontamente efectuou de seguida.



Fig. 134 – Limpeza do terreno envolvente, para escavação da Estrutura C.



Figs. 135 e 136 – Fase inicial da escavação da Estrutura C (em primeiro plano e ao fundo).

O trabalho ia decorrendo, não só de acordo com os avanços e paragens próprias das obras em curso, como com as suspensões determinadas pelas condições climáticas. Estas paragens, que chegavam a durar algumas semanas, determinavam a subida do nível freático durante a fase de suspensão da bombagem das águas e a conseqüente cobertura das estruturas.

Seguiram-se, depois, duas etapas importantes: por um lado, a picagem da Estrutura B – isto é, a face interna da parede do antigo *stand* –, de modo a retirar-lhe o reboco que ainda a cobria e que nos impedia de verificar a sua técnica construtiva; por outro lado, a demolição dos panos de parede mais recentes, que se sobrepunham àquela estrutura, de forma a melhor identificar a construção original.



Figs. 137 e 138 – Demolição da fachada do antigo *stand*.



Figs. 139 a 141 – Picagem do reboco que cobria a muralha (Estrutura B) e limpeza geral (Estruturas B e C).



A desmontagem da parede permitiu constatar a existência, não de uma, mas de duas paredes contíguas: a da muralha, em cantaria, e a parede exterior do *stand*, em alvenaria. Entre as duas, foi colocado à vista o troço inicial da manilha que conduzia os sobejos das águas do Chafariz dos Canos.



Figs. 142 e 143 – Demolição da fachada do antigo *stand*: a dupla parede, separada pela conduta.



Fig. 144 – A Estrutura B já escavada (vista de Sul).



A picagem da parede, por sua vez, permitiu verificar que, apesar de antiga, uma parte da estrutura da muralha resultava já de uma adaptação/ampliação mais tardia. O troço, feito em alvenaria e toscamente sobreposto aos blocos de pedra da cantaria da muralha, é bem visível nas figs. 145 e 146.



Figs. 145 e 146 – As estruturas já escavadas.



Entretanto, o paramento visível sob o passeio, identificado como Estrutura A, que havia sido desprovido das terras de suporte, a Norte, viria a desmoronar-se completamente, na sequência de abundantes chuvas. Tal facto permitiu verificar que, afinal, estávamos na presença de um simples paramento de fundação da fachada sul do antigo *stand* de automóveis, em cuja construção foram reutilizadas as pedras da antiga muralha.



Figs. 147 e 148 – A muralha (Estruturas B e C), vendo-se, ao fundo, a zona desmoronada onde se encontrava a Estrutura A.



Após a limpeza das estruturas, foi possível verificar que as denominadas Estruturas B e C correspondiam, afinal, na base, a uma estrutura linear, que constituía a antiga muralha da vila, que nascia perpendicularmente à Rua Cândido dos Reis (Estrutura B), seguindo para Norte onde, a cerca de 12,7m de distância da rua, inflectia para poente, num ângulo de 105°, continuando para além do terreno onde se centravam os trabalhos (Estrutura C).



Figs. 149 e 150 – Aspectos da muralha.

A estrutura de cantaria media entre 2m e 2,3m de largura e assentava num embasamento formado por blocos de pedra aparelhados, dispostos verticalmente sobre o solo. A estrutura era formada por duas faces de cantaria, constituídas por blocos de pedra paralelepípedicos, de dimensões irregulares, dispostos em fiadas horizontais alinhadas e paralelas e, genericamente, com apresentação irregular de testa e de peito. O interior das faces de cantaria era formado por um enchimento amalgamado de terra e de pedras irregulares, de média e pequena dimensão, fortemente compactado.

No troço perpendicular à rua, verificava-se que uma utilização posterior da muralha tinha aproveitado toda a sua largura, formando uma reentrância na sua estrutura interna, através da construção de um muro estreito na sua face externa. O prolongamento superior desta reentrância formava o aparente “cubelo”, visível na fachada nascente do *stand* de automóveis.



Figs. 151 a 153 – Aspectos da estrutura arquitectónica.



Figs. 154 a 156 – Pormenores da construção.



Finalmente, é necessário referir dois aspectos importantes na análise da estrutura. Por um lado, ela aproxima-se da rua da Corredoura vinda de poente, de forma relativamente paralela à rua, e não de Norte, como a generalidade dos historiadores a concebia. Por outro lado, a sua inflexão em direcção à rua, sob a qual se prolonga, constitui uma prova inequívoca da existência de uma porta naquele local, atendendo à existência prévia da estrada e à sua importância viária.

Note-se que, precisamente do lado oposto da rua, situa-se um dos seculares passos processionais da urbe. O facto de outros passos torrienses se situarem, também, junto às antigas portas da vila (caso das portas de Santana e da Várzea), tem sido também visto como uma prova da localização da Porta da Corredoura neste mesmo local.

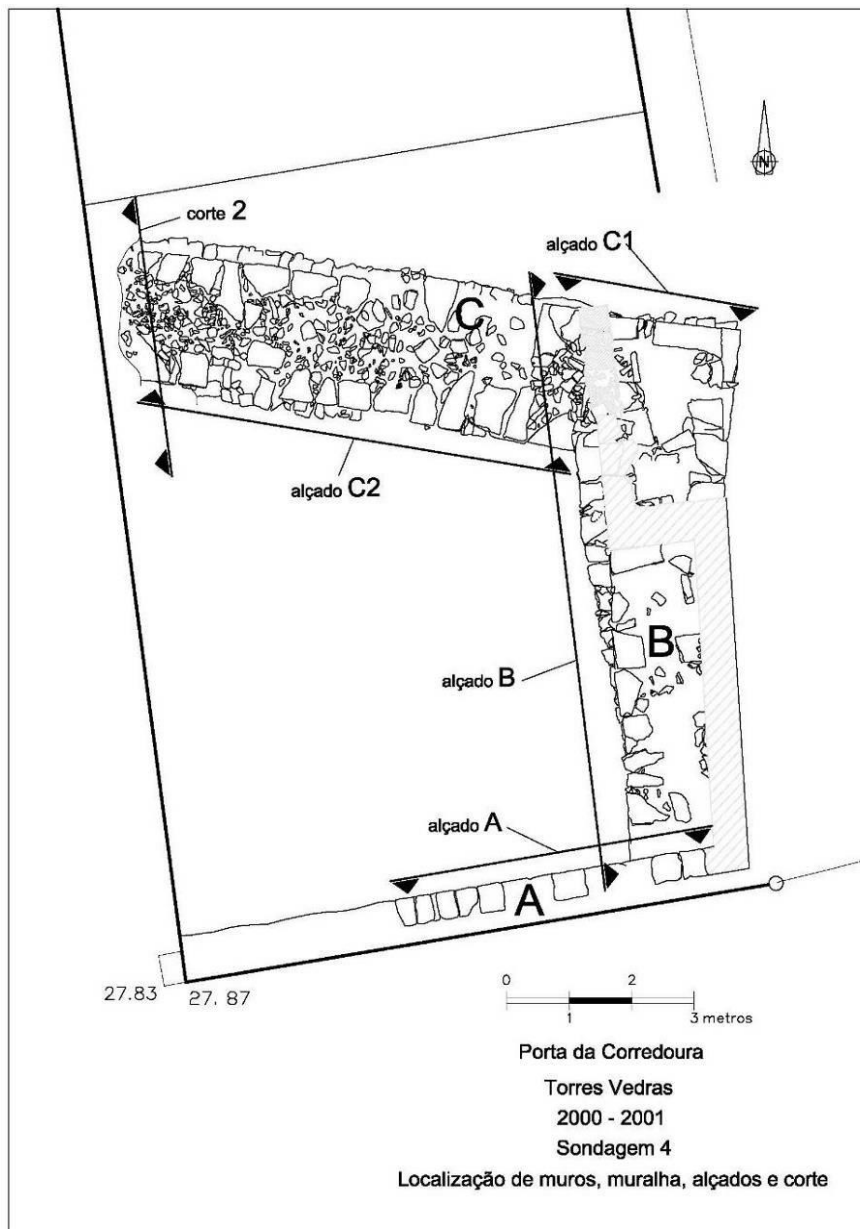


Fig. 157 – Localização de muros, muralha, alçados e corte.

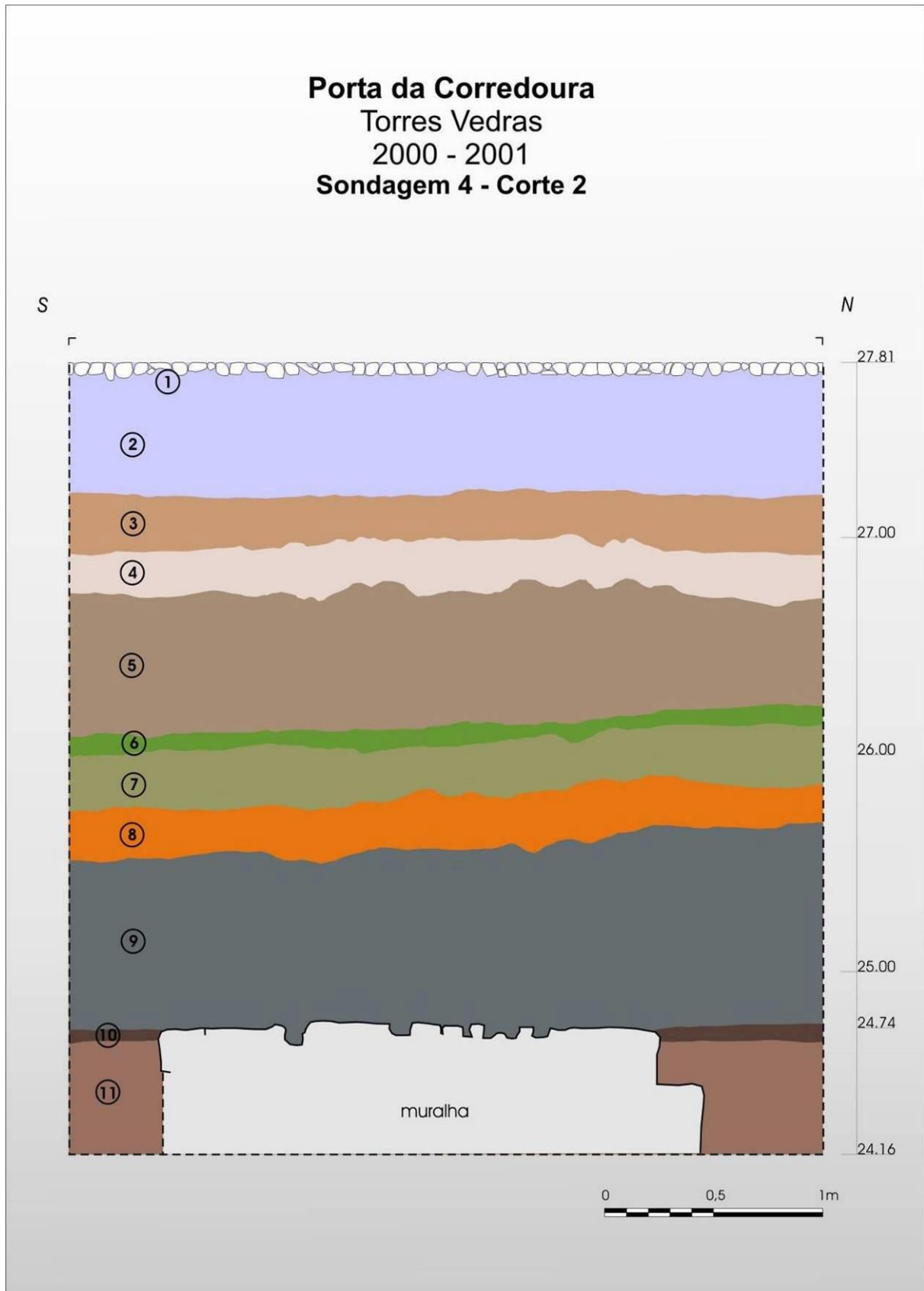


Fig. 158 – Sondagem 4 – Corte 2.



ESTRATIGRAFIA:

- **Camada 1** – Calçada recente.
- **Camada 2** – Terra castanho-avermelhada, com abundantes materiais de construção e algum espólio contemporâneo.
- **Camada 3** – Terra castanha clara com vestígios de caliza e materiais de construção, com materiais da época Contemporânea.
- **Camada 4** – Nível de terra castanho-avermelhada, húmida, um pouco humosa e relativamente compacta.
- **Camada 5** – Camada de margas argilosas castanho-acinzentada, muito compacta, com muitas pedras pequenas. Forneceu materiais de época Contemporânea.
- **Camada 6** – Pequena camada de terra castanho-rosada, relativamente compacta, muito homogénea e estéril.
- **Camada 7** – camada de terra castanha, de tom mais claro e também ligeiramente mais espessa do que a precedente, com fragmentos de telha de canudo e escassos fragmentos de cerâmica fosca. Relativamente compacta, apresentava na base uma coloração mais forte, de um castanho-avermelhado ferruginoso.
- **Camada 8** – Camada argilosa, de cor castanho-escuro. Forneceu um escasso número de materiais, sobretudo cerâmica fosca e raros fragmentos de faianças dos séculos XVIII e XIX e cerâmicas vidradas.
- **Camada 9** – Camada de argilas cinzento-escuras, de tom azulado, muito compactas e húmidas. Forneceu escasso espólio, muito rolado, destacando-se uma asa triangular de recipiente de época Romana, e raras cerâmicas da Idade Moderna.
- **Camada 10** – Camada de lodo negro, correspondente à fase de abandono após o derrube da muralha. Não forneceu espólio.
- **Camada 11** – Argilas castanho-avermelhadas, muito escuras. Camada sedimentar, de argilas aluviais, e estéril.

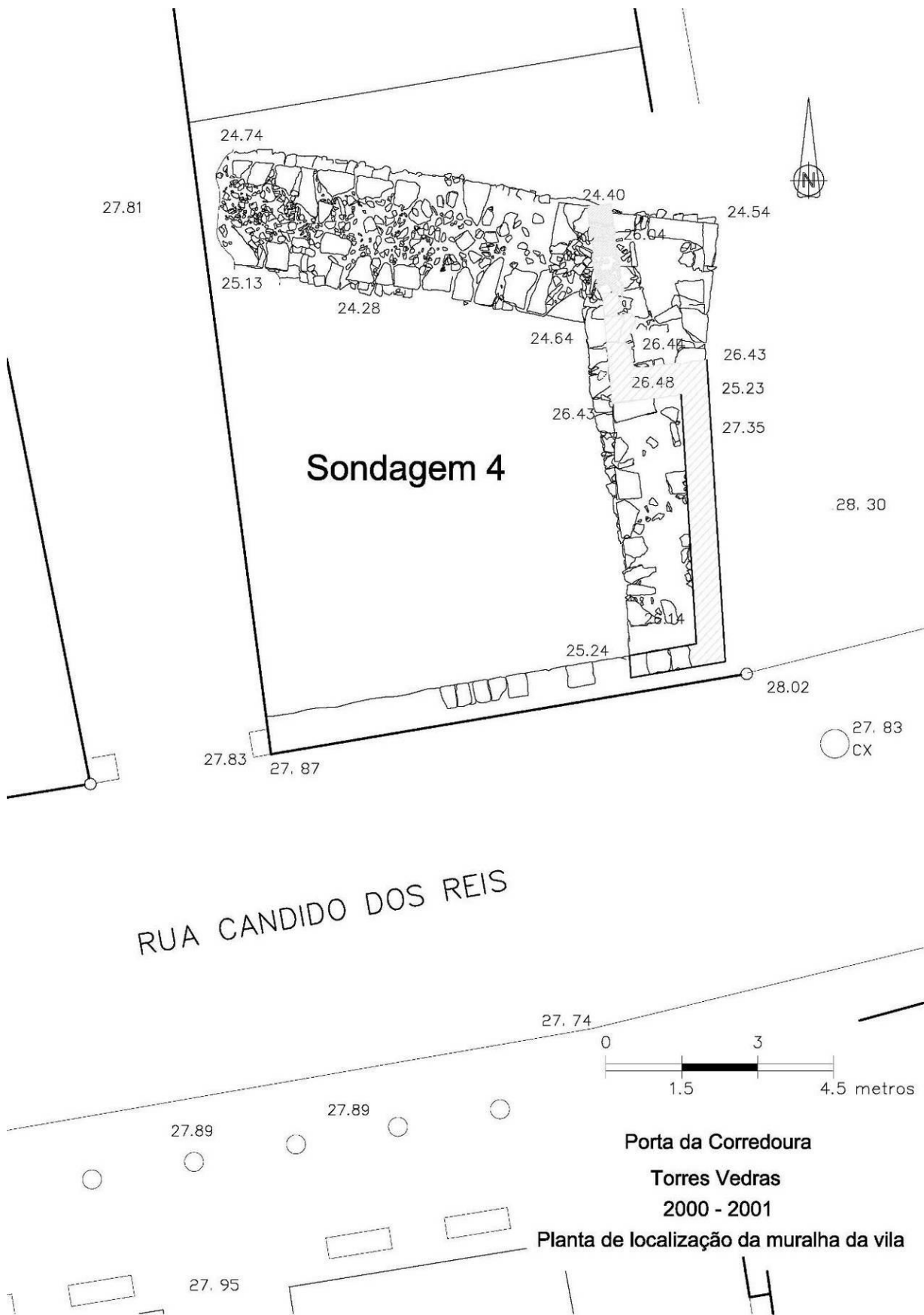
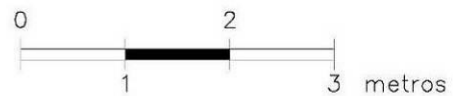
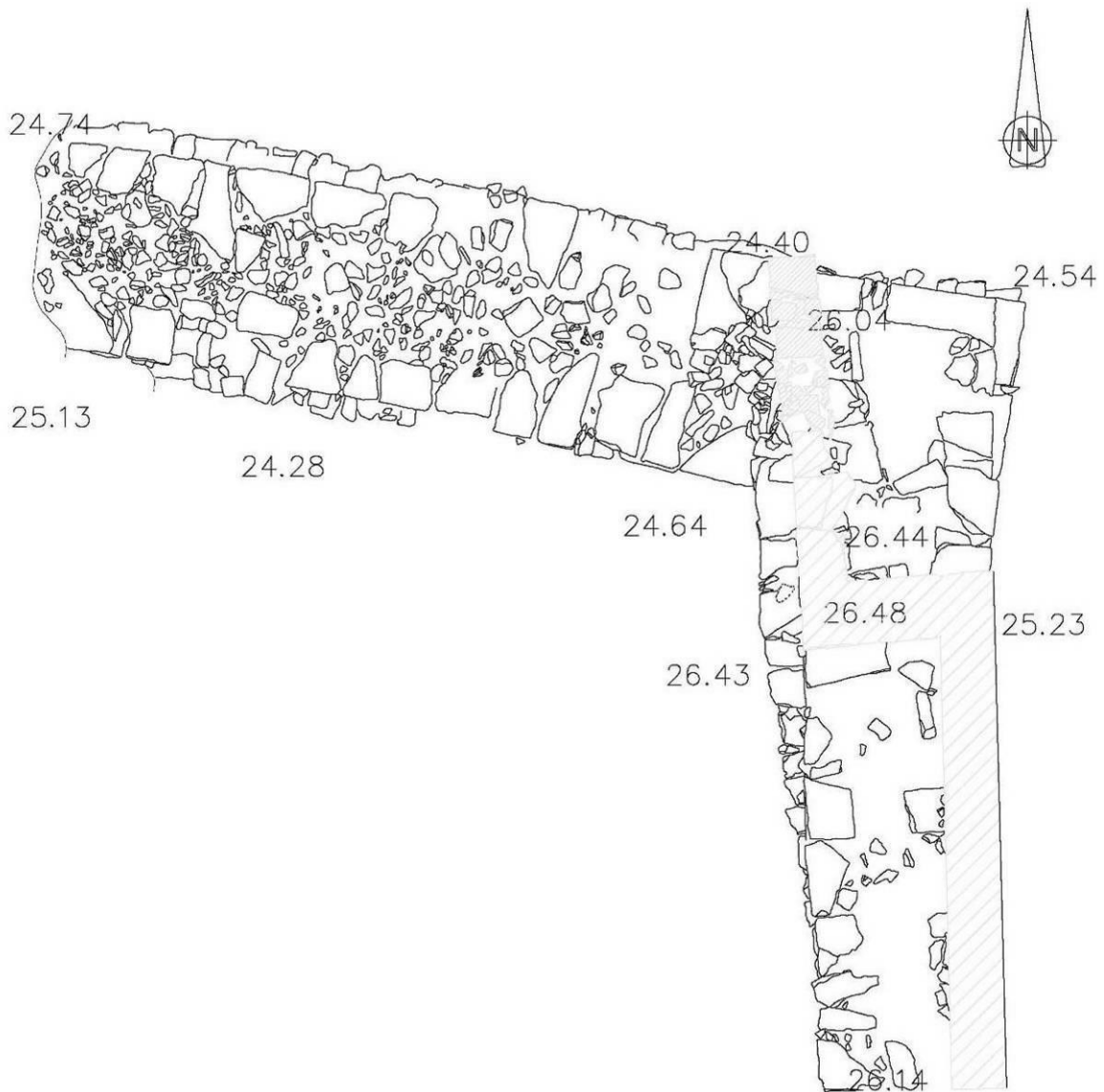


Fig. 159 – Planta de localização da muralha da vila.

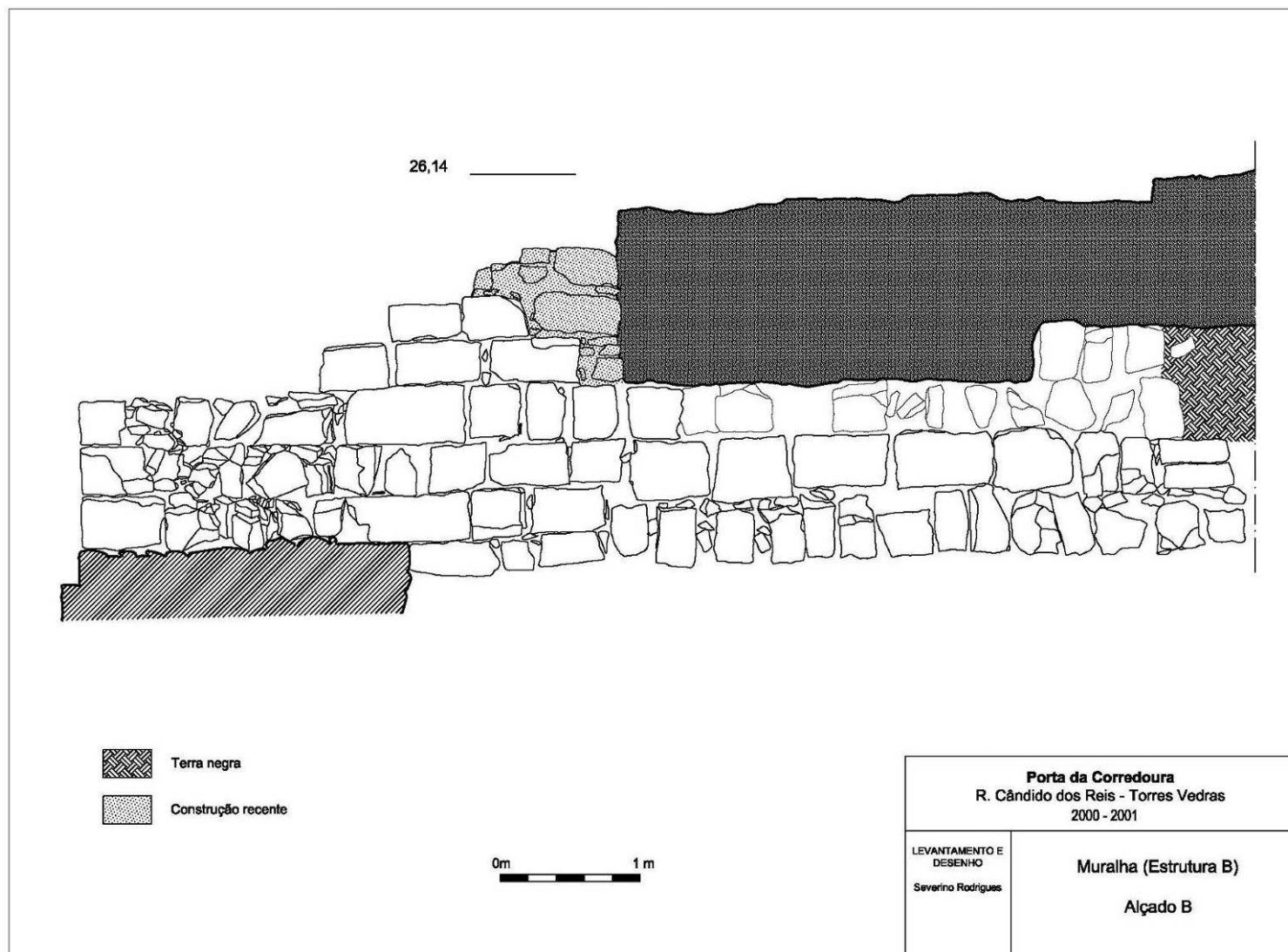


Porta da Corredoura
Torres Vedras
2000 - 2001
Planta de pormenor da muralha da vila

Fig. 160 – Planta de pormenor da muralha da vila.

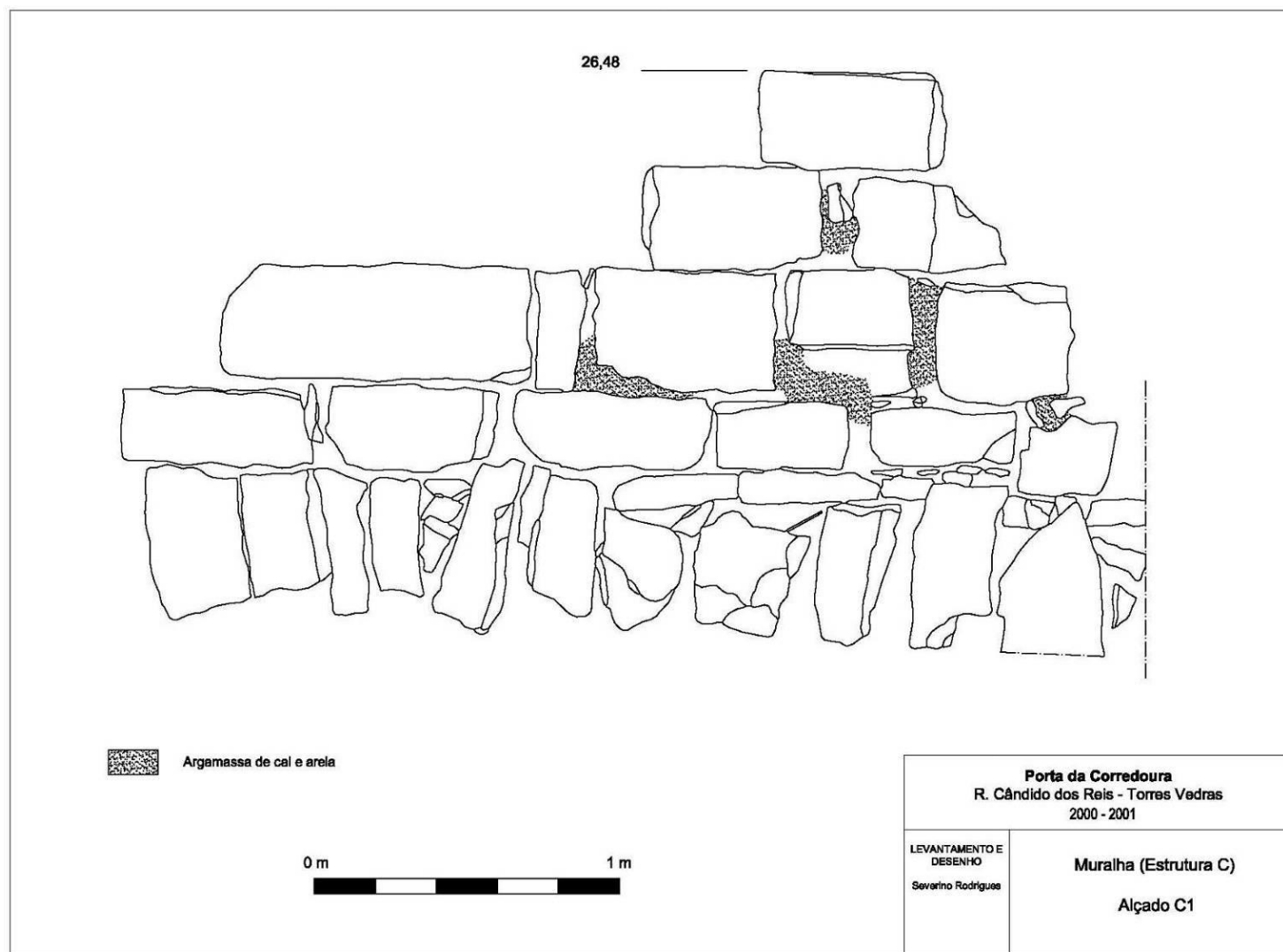


Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos



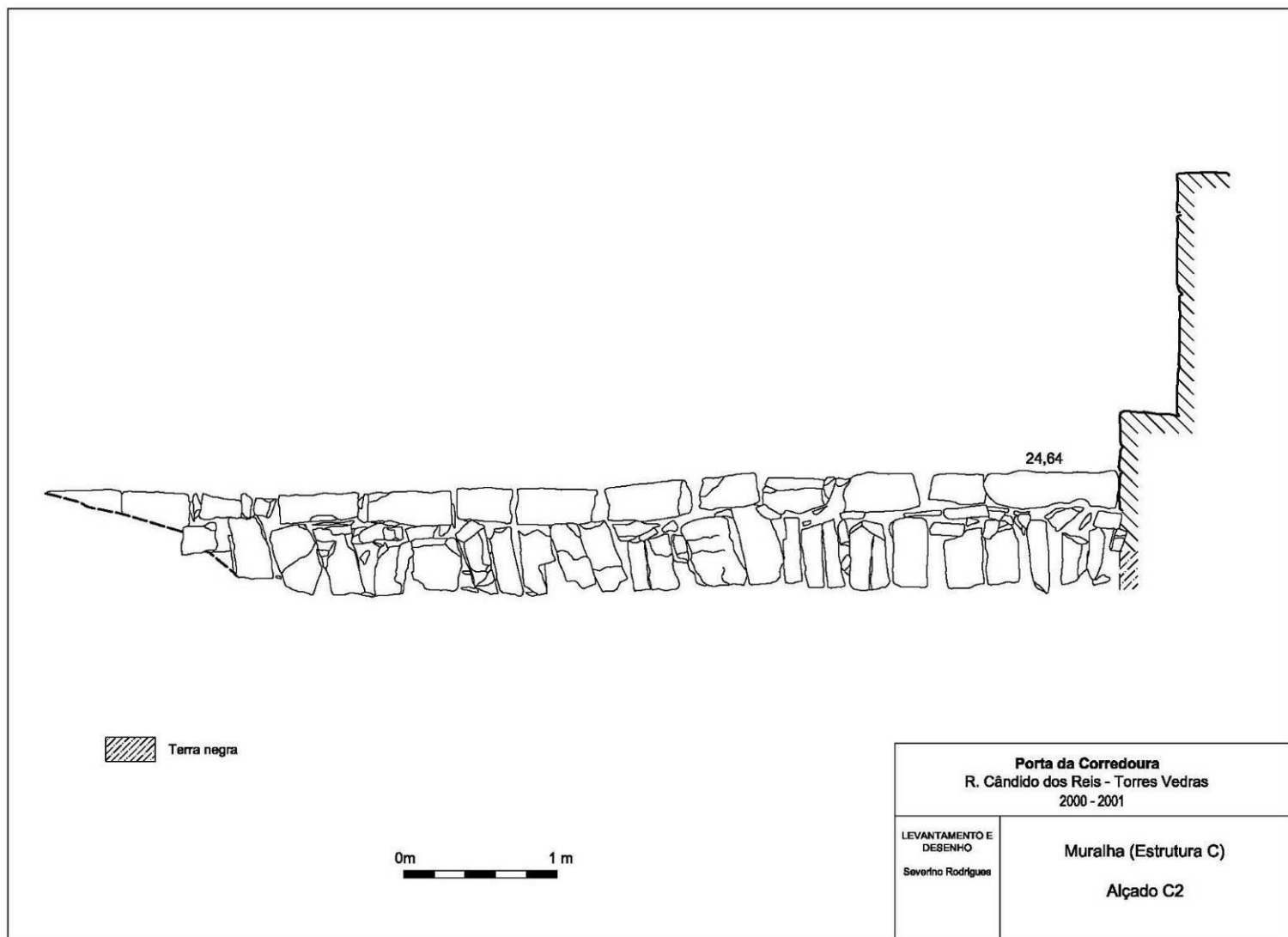


Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos





Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos





Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

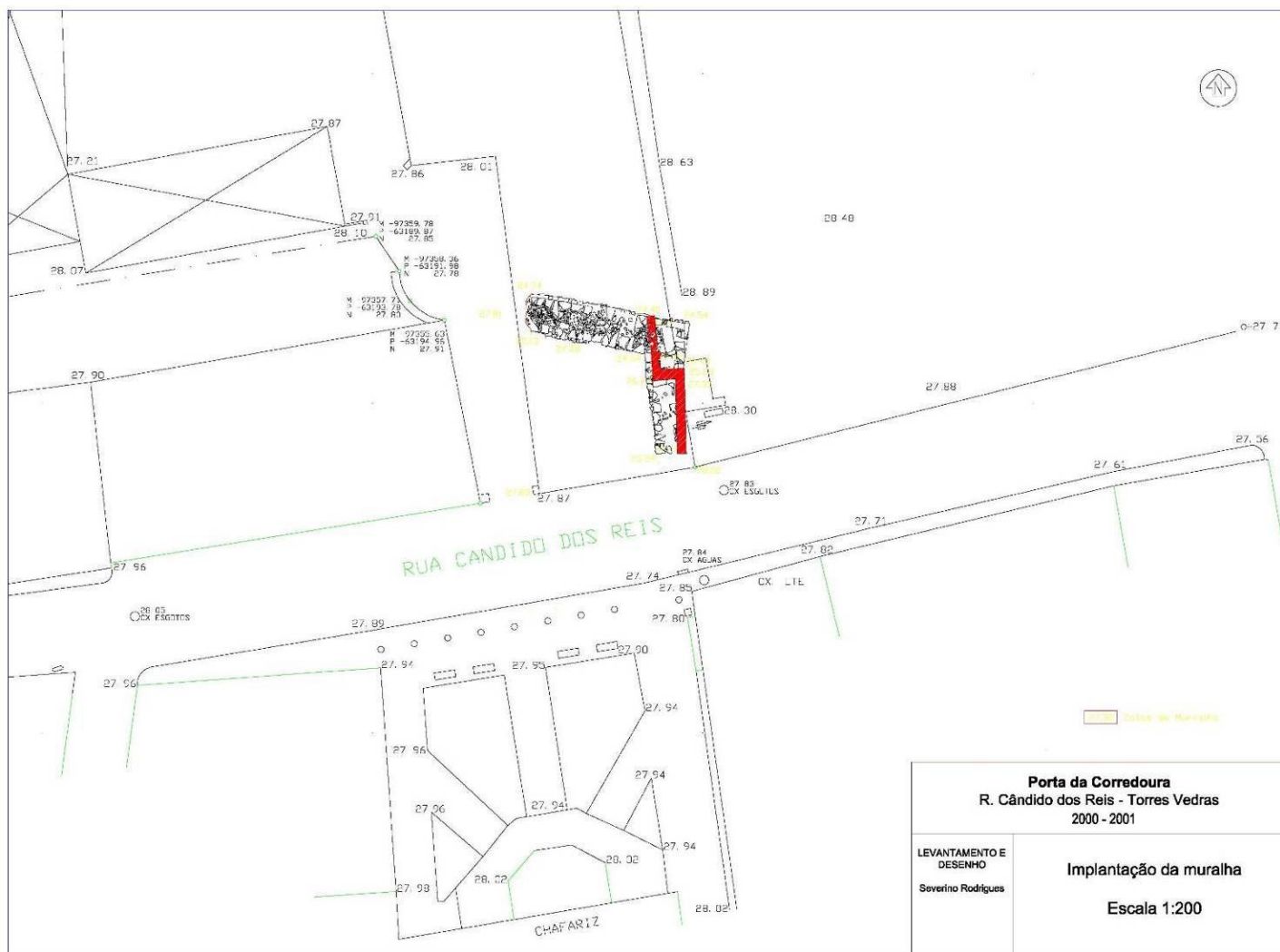









Fig. 164 – Implantação da muralha.



ESPÓLIO RECOLHIDO NA SONDAGEM 4:

N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/1	Safra de osso, ou afia-foices; metatarso direito de bovino, com afeiçoamento das faces e linhas oblíquas de incisões de perfil em V.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
PCOR/6	Fragmento do bordo e bico de pequeno jarro de faiança, decorado a azul com listas horizontais e motivos metopados.	Século XVIII	1	
PCOR/8	Fragmento de testro.	Idade Moderna	1	
PCOR/14	Fragmento de bordo de recipiente de faiança inglesa moldada, de barro preto; decoração com motivos florais na face externa.	Século XIX?	1	
PCOR/15	Fragmentos de bordo e bojo de tigela de cerâmica vidrada internamente a chumbo, a castanho.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	3	








N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/16	Fragmento de fundo de púcaro bruido exteriormente.	Idade Moderna	1	
PCOR/17	Fragmento de bordo de pote de água, com arranque de asa de fita larga, com canelura central.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
PCOR/23	Fragmentos de bordos de púcaros modelados.	Século XVII	2	
PCOR/24	Fragmento de recipiente de cerâmica pedrada; apresenta aplicação plástica na face externa, preenchida com pequenas pedrinhas de grão médio.	Séculos XVI/XVII	1	
PCOR/25	Fragmentos de asas de recipientes de cerâmica fosca, sendo dois exemplares pertencentes a uma asa de um pequeno púcaro.	Idade Moderna	3	
PCOR/26	Pequeno fragmento de recipiente de faiança portuguesa, pintada a azul-cobalto.	Século XVIII	1	
PCOR/27	Fragmento de bordo de recipiente (panela?; pote?) de cerâmica vidrada a chumbo interna e externamente, em castanho esverdeado.		1	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/28	Fragmentos do bojo de recipiente de cerâmica fosca (bilha?).	Idade Moderna	3	
PCOR/29	Fragmento de bordo de tigela brunida internamente.	Idade Moderna	1	
PCOR/30	Fragmento de bordo de alguidar de cerâmica fosca; bordo em voluta.	Idade Moderna	1	
PCOR/31	Fragmento de testro.	Idade Moderna	1	
PCOR/32	Fragmento de talha de cerâmica fosca, com decoração gravada.	Idade Moderna	1	
PCOR/33	Fragmento de testro com pitorra.	Idade Moderna	1	
PCOR/34	Fragmento de pequeno recipiente de cerâmica fosca (púcaro?); face externa espatulada.	Idade Moderna	1	
PCOR/35	Fragmento de fundo de recipiente de cerâmica fosca, brunido internamente.	Idade Moderna	1	
PCOR/36	Fragmento de colo de recipiente cerâmico, com arranque de asa (ânfora?).	Romano	1	
PCOR/37	Fragmento de asa de púcaro.	Idade Moderna	1	
PCOR/38	Fragmento de bico de moringue (?), com decoração ondulada, gravada a estilete.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
PCOR/39	Fragmento de escudela de faiança branca esmaltada, de produção sevilhana.	Século XVI	1	




N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/40	Fragmento de fundo de alguidar de barro, vidrado a verde internamente; apresenta perfuração incompleta, na face externa.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
PCOR/49	Fragmentos de bispote, em chacota.	Idade Moderna	18	
PCOR/50	Pedra afeçoada para utilização como malha de jogo, ou tampa de recipiente.		1	
PCOR/51	Fragmentos de faiança portuguesa, com decorações a azul e a amarelo e azul.	Séculos XVIII/XIX	3	
PCOR/52	Fragmento de prato de cerâmica esmaltada, de produção sevilhana.	Século XVI	1	
PCOR/53	Ossó trabalhado: cortado e polido, para utilização não identificada (cabo?).		1	
PCOR/54	Fragmento de bordo de alguidar, em chacota.	Idade Moderna	1	
PCOR/55	Fragmento de pega de tacho ou caçoila de cerâmica fosca.	Idade Moderna	1	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/56	Moeda de 10 réis, de cobre, de D. João V, datada de 1748; legenda: IOANNES V DEI GRATIA / PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM REX.	1748	1	
106	Fragmentos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo, em verdes e melados, nomeadamente um bordo de um alguidar.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	3	
107	Fragmentos de bordos de recipientes de cerâmica fosca de barro vermelho, nomeadamente de púcaro e testos.	Idade Moderna	5	
108	Fragmento de testro de cerâmica fosca, com brunido interno.	Idade Moderna	1	
109	Fragmento de bordo de bilha, decorado com dedadas, idêntico a outros encontrados em Santiago Norte e datados dos séculos XII/XIII.	Séculos XII/XIII (?)	1	
110	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca, um deles com arranque de asa.	Idade Moderna	3	
111	Fragmentos de ossos de animais.		4	
112	Fragmentos de bojos e fundos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna	20	
113	Fragmentos de asas de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Idade Moderna	6	
114	Fragmentos de bojos com arranque do fundo, de recipientes de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna	2	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
115	Fragmentos de asas de fita larga, com canelura central.	Idade Moderna	2	
116	Fragmentos de telhas de canudo.		9	
117	Fragmentos de bordo e de fundo de recipientes de faiança portuguesa, sem decoração.	Século XVIII	2	
118	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.		4	
119	Fragmento de telha de canudo.		1	
124	Fragmentos de bojos e fundo de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	3	
125	Osso de animal.		1	
129	Fragmento de vidro de garrafa verde.	Idade Contemporânea	1	
130	Fragmentos de bordos e bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	11	
131	Fragmentos de bordos e asas de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	7	
132	Fragmentos de telhas de canudo.	Idade Moderna	16	
133	Fragmentos de tijolo.	Idade Moderna	4	
134	Pequeníssimo fragmento de ferro.		1	
135	Fragmentos de cerâmica vidrada a chumbo, a verde.	Idade Moderna	2	
136	Pequeníssimo fragmento de faiança portuguesa.	Séculos XVII/XVIII	1	
137	Fragmentos de ossos de animais.		2	
138	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	25	




N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
159	Fragmento de bordo de alguidar de cerâmica fosca; bordo em voluta pronunciada.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
160	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	13	
161	Fragmentos de fundos de vasos de cerâmica fosca.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
162	Fragmento de vidro de garrafa, esverdeado.	Idade Contemporânea	1	
163	Fragmentos de testos de cerâmica fosca.	Idade Moderna	5	
164	Fragmentos de bordos de tigelas de cerâmica fosca; dois exemplares pertencem a tigelas brunidas internamente.	Idade Moderna	4	
165	Fragmentos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Idade Moderna	9	
166	Fragmentos de peças de faiança portuguesa, alguns decorados a azul-cobalto.	Séculos XVII/XIX	5	
167	Fragmento de prato de faiança, com decoração pintada e estampilhada, a amarelo, laranja, verde e azul.	Séculos XVIII/XIX	1	




N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
168	Fragmento de bordo de cerâmica vidrada a melado, de pasta branca.	Idade Moderna	1	
169	Fragmentos de bojos e fundo de recipientes diversos de cerâmica vidrada a chumbo, a vermelho, verde e melado; nomeadamente de alguidar.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	6	
170	Fragmentos do bojo de panela de cerâmica fosca.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
171	Fragmentos de tacho de barro vermelho, vidrado a vermelho.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	3	
172	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna	25	
173	Fragmentos de bordos de panelas e potes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	8	
174	Fragmentos de testos de cerâmica fosca.	Idade Moderna	4	
175	Fragmentos de tigelas de cerâmica fosca, algumas brunidas, e de uma asa de recipiente.	Idade Moderna	5	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
176	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca de diferentes tipos.	Idade Moderna	5	
200	Fragmentos do bojo de cântaro de barro vermelho acastanhado; possui duas caneluras decorativas entre o ombro e o colo.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	6	
201	Fragmentos de recipientes diversos, vidrados a chumbo.	Idade Moderna	7	
202	Fragmentos de pratos e taças de faiança portuguesa pintada a azul-cobalto.	Séculos XVII/XIX	5	
203	Fragmentos de telhas de canudo.		4	
204	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	8	
205	Fragmentos de bordos de recipientes de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna	4	
206	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Idade Moderna	2	
207	Fragmentos de telhas de canudo.		17	
208	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna	9	
209	Fragmento de asa de recipiente de cerâmica fosca.	Idade Moderna	1	
210	Escória de metal.		1	
211	Dente de animal: porco ou javali.		1	
212	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna	10	
213	Fragmentos de telhas de canudo.		7	
214	Fragmento de tijolo, de pasta bege.		1	
215	Fragmento de telha de canudo.		1	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
216	Fragmentos de telhas de canudo.		3	
217	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.		3	
218	Fragmentos de asas de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	2	
219	Fragmentos de bordos de panelas de cerâmica fosca.	Idade Moderna	2	
220	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Idade Moderna	3	
221	Fragmentos de tigelas de cerâmica vidradas a castanho e branco.	Idade Moderna	2	
222	Fragmentos de telhas de canudo.		3	
223	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca.		4	
224	Fragmento de concha de ostra.		1	
225	Fragmento de bordo de panela de cerâmica fosca.	Idade Moderna	1	
226	Fragmentos de telhas de canudo.		7	
227	Fragmento de concha de ostra.		1	
228	Fragmento de costela de animal.		1	
229	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.		11	
230	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.		5	
231	Fragmentos de bordos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	4	
232	Fragmentos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo, nomeadamente de tigelas.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
233	Fragmentos de peças de faiança portuguesa; um exemplar é pintado a azul-cobalto; dois exemplares pertencem a cerâmica da Fábrica do Juncal e são pintados a vinoso.	Séculos XVIII/XIX	5	
234	Pequeno fragmento de faiança industrial de pó de pedra.	Século XX	4	



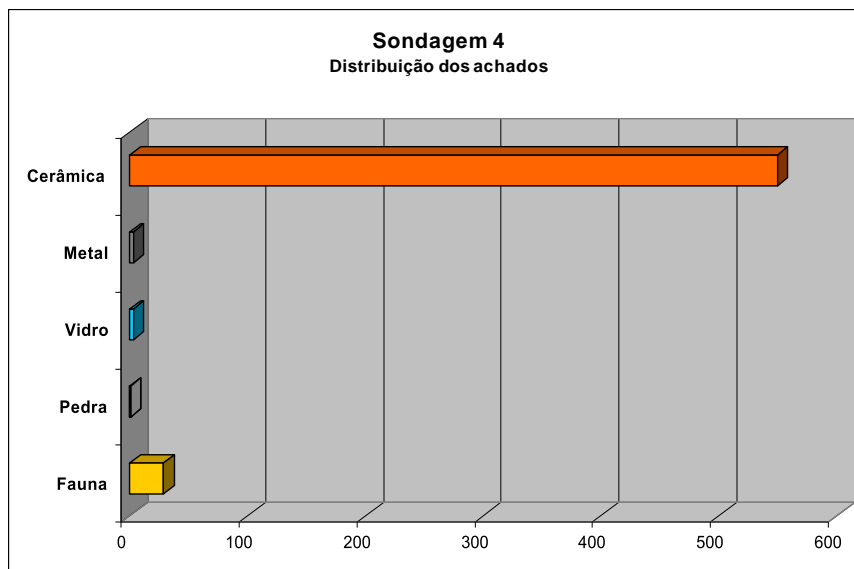
N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
235	Fragmento de bordo de objecto de faiança, pintado a azul.	Século XIX	1	
236	Fragmentos de telhas de canudo.		2	
237	Fragmento de fundo de tacho de cerâmica vidrada a chumbo, a vermelho.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
238	Fragmentos de peças de faiança branca (asa, bojo e fundo de tigela).	Século XIX	3	
239	Fragmentos de bojós de recipientes diversos de cerâmica fosca.			
240	Fundo de recipiente de cerâmica fosca.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
241	Fragmentos de bordos de recipientes de cerâmica fosca (tigelas e tacho com asa triangular).	Idade Moderna/Idade Contemporânea	3	
242	Fragmento de vidro de garrafa, verde muito escuro.		1	
243	Fragmentos de bojós de peças de faiança.	Idade Moderna	2	
244	Pequeno fragmento de bojo de peça de faiança industrial de pó de pedra.	Século XX	1	
245	Fragmentos de cerâmica vidrada a chumbo, a verde (alguidar e bordo de saladeira).	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
246	Fragmentos de telhas de canudo.		4	
247	Fragmento de tijolo.		1	
248	Fragmentos de bojós e fundos de recipientes diversos, de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	12	
249	Fragmentos de bordos de recipientes diversos, de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	2	
250	Fragmento de asa de bilha de cerâmica fosca.	Idade Moderna	1	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
251	Ossos de animais.		3	
280	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	40	
281	Fragmentos de telhas de canudo.		8	
282	Fragmentos de telhas de canudo.		14	
283	Fragmentos de telhas de canudo.		4	
284	Fragmentos de asas de recipientes diversos, de cerâmica fosca.	Idade Moderna/Contemporânea	11	
285	Fragmentos de bordos de panelas de cerâmica fosca, com arranque de asa.	Idade Moderna	2	
286	Fragmento de bordo de frigideira, com arranque de asa.	Idade Moderna	1	
287	Fragmentos de bordos de recipientes cerâmicos diversos, de cerâmica fosca		4	
288	Fragmento de bordo de panela de barro preto, brunida internamente.		1	
289	Fragmento do bordo de recipiente de faiança.	Séculos XVII/XVIII	1	
290	Fragmento de bordo de prato de faiança industrial de pó de pedra, decorado com filete dourado.	Idade Contemporânea	1	
291	Fragmento de recipiente de cerâmica vidrada a chumbo, em tons de verde.	Idade Moderna/Idade Contemporânea	1	
292	Fragmento de faiança industrial, com decoração estampilhada a verde.	Idade Contemporânea	1	
293	Fragmento de osso de animal.		1	
294	Conchas: valvas de ostra.		2	
295	Fragmentos de ossos de animais.		5	
296	Fragmentos de ossos de animais.		5	
			586	



Diversamente das anteriores, a Sondagem 4 forneceu, basicamente, materiais modernos, situados entre os séculos XVI e XVIII. Assim, contabilizámos genericamente, entre os materiais datáveis, 3% de materiais contemporâneos, 32% de materiais que podem ser considerados modernos ou contemporâneos e 65% de materiais modernos, a que se acrescentam uma peça romana e outra medieval, claramente descontextualizadas.



O maior grupo de achados é o da cerâmica, com 93% dos fragmentos recolhidos.

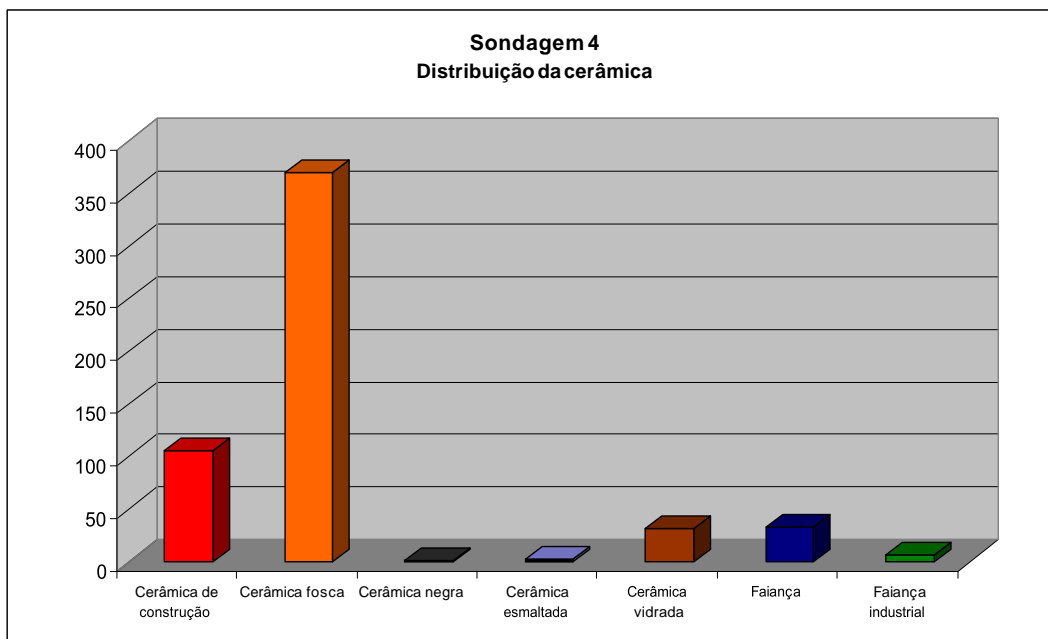
A cerâmica de construção reparte-se entre fragmentos de tijolos e fragmentos de telhas de canudo, representando estas últimas 94% dos achados desta categoria.

A cerâmica fosca é agora a mais representada, com 68% dos achados de cerâmica, ao contrário das primeiras sondagens, em que a faiança industrial era claramente maioritária. Destaca-se, desde logo, um fragmento de colo com arranque de asa, de origem romana, que poderá ter pertencido a uma ânfora. Noutros locais da cidade – Santiago e Paços do Concelho – têm ocorrido achados semelhantes, ainda que escassos, nos seus níveis mais profundos, testemunhos omnipresentes da ocupação romana do povoado.

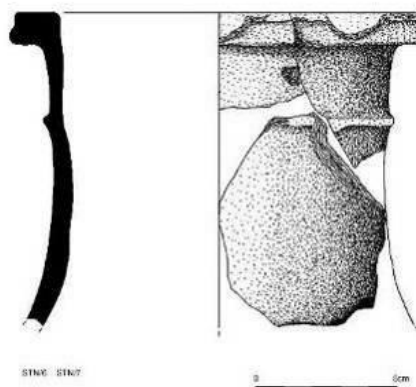
Registe-se, também, a recolha de um fragmento do bordo de uma bilha, decorado com dedadas, idêntico a outros encontrados em Santiago Norte e datados dos séculos XII/XIII (figs. 165 e 166). As cerâmicas foscas são, na generalidade, de barro vermelho, com exceção de um fragmento de cerâmica negra, do tipo Bisalhães, brunida internamente. As formas dividem-se entre painéis, testos, púcaros, frigideira, cântaro, pote, pote de água, bilha, alguidar, tacho, caçoila e tigelas brunidas internamente. Realça-se um fragmento de cerâmica pedrada dos séculos XVI/XVII e dois



fragmentos de tacinhas modeladas de cerâmica fina, do século XVII. Recolheu-se, ainda, um fragmento de alguidar e um grande conjunto de peças de um bispote, ambos em biscoito ou chacota, não tendo chegado a vidrar. Este facto é muito interessante, pois constitui mais uma prova material da existência de olarias na vila torriense.



Por último, regista-se o achado de um fragmento de talha com decoração gravada e de um outro fragmento que deverá pertencer ao bico de uma moringa, com decoração ondulada, também gravada.



Figs. 165 e 166 – Bordos de bilha medievais: Porta da Corredoura e Santiago.

O volume de peças recolhidas de cerâmica vidrada e de faiança é relativamente semelhante, representando, respectivamente, 6% e 7%. Na cerâmica vidrada predominam as tigelas, saladeiras, alguidares e tachos.



Relativamente à faiança, regista-se o achado de dois fragmentos de cerâmica esmaltada de produção sevilhana, do século XVI, pertencentes a um prato e a uma escudela.

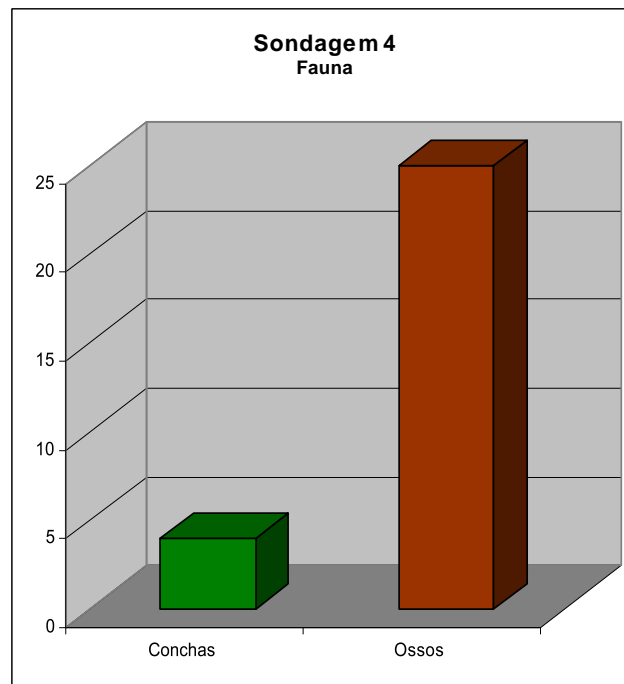
A quase totalidade das faianças é de produção nacional, à excepção de um pequeno fragmento de faiança inglesa moldada, de barro preto, já do século XIX. A sondagem forneceu faianças portuguesas correntes e de maior qualidade, datadas de entre os séculos XVII e XIX. As faianças industriais em pó de pedra, dos séculos XIX e XX, já só estão representadas por seis fragmentos. Regista-se, ainda, a presença de dois fragmentos de cerâmica do Juncal (Alcobaça) e o bordo e bico de um pequeno jarro de faiança, decorado a azul-cobalto, datado do século XVIII (figs. 167 e 168).



Figs. 167 e 168 – Bico de pequeno jarro de faiança.

Nos materiais não cerâmicos há a destacar uma pedra afeiçoada para utilização como malha de jogo, ou como tampa de recipiente, e uma moeda de 10 réis, de cobre, de D. João V, datada de 1748.

O segundo grupo mais numeroso de materiais, a seguir à cerâmica, é o da fauna, com 5% dos achados. Este grupo é representado por conchas – todas de ostras – e por ossos de animais.



Destacam-se, neste grupo, duas peças realizadas sobre osso. A primeira é um osso meramente afeiçãoado, eventualmente para vir a servir de cabo a qualquer instrumento.

A segunda é uma safra de osso para afiar foices, criada a partir do metatarso direito de um bovívdeo. Funcionava como um suporte de osso utilizado por um ferreiro para picar os dentes das foicinhas de gume serrilhado, utilizadas na ceifa dos cereais. Estas peças estão, normalmente, associadas a lixeiras ou vazadouros, em locais onde teriam sido desenvolvidas actividades relacionadas com o trabalho do metal. Várias peças idênticas foram já recolhidas noutras intervenções arqueológicas, em vários locais do centro histórico de Torres Vedras.

A peça foi recolhida, a superfície, nas terras provenientes da abertura mecânica da vala de sondagem, correspondentes à camada imediatamente sobreposta à muralha. No entanto, informações transmitidas pelo último ferreiro torriense – cuja oficina ainda subsiste na R. Cândido dos Reis, embora mais a nascente do sítio arqueológico –, dando conta da existência de uma ferraria no mesmo local onde funcionou o *stand* de automóveis, no início do século XX, leva-nos a considerar a possibilidade de poder ter havido mistura na deposição final das terras, e que a safra possa ser originária de estratos mais recentes. É possível, por isso que a safra esteja associada a uma oficina do final do século XIX, ou a outra que aí possa ter existido anteriormente.

Apresenta-se, de seguida, o estudo desta peça, realizado em colaboração com os arqueozoologos Marta Moreno-García e Carlos Pimenta.



IPA LABORATÓRIO DE ARQUEOZOOLOGIA - INDÚSTRIA ÓSSEA

Safra em osso TV 001

Referência:

PCOR – Sondagem IV

Número de inventário:

PCOR/1

Data de recuperação:

Dezembro 2000

Sítio:

Porta da Corredoura, Torres Vedras

CNS:

Período:

Idade Moderna/Contemporânea (?)

Informação contextual:

Recolha de superfície

Local de depósito:

Museu Municipal Leonel Trindade, Torres Vedras



Dados fotográficos ► tipo: fotografia digital identificação: IPA / safra em osso TV 001 autor: JPRuas

Arqueólogo(s):

Guilherme Cardoso, Assembleia Distrital de Lisboa e Isabel Luna, Câmara Municipal de Torres Vedras

Observações:

Escavação arqueológica de emergência, realizada em colaboração com a Assembleia Distrital de Lisboa, desencadeada pela construção de um edifício no local onde se situaria uma das antigas portas da cerca medieval da vila (Porta da Corredoura). Em virtude de não existir uma localização concreta da muralha medieval, foram abertas várias sondagens com recurso a máquina, tendo um troço da muralha sido finalmente localizado na quarta sondagem. A peça PCOR/1 foi uma recolha de superfície nas terras recolhidas pela abertura mecânica da vala de sondagem. A sondagem forneceu, basicamente, materiais modernos, situados entre os séculos XVII e XIX/XX. Embora nos tenha parecido que a peça proveio de níveis mais antigos da escavação, informação recente sobre a existência de um ferreiro, naquele local, no século XX, leva-nos a considerar, como segunda hipótese, a possibilidade de a máquina ter recolhido terras de estratos mais recentes.

Identificação Osteológica: metatarso

Identificação Taxonómica: *Bos taurus* (vaca/boi)

Dimensões:

Comprimento (mm): Largura proximal (mm): 45,83 Largura diáfise (mm): Largura distal (mm):

Descrição:

Fragmento proximal de metatarso direito, que apresenta afeição exaustivo das faces lateral e medial da diáfise. A reutilização e os sucessivos rebaixamentos destas faces provocaram o adelgaçamento de tecido ósseo até provocar a sua fractura. São visíveis linhas oblíquas de incisões milimétricas com perfil em V. A face posterior foi igualmente afeiçãoada por raspagem fina no seu eixo transversal.

Estado de conservação:

bom estado

Referências Bibliográficas:




inédito




6.7 – RECOLHA, TRATAMENTO E LISTAGEM DO ESPÓLIO

Durante os trabalhos de campo, o espólio recolhido foi sendo dividido em lotes, com referência ao local de onde era recolhido e à data de recolha. Um pequeno conjunto de peças foi também recolhido nos montes de terra depositados pela máquina ao lado das valas de sondagem e, apesar de descontextualizado, foi anexado à colecção.

ESPÓLIO RECOLHIDO SEM CONTEXTO IDENTIFICADO:

N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/7	Fragmento de fundo de recipiente cerâmico não vidrado, ainda em chacota; pasta branca.		1	
PCOR/9	Fragmento de telha de canudo.	Romana	1	
PCOR/13	Fragmentos de botija de Genebra, em grés branco, com barra a melado, no topo; apresenta a marca "PRICE L BRISTOL".	Idade Moderna/Idade Contemporânea	5	
120	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.		3	
121	Fragmentos de recipientes de cerâmica fosca: asa, bordo de tigela brunida internamente e bordo de testó.	Idade Moderna	3	
122	Fragmentos de bojos, fundos e bordos de recipientes de cerâmica fosca.	Idade Moderna	17	



N.º de Inventário	Descrição	Cronologia	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
123	Pequeno búzio e fragmentos de valvas de ostra.		3	
127	Prato de esmalte de fabrico chinês e asa de esmalte, decorados a azul.		2	
128	Fragmento de telha de canudo.	Idade Média?	1	
			36	

Os materiais foram lavados, colados, inventariados, embalados em sacos de plástico, com as respectivas fichas de identificação e armazenados num contentor de plástico, devidamente identificado (fig. 170), depositado no armazém de reserva arqueológica do Museu Municipal Leonel Trindade.

Os materiais, maioritariamente recolhidos nas mesmas terras, e considerados cientificamente irrelevantes, foram apenas registados, contabilizados na listagem do espólio e utilizados na elaboração do relatório, não tendo sido incorporados nas reservas do museu.

Porta da Corredoura, 2000/2001	
Peças e Fragmentos	
TOTAL:	1.419

Fig. 169 – Total de peças e fragmentos.

		SITIO	Porta da Corredoura
CONTENTOR	1	CONTEÚDO	Cerâmica

Fig. 170 – Ficha de identificação de contentor.

A listagem geral do espólio, que integra este relatório, foi realizada no programa informático Excel, com base em campos descritivos sumários.



7. CONCLUSÕES

Os trabalhos arqueológicos realizados na Porta da Corredoura, em 2000 e 2001, consistiram, basicamente, na abertura mecânica de três valas e uma área de sondagem.

O objectivo primeiro consistiu em analisar a fachada nascente do antigo *stand* de automóveis existente no local, inicialmente identificada com um troço da antiga muralha medieval da então vila de Torres Vedras.

As valas foram abertas em quatro locais distintos, ao longo daquela fachada, quer do lado nascente, quer do lado poente. Foi possível detectar a estrutura do paramento até às suas infra-estruturas e o seu nível de embasamento, tendo-se concluído pela impossibilidade, técnica e cronológica, de a estrutura analisada poder constituir um troço da antiga muralha da vila medieval.

Abaixo do nível do solo, foi detectado um segundo muro, paralelo e a cerca de 1,8m do primeiro, cuja função consistia em delimitar a área de servidão da antiga Vala Real, situada a nascente do imóvel demolido. Este segundo muro, construído, no seu troço inicial, sobre uma estacaria de pinho, parece-nos poder ser datado de entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Entre os dois muros corriam as águas sobrantes do Chafariz dos Canos, tendo-se ainda identificado a recente canalização desta vala, por meio de uma manilha de cimento, de secção oval, colocada no final da primeira metade do século XX.

Afastada a hipótese de a fachada do imóvel poder constituir um troço da cerca da vila, e face aos registos históricos conhecidos que, inequivocamente, colocam a Porta da Corredoura defronte do Chafariz dos Canos, a equipa técnica reorientou os seus objectivos iniciais, fazendo abrir uma quarta sondagem mecânica na zona correspondente ao interior do antigo *stand* de automóveis. Ao fim de algumas sondagens infrutíferas, a equipa, mantendo sempre a sua perseverança – para o que sempre contou com o maior apoio e entusiasmo do construtor, Sr. José Carvalho –, acabou por colocar à vista as fundações de uma monumental estrutura arquitectónica, agora claramente identificável com a antiga muralha da vila. Deve referir-se, a este propósito, que a detecção desta estrutura só viria a ocorrer oito meses após o início dos trabalhos.

O troço de muralha detectado organizava-se em “L”, surgindo do terreno contíguo a partir de Noroeste e inflectindo, num ângulo de 105°, em direcção à Rua Cândido dos Reis, onde chegava já quase perpendicularmente, continuando depois por sob a rua.



Em termos construtivos, a muralha apresentava uma espessura muito considerável, oscilando entre os 2m e os 2,3m. Era constituída por duas faces de cantaria, constituídas por blocos de pedra paralelepípedicos, dispostos em fiadas horizontais alinhadas e paralelas e, genericamente, com apresentação irregular de testa e de peito. O interior era formado por um enchimento de terra e de pedras de média e pequena dimensão. Assentava num embasamento formado por blocos de pedra aparelhados, dispostos verticalmente sobre o solo.

Sobre o troço perpendicular à rua detectou-se uma adaptação mais tardia, já para fins diversos dos defensivos, com a sobreposição de um muro feito de alvenaria bem argamassada, mas toscamente justaposto à cantaria da muralha, com a finalidade de aproveitar toda a profundidade da estrutura. Tal fazia com que, exteriormente, parecesse existir um cubelo na fachada nascente do imóvel onde funcionou o stand.

A intervenção arqueológica viria, assim, a confirmar a existência da muralha tardo-medieval – sobre cuja efectiva construção existiam ainda muitas dúvidas – e da sua porta situada na antiga Rua da Corredoura, atestada pela confluência da estrutura com a rua. A porta situar-se-ia a meio da rua e dela já dificilmente restarão quaisquer vestígios. Uma eventual intervenção na rua estava fora de questão, não só pela pouca probabilidade da existência de vestígios, face aos inúmeros trabalhos de pavimentação e infra-estruturação já efectuados ao longo de séculos, como pelas óbvias dificuldades técnicas em escavar no seio de uma imensa rede de infra-estruturas urbanas, para além dos naturais prejuízos para a circulação no local.

A relevância da presente intervenção reside em dois aspectos fundamentais. Por um lado, pela primeira vez, não só foi confirmada cientificamente a existência da muralha de Torres Vedras, como foram registados e divulgados alguns dos seus indícios materiais: este troço constitui o primeiro vestígio físico da muralha, devidamente identificado e mantido. Por outro lado, atesta-se o percurso da muralha, nesta zona, que difere claramente daquela que era, até hoje, a ideia generalizada dos historiadores locais.



8. MEDIDAS DE SALVAGURDA

A partir do momento em que se verificou a imponência e monumentalidade da estrutura descoberta e se percebeu o seu valor histórico, a direcção científica dos trabalhos chamou ao processo a Divisão de Gestão Urbanística da Câmara Municipal de Torres Vedras e o então IPPAR, a fim de se estudar a possibilidade de integrar a estrutura na nova construção, quer salvaguardando-a integralmente, quer mantendo a sua memória no futuro imóvel, de forma adequada.

Após uma primeira reunião conjunta, as restantes reuniões técnicas decorreram sem a intervenção da equipa de arqueologia. O IPPAR viria a dar o seu parecer final positivo à obra apenas em Junho de 2002, após o estabelecimento de alterações ao projecto inicial do edifício que se sobreporia à estrutura, numa solução acertada com o projecto do edifício a construir a nascente, confinante com aquele.



Figs. 171 e 172 – O troço de muralha, durante a construção do edifício.

A convivência das estruturas arqueológicas com o desenvolvimento da obra não foi fácil, nem para as estruturas, nem para o construtor. No entanto, é da maior justiça relevar o esforço daquele em tentar conciliar a obra com a salvaguarda dos vestígios e a forma como sempre acatou as sugestões dos técnicos.

Para além das naturais dificuldades de gestão do achado, durante o processo de obras, o facto de este se encontrar publicamente acessível levou, também, à ocorrência de actos de vandalismo, como o despejo continuado de lixos e entulhos, nomeadamente por parte de estranhos à obra.



Figs. 173 a 176 – Aspectos da estrutura durante as obras, sendo visíveis sucessivas fases de limpeza.

Por diversas vezes, ao longo das fases de construção, os técnicos do Museu Municipal Leonel Trindade acompanharam o processo de obras, realizando acções de limpeza e de consolidação, naturais após a fase construtiva.

No entanto, nem todos os aspectos relativos à conservação da estrutura nos parecem ter sido devidamente tidos em causa. Os mais graves são os que se relacionam com o permanente estado de inundação em que o terreno envolvente se encontra.

Também não é compreensível que os vestígios estejam completamente fechados e vedados à fruição da população. Acresce que a vedação em vidro produz grandes níveis de condensação, com a consequente deterioração das condições ambientais e o crescimento de flora prejudicial à conservação do achado.



Figs. 177 e 178 – Aspectos da muralha, antes da sua vedação por um espaço envidraçado.

A inexistência de um programa de dinamização e divulgação da estrutura levou-a a um estado de abandono que, não só é nociva à sua conservação e dignificação, como causa um claro prejuízo à dignificação do espaço habitacional e público da área urbana em que se insere.

Por estas razões, consideramos que o espaço e as condições em que a estrutura se encontra deviam ser revistas, no sentido de procurar uma solução que possa, de facto, valorizar a muralha e transformá-la num pólo patrimonial de valorização da área envolvente.



9. BIBLIOGRAFIA

ADDPCTV – Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras (2001) – “Finalmente... a muralha”. *Badaladas*, 2378, 03.08.2001. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de S. Pedro e Santiago, p. 22.

“A DESCOBERTA: ocupação árabe surpreende arqueólogos”. *Público*, 19.01.2002. Lisboa: Público, Comunicação Social SA.

AGUIRRE, Antxon, ETXEBERRIA, Francisco e HERRASTI, Lourdes (2004) – “El yunque de hueso para afilar la hoz metálica dentada. Bone anvils used for sharpening serrated, metal scythes”. *Munibe (Antropologia – Arkeologia)*, 56. San Sebastian: Sociedad de Ciencias Aranzadi, pp. 113-121.

ALCÂNTARA, Ana (2002) – “Descobertas falam por si: achados arqueológicos fazem história dos Paços do Concelho”. *Badaladas*, 2403, 25.01.2002. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de S. Pedro e Santiago, p. 9.

André, Paula (2008) – “A pré-existência do cardo/decumano no plano pombalino e a sua herança na Lisboa contemporânea” [em linha]. Resumo da comunicação apresentada ao *VII Congresso Internacional da APEC – Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Évora: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. [Consult. 14.12.2009]. Disponível em http://www.apec.uevora.pt/index.php/apec/resumos/paula_andre_a_pre_existencia_do_i_cardo_decumano_i_no_plano_pombalino_e_a_sua_heranca_na_lisboa_contemporanea.

AZEVEDO, Carlos de, FERRÃO, Julieta e GUSMÃO, Adriano de (1963) – *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*, vol. IV. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.

BELO, Aurélio Ricardo (1952a) – “Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo: X – Epigrafia Luso-romana”. *Badaladas*, 56. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de S. Pedro e Santiago, 20-6-1952, p. 3.

BELO, Aurélio Ricardo (1952b) – “Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo: XIV – Época Romana”. *Badaladas*, 60/61. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de S. Pedro e Santiago, 15-8-1952, pp. 2-3.

CARDOSO, Guilherme e LUNA, Isabel de (2002) – “Paços do Concelho: 2.500 Anos de História”. *Torres Vedras em Revista*, 1. Lisboa: Ecos.Com, pp. 24-27.



CARDOSO, Guilherme e LUNA, Isabel de (2005) – “Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras”. *Actas do congresso “A presença romana na região Oeste”*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, pp. 65-82.

CARDOSO, P.e Luís (coord.) (1758) – *Dicionário geográfico de Portugal*, vol. 79. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

CLEMENTE, Manuel (1974) – *Torres Vedras e o seu termo no primeiro quartel do século XIV*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [policopiado]. Dissertação de licenciatura.

CLEMENTE, Manuel (1997) – “Um vestígio dos muros de Torres Vedras?”. *Badaladas*, 2154, 18.04.1997. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de S. Pedro e Santiago, p. 5.

COSTA, António Carvalho da (1712) – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal....*, t. 3.º. Lisboa: Officina Real Deslandesiana.

COSTA, Inês (2001) – “Muralha poderá estar a descoberto: arqueólogos torrienses poderão estar perante vestígios inéditos”. *FrenteOeste*, 564, 01.03.2001. Torres Vedras: Pressoeste, p. 5.

FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Maria de Lurdes (1991) – *Arquitectura vernácula da região saloia: enquadramento na área atlântica*. Lisboa: Ministério da Educação – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

FRANCISCO, Eunice (2001) – “Os segredos à volta das muralhas”. *Badaladas*, 2376, 02.07.2001. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de S. Pedro e Santiago, p. 19.

GALVÃO, Duarte (1726) – *Chronica do muito alto, e muito esclarecido príncipe D. Affonso Henriques, primeiro rey de Portugal*. Lisboa: Miguel Lopes Ferreira (Officina Ferreyriana).

HUMBERTO, Jorge (2001) – “Descoberta muralha medieval de Torres Vedras”. *Público*, 4135, 15.07.2001. Lisboa: Público, Comunicação Social SA, p. 20.

“IMPORTANTES descobertas arqueológicas revelam dados ocultos da história torriense” [em linha]. *Oeste Hoje*, 17.01.2002. Torres Vedras: Oeste XXI. Disponível em http://www.oestediario.com/oestediario/artigos_oh.asp?cod_artigo=125244 [consult. 04.07.2006].

LOPES, Fernão (1977) – *História de uma revolução: primeira parte da “Crónica de El-Rei D. João I de Boa Memória”*. Lisboa: Edições Europa-América.

LUNA, Isabel e CARDOSO, Guilherme (2002a) – “Sondagens de emergência junto à igreja de S. Tiago (Torres Vedras)”, *Al-Madan*, IIª série, 11. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 7.



LUNA, Isabel e CARDOSO, Guilherme (2002b) – “Escavações arqueológicas nos Paços do Concelho de Torres Vedras”. *Al-madan*, IIª série, 11. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 252.

MANTAS, Vasco Gil (1982) – *Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. Conimbriga*, 21. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 5-99.

MANTAS, Vasco Gil (2000) – “A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras”. *Turres Veteras I: Actas de História Medieval*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras / Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, pp. 9-25.

MARQUES, A. H. de Oliveira, GONÇALVES, Iria e ANDRADE, Amélia Aguiar (1990) – *Atlas de cidades medievais portuguesas (século XII-XV)*, vol. I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

MORENO-GARCÍA, Marta, PIMENTA, Carlos M. e RUAS, José Paulo (2005) – “Safras em osso para picar foichinhas de gume serrilhado... a sua longa história!”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (2). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 571-628.

MORENO-GARCÍA, M. *et alii* (2005) – “Bone anvils: not worked bones but bones for working”. Poster apresentado no 5th *International Meeting of the ICAZ Worked Bone Research Group*. Veliko-Turnovo, Bulgária: Veliko-Turnovo University.

MORENO-GARCÍA, M. *et alii* (2006) – “Los yunques en hueso en la Península Ibérica: estado de la cuestión”. In BICHO, Nuno Ferreira (coord.) – *Animais na Pré-história e Arqueologia da Península Ibérica: Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 247-262.

NADAL, Montserrat Esteban, e ROURE, Eudald Carbonell (2004) – “Saw-toothed sickles and bone anvils: a medieval technique from Spain”, *Antiquity*, 78 (301). Oxford: Antiquity Publications, pp. 637-646.

“NOTÍCIAS várias: 1- Castelo de Torres Vedras”. *O Archeologo Português*, vol. X. Lisboa: Museu Etnológico Português, 1905, p. 278.

OLIVEIRA, Maria d' (2001) – “Muralha medieval encontrada”. *FrenteOeste*, 553, 12.07.2001. Torres Vedras: Pressoeste, p. 4.



OLIVEIRA, Maria Julieta Ventura de (1970) – *Subsídios para a história de Torres Vedras (1309-1378)*, vol. I. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [policopiado].
Dissertação de Licenciatura.

OLIVEIRA, Zélia (2002) – “Muralha salvaguardada”. *FrenteOeste*, 639, 08.08.2002. Torres Vedras: Pressoeste, p. 3.

ORDENAÇÕES Filipinas (1870), vol. 1. Rio de Janeiro: Cândido Mendes de Almeida.

PINTO, Carla Alferes (1998) – A infanta Dona Maria de Portugal (1521-1577): o mecenato de uma princesa renascentista. Lisboa: Fundação Oriente.

PINTO, Paulo (2002a) – “Descobertos primeiros vestígios islâmicos em Torres Vedras” [em linha]. *Oeste Hoje*, 21.01.2002. Torres Vedras: Oeste XXI. Disponível em http://www.oestediario.com/oestediario/art_tema.asp?id_tema=3838&codigo_seccao=0&PageNo=1 [consult. 25.10.2007].

PINTO, Paulo (2002b) – “Antigos Paços do Concelho escondem vestígios islâmicos”. *Jornal de Notícias*, 23.01.2002. Porto [s. n.].

RIBEIRO, Joaquim (2001) – “Descoberto troço da antiga muralha de Torres Vedras” [em linha]. *Oeste Hoje*, 13.07.2001. Torres Vedras: Oeste XXI. [consult. 18.07.2001].

RODRIGUES, Ana Maria Seabra de Almeida – *Torres Vedras: a vila e o termo nos finais da Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

RODRIGUES, Ana Maria Seabra de Almeida (1996) – “O castelo e as muralhas de uma vila estremenha: Torres Vedras”. In RODRIGUES, Ana Maria Seabra de Almeida – *Espaços, gente e sociedade no Oeste: estudos sobre Torres Vedras medieval*. Cascais: Patrimonia Historica, pp. 25-43.

SANCHES, A. Nunes Ribeiro (1756) – *Tratado de conservaçam da saude dos povos....* Paris: Pierre Gendron.

SANTA Casa da Misericórdia de Torres Vedras (1731) – *Livro q hade servir p.^a o tomo dos bens e rendas da S.^{ta} Caza da Mizericordia desta v.^a de Torres Vedras*. Torres Vedras: Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras.

SANTOS, Frei Manuel dos (1727) – *Monarchia Lusitana*, parte VIII. Lisboa: Officina da Musica/Francisco da Sylva.



SEPÚLVEDA, Eurico de e SOUSA, Vítor Rafael Cordeiro de (2000) – *Lucernas romanas: catálogo*. Torres Vedras: Museu Municipal de Torres Vedras.

SERVIÇOS Cartográficos do Exército (1970) – *Carta Militar de Portugal: folha 374, Torres Vedras, escala 1: 25.000*. [Lisboa]: Serviços Cartográficos de Exército.

SERVIÇOS Geológicos de Portugal (1969) – *Carta Geológica do Quaternário de Portugal, escala 1: 1.000.000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

SERVIÇOS Geológicos de Portugal (1955) – *Carta Geológica de Portugal: folha 30-C, Torres Vedras, escala 1: 50.000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

TORRES, Manuel Agostinho Madeira (1861) – *Descrição histórica e económica da villa e termo de Torres-Vedras: parte histórica*. 2.^a ed, acrescentada com algumas notas dos editores. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VEIGA, Carlos Margaça e SILVA, Carlos Guardado da (2003) – *O Livro de Acórdãos do Município de Torres Vedras: 1596-1599*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras.

VIEIRA, Henrique (1997) – “A cerca medieval da vila de Torres Vedras”. *Badaladas*, 2157, 9.05.1997. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de S. Pedro e Santiago, pp. 4-5.

VIEIRA, Júlio (1926) – *Torres Vedras Antiga e Moderna*. Torres Vedras: Livraria da Sociedade Progresso Industrial.

ZBYSZEWSKI, Georges (1971) – *Carta geológica do Quaternário de Portugal, na escala de 1/1.000.000: notícia explicativa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

ZBYSZEWSKI, Georges, ALMEIDA, Fernando Moitinho d' e ASSUNÇÃO, Carlos Torre de (1955) – *Carta geológica de Portugal, na escala de 1/50.000: notícia explicativa da folha 30-C, Torres Vedras*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.







10. ANEXO

INVENTÁRIO DO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/1	Safra de osso, ou afia-foices; metatarso direito de bovino, com afeição das faces e linhas oblíquas de incisões de perfil em V.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina.	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
PCOR/2	Fragmentos de saladeira de faiança corrente; fundo pintado com motivos vegetalistas e com as letras AMO, relativas à palavra AMOR – a amarelo, preto e vermelho –, que surge fragmentada; bordo pintado a verde, a aerógrafo; pasta esbranquiçada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina.	13.11.2000		Século XX		10	
PCOR/3	Fragmentos de tigela vidrada internamente a melado, com escorridos a verde; produção de Torres Vedras; pasta rosada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina.	13.11.2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		2	
PCOR/4	Fragmentos de tigela de faiança industrial em pó de pedra, com filete pintado a verde junto ao bordo e motivo decorativo estampado a castanho: pescador com condecorações e as palavras "José Maio" e "R[ecordação] da Póvoa de Varzim".	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina.	13.11.2000		Último quartel do século XIX		2	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/5	Fragmentos de fundos de pratos e tigelas de faiança industrial em pó de pedra; apresentam marcas ou vestígios de marcas, cinco das quais da Fábrica de Sacavém.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina.	13.11.2000		Séculos XIX/XX		7	
PCOR/6	Fragmento do bordo e bico de pequeno jarro de faiança, decorado a azul com listas horizontais e motivos metopados.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Século XVIII		1	
PCOR/7	Fragmento de fundo de recipiente cerâmico não vidrado, ainda em chacota; pasta branca.						Sem contexto.	1	
PCOR/8	Fragmento de testó.	Sondagem 4	Limpeza da muralha	Dezembro de 2004		Idade Moderna		1	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/9	Fragmento de telha de canudo.					Romano	Sem contexto.	1	
PCOR/10	Chifre de bóvido, serrado.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				1	
PCOR/11	Fragmentos de pratos e tigelas de faiança portuguesa; exemplares pintados a azul e/ou vinoso e outros sem decoração.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XVIII/XIX		10	
PCOR/12	Fragmento de peça escultórica em pedra mármore: braço de cruz flordelisada.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000	10,3cm X 4,5cm (7,5cm) X 2,7cm			1	
PCOR/13	Fragmentos de botija de Genebra, em grés branco, com barra a melado, no topo; apresenta a marca "PRICE L BRISTOL".	Sondagem 1 Sondagem 3 Recolha de superfície	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000 Dezembro de 2000 Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		5	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/14	Fragmento de bordo de recipiente de faiança inglesa moldada, de barro preto; decoração com motivos florais na face externa.	Sondagem 4	Recolha de superfície, nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Século XIX?	Sem contexto.	1	
PCOR/15	Fragmentos de bordo e bojo de tigela de cerâmica vidrada internamente a chumbo, a castanho.	Sondagem 4	Recolha de superfície, nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	3	
PCOR/16	Fragmento de fundo de púcaro brunido exteriormente.	Sondagem 4	Recolha de superfície, nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	1	
PCOR/17	Fragmento de bordo de pote de água, com arranque de asa de fita larga, com canelura central.	Sondagem 4	Recolha de superfície, nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	1	









Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/18	Tijolos inteiros; pasta rosa amarelada.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea (?)		3	
PCOR/19	Fragmento de bordo de frigideira ou assadeira de barro negro, com arranque de asa de secção circular; produção do norte do país (Bisalhães?).	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Século XX		1	
PCOR/20	Fragmento de tijolo afeiçoado, para servir de tampa de recipiente.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
PCOR/21	Fragmentos de saladeira/alguidar, em chacota.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000			Peça com a mesma pasta das peças PCOR/49 e PCOR/54.	12	
PCOR/22	Fragmentos de faiança portuguesa, com decorações a azul, vinoso e verde.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Séculos XVIII/XIX		3	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/23	Fragmentos de bordos de púcaros modelados.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000		Século XVII		2	
PCOR/24	Fragmento de recipiente de cerâmica pedrada; apresenta aplicação plástica na face externa, preenchida com pequenas pedrinhas de grão médio.	Sondagem 4	Materiais recolhidos acima da terra castanha escura	23.02.2001		Séculos XVI/XVII		1	
PCOR/25	Fragmentos de asas de recipientes de cerâmica fosca, sendo dois exemplares pertencentes a uma asa de um pequeno púcaro.	Sondagem 4	Sobre a estrutura B (plataforma desmontada)	22.02.2001		Idade Moderna		3	
PCOR/26	Pequeno fragmento de recipiente de faiança portuguesa, pintada a azul-cobalto.	Sondagem 4	Sobre a estrutura B (plataforma desmontada)	23.02.2001		Século XVIII		1	
PCOR/27	Fragmento de bordo de recipiente (panela?; pote?) de cerâmica vidrada a chumbo interna e externamente, em castanho esverdeado.	Sondagem 4	Sobre a estrutura B (plataforma desmontada)	22.02.2001				1	
PCOR/28	Fragmentos do bojo de recipiente de cerâmica fosca (bilha?).	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		3	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/29	Fragmento de bordo de tigela brunida internamente.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/30	Fragmento de bordo de alguidar de cerâmica fosca; bordo em voluta.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/31	Fragmento de testro.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/32	Fragmento de talha de cerâmica fosca, com decoração gravada.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/33	Fragmento de testro com pitorra.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/34	Fragmento de pequeno recipiente de cerâmica fosca (púcaro?); face externa espatulada.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/35	Fragmento de fundo de recipiente de cerâmica fosca, brunido internamente.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/36	Fragmento de colo de recipiente cerâmico, com arranque de asa (ânfora?).	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Romano		1	
PCOR/37	Fragmento de asa de púcaro.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna		1	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/38	Fragmento de bico de moringue (?), com decoração ondulada, gravada a estilete.	Sondagem 4	Limpeza/remoção de terras	11.06.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
PCOR/39	Fragmento de escudela de faiança branca esmaltada, de produção sevilhana.	Sondagem 4	Mancha castanha escura sobre a Estrutura B	23.02.2001		Idade Moderna		1	
PCOR/40	Fragmento de fundo de alguidar de barro, vidrado a verde internamente; apresenta perfuração incompleta, na face externa.	Sondagem 4	Materiais de superfície	21 e 22.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
PCOR/41	Pedra afeiçãoada para utilização como malha de jogo ou tampa de recipiente.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000				1	
PCOR/42	Fragmento de fundo de botija de Genebra, em grés, com marca: "F.ª Cerâmica de Valadares, Valadares V. N. de Gaia"; apresenta concreção ferrosa.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea		1	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/43	Fragmento de prato de faiança industrial de pó de pedra, com marca: "CFCL Portugal", da Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitânia.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		1	
PCOR/44	Fragmento de escudela de cerâmica esmaltada, de produção sevilhana.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Moderna		1	
PCOR/45	Fundo de tigela de faiança industrial de pó de pedra, com marca estampada da Fábrica de Sacavém: "Gilman & C.ta Sacavém Portugal".	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		1	
PCOR/46	Fragmento de fundo de prato de faiança industrial de pó de pedra, com decoração estampada a preto do motivo "cavalinho"; apresenta marca estampada: "Fabrica de Sacavém"	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		1863-1870		1	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/47	Fragmento de bordo e asa de botija de Genebra, em grés.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea		1	
PCOR/48	Fragmento de azulejo de padrão, decorado com barras azuis e amarelas.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XVII		1	
PCOR/49	Fragmentos de bispote, em chacota.	Sondagem 4	Junto à estrutura B. Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Moderna	Peça com a mesma pasta das peças descritas sob os n.ºs 154 e 292.	18	
PCOR/50	Pedra afeioada para utilização como malha de jogo, ou tampa de recipiente.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001				1	






Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
PCOR/51	Fragmentos de faiança portuguesa, com decorações a azul e a amarelo e azul.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Séculos XVIII/XIX		3	
PCOR/52	Fragmento de prato de cerâmica esmaltada, de produção sevilhana.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Século XVI		1	
PCOR/53	Osso trabalhado: cortado e polido, para utilização não identificada (cabo?).	Sondagem 4	Base da Estrutura A	21.02.2001				1	
PCOR/54	Fragmento de bordo de alguidar, em chacota.	Sondagem 4	Junto à estrutura B	Dezembro de 2000		Idade Moderna	Peça com a mesma pasta das peças descritas sob os n.ºs 154 e 269.	1	
PCOR/55	Fragmento de pega de tacho ou caçoila de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	1	
PCOR/56	Moeda de 10 réis, de cobre, de D. João V, datada de 1748; legenda: IOANNES V DEI GRATIA / PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM REX.	Sondagem 4	Estrutura C	21 e 22.02.2001	34mm de diâmetro	1748		1	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
									
57	Fragmentos de ossos de animais	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				7	
58	Fragmentos de pratos de faiança corrente, decorados com pintura de bandas a verde e de filetes a manganês; pastas rosadas e amareladas.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX(?)/XX		32	
59	Fragmentos de pequenas tigelas de faiança industrial corrente, em pó de pedra, decoradas com filetes a manganês, verde ou azul, tanto junto ao bordo como junto ao fundo, bem como pinturas vegetalistas.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		5	
60	Fragmentos de pratos e tigelas de porcelana; um fragmento apresenta um filete junto ao bordo e decoração a dourado.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX(?)/XX		7	
61	Fragmentos de tigelas de faiança industrial em pó de pedra, corrente, com decorações estampadas; as tigelas apresentam filetes verdes ou azuis, pintados junto ao bordo, interna ou externamente.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		6	
62	Fragmentos de tigelas de faiança; um fragmento decorado com filete azul-cobalto junto ao bordo; vidrados azulados e pastas amareladas.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		3	








Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
63	Fragmentos de tampa de terrina, de faiança industrial em pó de pedra, moldada, com decoração relevada; vidrado verde.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		4	
64	Fragmentos de pratos de faiança industrial em pó de pedra, decorados com motivos estampados a verde, azul e vermelho, já muito desgastados; com manchas ferrosas.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		6	
65	Fragmentos de tigela de faiança industrial corrente, em pó de pedra, decorada externamente com filete dourado junto ao bordo e motivos florais estampados a azul, vermelho, verde e amarelo.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		2	
66	Fragmentos de pratos de faiança corrente, decorados com motivos estampilhados, a verde e azul; alguns apresentam filetes a castanho; pastas rosadas.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		39	
67	Fragmentos de pratos de faiança corrente - um raso e um sopeiro -, um deles decorado com banda castanha e filetes azuis; pastas e vidrados avermelhados.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		7	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
68	Fragmentos de prato de faiança corrente, decorado com filetes castanhos; pasta avermelhada e vidrado rosado.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		7	
69	Fragmentos de prato sopeiro de faiança corrente, decorado com filetes cinzentos e motivos estampilhados a castanho; pasta rosada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		4	
70	Fragmentos de prato sopeiro de faiança corrente, decorado com banda azul e filetes castanhos; pasta rosada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX	Material igual ao descrito sob o n.º 255.	8	
71	Fragmentos de saladeira de faiança industrial em pó de pedra; bordo com barra azul pintada a aerógrafo.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX	Material igual ao descrito sob o n.º 267.	9	
72	Fragmentos de tigelas de faiança industrial em pó de pedra, com motivos florais estampados a verde e vermelho, enquadrados por filetes azuis.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				6	
73	Fragmentos de vaso de grés, castanho-escuro, com mosqueados; decorado com canelura e meandros incisos; pasta rosada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				5	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
74	Fragmentos de saladeira, com decoração interna: barra pintada a castanho junto ao bordo e motivos florais estampilhados nas paredes.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX (?)		8	
75	Fragmentos de pratos de faiança industrial em pó de pedra, com decorações estampilhadas.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		2	
76	Fragmentos de pratos e tigelas de faiança industrial, em pó de pedra; decorações diversas, pintadas	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		6	
77	Fragmentos de grossas tigelas de faiança industrial em pó de pedra, sem decoração.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		2	
78	Fragmentos de tigelas de faiança industrial em pó de pedra, sem marca, decoradas com filete castanho junto ao bordo e motivos florais estampilhados a verde e vermelho.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX	Material igual ao descrito sob o n.º 253.	34	
79	Fragmentos de prato de faiança industrial em pó de pedra, com vestígios de pintura a vermelho.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		2	
80	Fragmentos de pratos e caneca de faiança industrial em pó de pedra, com motivos diversos estampados, em diversas cores; presente uma marca da Fábrica de Sacavém e outras duas que poderão corresponder às Fábricas de Massarelos (Porto) ou das Devesas (Vila Nova de Gaia).	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX	Algumas peças iguais às descritas sob o n.º 273.	42	
81	Fragmentos de prato de faiança corrente, com decoração floral estampilhada a verde e amarelo; pasta rosada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		5	
82	Fragmentos de pratos, tigelas e canecas de faiança industrial em pó de pedra; alguns apresentam decoração de filetes coloridos,	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		68	






Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
	nomeadamente a verde, dourado, cinzento ou vermelho, junto ao bordo.								
83	Fragmentos de pratos de porcelana; um fragmento apresenta marca da Sociedade de Porcelanas de Coimbra.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		9	
84	Fragmentos de saladeira em faiança de pó de pedra; apresenta barra vermelha junto ao bordo e decoração estampilhada nas faces internas, representando cachos de cerejas.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		5	
85	Fragmentos de tigelas, tacinhas e prato em faiança industrial em pó de pedra, com diversos motivos pintados a aerógrafo.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX	Uma das peças é igual à descrita sob o n.º 260 e outra cola com uma descrita sob o n.º 262.	26	
86	Fragmentos de canecas em faiança industrial de pó de pedra.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		8	
87	Fragmentos de pratos/saladeiras, em faiança industrial de pó de pedra, pintados a pincel e a aerógrafo.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		2	
88	Fragmentos de telhas de canudo	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		11	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
89	Fragmentos de bordos, bojos e fundos de tigelas e outros recipientes em barro vermelho, vidrados com diversas cores.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		27	
90	Prato de ferro esmaltado, muito deteriorado, com concreções.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX (?)		1	 
91	Fragmentos de caneca de faiança corrente, com decoração pintada; pasta rosada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		6	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
92	Fragmentos de bordos e bojos de recipientes diversos de barro vermelho, nomeadamente alguidar, bilhas, etc..	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		30	
93	Fragmentos de pote e de alguidares de barro vermelho, vidrados.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		18	
94	Fragmentos de prato de porcelana, com decoração floral estampada.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		5	
95	Fragmento de tigela de faiança industrial de pó de pedra, da Fábrica de Sacavém, pintada com motivo floral.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		1920-1930		1	
96	Fragmentos de tachos e caçoilas de barro vermelho, vidrados a vermelho.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				28	





Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
97	Fragmentos de alguidar de barro vermelho, vidrado a castanho, com escorridos amarelos.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		7	
98	Fragmentos de alguidares de barro vermelho, vidrados a amarelo esverdeado.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		6	
99	Conchas: valvas de berbigão.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				4	
100	Fragmentos de alguidar vidrado a verde.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		4	
101	Fragmentos de copos, floreira e caneca de vidro.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		4	
102	Parte superior de frasco de vidro azulado	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		1	





Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
103	Fragmento de botija de Genebra, de grés castanho.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
104	Fragmentos de pratos de faiança, com vestígios de decoração com listas azuis.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				2	
105	Fragmento incaracterístico de terrina de faiança, não decorado, da Fábrica do Juncal, Alcobaça.	Sondagem 1	Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				1	
106	Fragmentos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo, em verdes e melados, nomeadamente um bordo de um alguidar.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	3	
107	Fragmentos de bordos de recipientes de cerâmica fosca de barro vermelho, nomeadamente de púcaro e testos.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	5	
108	Fragmento de testro de cerâmica fosca, com brunido interno.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	1	
109	Fragmento de bordo de bilha, decorado com dedadas, idêntico a outros encontrados em Santiago Norte e datados dos séculos XII/XIII.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Séculos XII/XIII?	Sem contexto.	1	
110	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca, um deles com arranque de asa.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	3	
111	Fragmentos de ossos de animais.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001			Sem contexto.	4	
112	Fragmentos de bojos e fundos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	20	
113	Fragmentos de asas de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	6	
114	Fragmentos de bojos com arranque do fundo, de recipientes de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	2	




Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
115	Fragmentos de asas de fita larga, com canelura central.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	2	
116	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001			Sem contexto.	9	
117	Fragmentos de bordo e de fundo de recipientes de faiança portuguesa, sem decoração.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001		Século XVIII	Sem contexto.	2	
118	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001			Sem contexto.	4	
119	Fragmento de telha de canudo.	Sondagem 4	Recolha de superfície	Julho de 2001			Sem contexto.	1	
120	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.						Sem contexto.	3	
121	Fragmentos de recipientes de cerâmica fosca: asa, bordo de tigela brunida internamente e bordo de testo.					Idade Moderna	Sem contexto.	3	
122	Fragmentos de bojos, fundos e bordos de recipientes de cerâmica fosca.					Idade Moderna	Sem contexto.	17	
123	Pequeno búzio e fragmentos de valvas de ostra.						Sem contexto.	3	
124	Fragmentos de bojos e fundo de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Limpeza da muralha	Dezembro de 2004		Idade Moderna		3	
125	Osso de animal.	Sondagem 4	Limpeza da muralha	Dezembro de 2004				1	
126	Conchas de bivalves, muito desgastadas e polidas.	Sondagem 1		13.11.2000				3	
127	Prato de esmalte de fabrico chinês e asa de esmalte, decorados a azul.						Sem contexto.	2	
128	Fragmento de telha de canudo.					Idade Média?	Sem contexto.	1	




Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
129	Fragmento de vidro de garrafa verde.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001		Idade Contemporânea		1	
130	Fragmentos de bordos e bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001		Idade Moderna		11	
131	Fragmentos de bordos e asas de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001		Idade Moderna		7	
132	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001		Idade Moderna		16	
133	Fragmentos de tijolo.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001		Idade Moderna	Uma das peças cola com outra descrita sob o n.º 262.	4	
134	Pequeníssimo fragmento de ferro.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001				1	
135	Fragmentos de cerâmica vidrada a chumbo, a verde.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001		Idade Moderna		2	
136	Pequeníssimo fragmento de faiança portuguesa.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2001		Séculos XVII/XVIII		1	
137	Fragmentos de ossos de animais.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2002				2	
138	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Limpeza e desenho da muralha	08.09.2002		Idade Moderna		25	
139	Fragmento de carvão.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Novembro de 2000				1	
140	Fragmento de copo de vidro.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Novembro de 2000		Idade Contemporânea		1	
141	Fragmentos de ossos de animais; um deles cortado.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Novembro de 2000				4	
142	Fragmento de objecto de metal.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Novembro de 2000		Idade Contemporânea		1	
143	Fragmento do bojo de vaso de grés.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Novembro de 2000		Idade Contemporânea		1	






Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
144	Fragmentos de ferragens diversas, nomeadamente de porta; completamente oxidados e concrecionados.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Novembro de 2000		Idade Contemporânea		8	
145	Fragmentos de bojos e fundos de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		13	
146	Fragmento de bordo de panela de cerâmica fosca.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Idade Moderna		1	
147	Fragmento de asa de púcara.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
148	Fragmentos de fundo e bojos de recipientes cerâmicos vidrados a chumbo, a melado e um com escuridos verdes.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		3	
149	Fragmento de escória.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				1	
150	Fragmento de osso de animal.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				1	
151	Fragmento de copo de vidro.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		1	
152	Pequeníssimos fragmentos de tigelas de faiança industrial de pó de pedra, decoradas.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		3	
153	Fundo de frasco de vidro.	Sondagem 2	Vala Real Muro de suporte da vala - zona das estacas. Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Século XX		1	






Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
154	Fragmento de concha.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				1	
155	Fragmento de osso de animal.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000				1	
156	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica vidrados a chumbo, a melado.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		2	
157	Fragmento de terrina de faiança industrial de pó de pedra, com motivos estampados a preto.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		1	
158	Fragmento de prato de faiança, pintado internamente com motivos azuis, junto ao bordo.	Sondagem 2	Vala Real Recolha nas terras trazidas pela máquina	13.11.2000		Séculos XIX/XX		1	
159	Fragmento de bordo de alguidar de cerâmica fosca; bordo em voluta pronunciada.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	1	
160	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	13	
161	Fragmentos de fundos de vasos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	2	






Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
162	Fragmento de vidro de garrafa, esverdeado.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Contemporânea	Sem contexto.	1	
163	Fragmentos de testos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	5	
164	Fragmentos de bordos de tigelas de cerâmica fosca; dois exemplares pertencem a tigelas brunidas internamente.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	4	
165	Fragmentos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	9	
166	Fragmentos de peças de faiança portuguesa, alguns decorados a azul-cobalto.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Séculos XVII/XIX	Sem contexto.	5	
167	Fragmento de prato de faiança, com decoração pintada e estampilhada, a amarelo, laranja, verde e azul.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Séculos XVIII/XIX	Sem contexto.	1	




Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
168	Fragmento de bordo de cerâmica vidrada a melado, de pasta branca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	1	
169	Fragmentos de bojos e fundo de recipientes diversos de cerâmica vidrada a chumbo, a vermelho, verde e melado; nomeadamente de alguidar.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	6	
170	Fragmentos do bojo de panela de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	2	
171	Fragmentos de tacho de barro vermelho, vidrado a vermelho.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Sem contexto.	3	
172	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	25	
173	Fragmentos de bordos de panelas e potes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	8	
174	Fragmentos de testos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	4	






Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
175	Fragmentos de tigelas de cerâmica fosca, algumas brunidas, e de uma asa de recipiente.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	5	
176	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca de diferentes tipos.	Sondagem 4	Recolha de superfície nas terras trazidas pela máquina	Julho de 2001		Idade Moderna	Sem contexto.	5	
177	Tijolo fragmentado; pasta rosa amarelada.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea (?)		1	
178	Fragmentos de tijolos	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				8	
179	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea (?)		6	
180	Fragmentos de vidro de recipientes.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea (?)		2	
181	Escória de metal.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea (?)		1	
182	Fragmentos incaracterísticos de cerâmica.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				2	
183	Fragmentos de bojos, fundos e asa de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Moderna		17	
184	Fragmentos de bojos, fundos e bordos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo: tachos, saladeira e jarro; vidrados a melado, branco, vermelho e verde.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		15	
185	Fragmentos de bordos de alquidares vidrados a verde internamente.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		3	
186	Fragmento de botija de Genebra, de grés.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
187	Fragmento de telha de canudo.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				1	





Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
188	Fragmentos de bojos e fundos de recipientes de cerâmica vidrados a chumbo	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				7	
189	Fragmentos de recipiente de faiança, decorado com duas listas azuis; pasta muito vermelha; Fábrica do Juncal?	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				2	
190	Fragmento do fundo de tigela de cerâmica vidrada internamente a branco; produção de Torres Vedras?	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				1	
191	Fragmento de asa de recipiente de cerâmica fosca.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				1	
192	Chapa de ferro completamente oxidada e concrecionada.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				1	
193	Fragmentos de testos de cerâmica fosca.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				3	
194	Fragmentos de bordos de cerâmica fosca.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				3	
195	Fragmento do fundo de recipiente de cerâmica fosca.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				1	
196	Fragmentos de pratos de faiança industrial de pó de pedra, um com motivo estampado a verde.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				3	
197	Fragmento de cerâmica vidrada a branco.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				1	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
198	Fragmentos de faiança portuguesa branca (na fotografia, em conjunto com PCOR/22).	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Idade Moderna		2	
199	Fragmentos de prato e tigela de faiança, com decoração pintada e estampilhada.	Sondagem 3	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000		Século XIX?		2	
200	Fragmentos do bojo de cântaro de barro vermelho acastanhado; possui duas caneluras decorativas entre o ombro e o colo.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		6	
201	Fragmentos de recipientes diversos, vidrados a chumbo.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000		Idade Moderna		7	
202	Fragmentos de pratos e taças de faiança portuguesa pintada a azul-cobalto.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000		Séculos XVII/XIX		5	
203	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000				4	
204	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000		Idade Moderna		8	
205	Fragmentos de bordos de recipientes de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000		Idade Moderna		4	
206	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	18.12.2000		Idade Moderna		2	
207	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Materiais recolhidos acima da terra castanha escura	23.02.2001				17	
208	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Materiais recolhidos acima da terra castanha escura	23.02.2001		Idade Moderna		9	
209	Fragmento de asa de recipiente de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Materiais recolhidos acima da terra castanha escura	23.02.2001		Idade Moderna		1	
210	Escória de metal.	Sondagem 4	Materiais recolhidos	23.02.2001				1	




Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
			acima da terra castanha escura						
211	Dente de animal porco ou javali.	Sondagem 4	Sobre a estrutura B (plataforma desmontada)	22.02.2001				1	
212	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Sobre a estrutura B (plataforma desmontada)	23.02.2001		Idade Moderna		10	
213	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Sobre a estrutura B (plataforma desmontada)	23.02.2001				7	
214	Fragmento de tijolo, de pasta bege.	Sondagem 4	Base da Estrutura A.	21.02.2001				1	
215	Fragmento de telha de canudo.	Sondagem 4	Base da Estrutura A.	21.02.2001				1	
216	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Recolha na mancha castanha escura sobre a Estrutura B	23.02.2001				3	
217	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha na mancha castanha escura sobre a Estrutura B	23.02.2001				3	
218	Fragmentos de asas de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha na mancha castanha escura sobre a Estrutura B	23.02.2001		Idade Moderna		2	
219	Fragmentos de bordos de panelas de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha na mancha castanha escura sobre a Estrutura B	23.02.2001		Idade Moderna		2	
220	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Recolha na mancha castanha escura sobre a Estrutura B	23.02.2001		Idade Moderna		3	
221	Fragmentos de tigelas de cerâmica vidradas a castanho e branco.	Sondagem 4	Recolha na mancha castanha escura sobre a Estrutura B	23.02.2001		Idade Moderna		2	
222	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Materiais das terras castanhas claras das Estruturas B e C	23.02.2001				3	
223	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Materiais das terras castanhas claras das Estruturas B e C	23.02.2001				4	
224	Fragmento de concha de ostra.	Sondagem 4	Materiais das terras castanhas claras das Estruturas B e C	23.02.2001				1	
225	Fragmento de bordo de panela de cerâmica	Sondagem 4	Materiais das terras	23.02.2001		Idade Moderna		1	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
	fosca.		castanhas claras das Estruturas B e C						
226	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001				7	
227	Fragmento de concha de ostra.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001				1	
228	Fragmento de costela de animal.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001				1	
229	Fragmentos de bojos de recipientes de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001				11	
230	Fragmentos de fundos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001				5	
231	Fragmentos de bordos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		4	
232	Fragmentos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo, nomeadamente de tigelas.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		2	
233	Fragmentos de peças de faiança portuguesa; um exemplar é pintado a azul-cobalto; dois exemplares pertencem a cerâmica da Fábrica do Juncal e são pintados a vinoso.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001		Séculos XVIII/XIX		5	
234	Pequeno fragmento de faiança industrial de pó de pedra.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001		Século XX		4	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
235	Fragmento de bordo de objecto de faiança, pintado a azul.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas escuras sobre as Estruturas B e C	23.02.2001		Século XIX		1	
236	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4		21 e 22.02.2001			Material de superfície.	2	
237	Fragmento de fundo de tacho de cerâmica vidrada a chumbo, a vermelho.	Sondagem 4		21 e 22.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Material de superfície.	1	
238	Fragmentos de peças de faiança branca (asa, bojo e fundo de tigela).	Sondagem 4		21 e 22.02.2001		Século XIX	Material de superfície.	3	
239	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca.	Sondagem 4		21 e 22.02.2001			Material de superfície.		
240	Fundo de recipiente de cerâmica fosca.	Sondagem 4		21 e 22.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Material de superfície.	1	
241	Fragmentos de bordos de recipientes de cerâmica fosca (tigelas e tacho com asa triangular).	Sondagem 4		21 e 22.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea	Material de superfície.	3	
242	Fragmento de vidro de garrafa, verde muito escuro.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001				1	
243	Fragmentos de bojos de peças de faiança.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001		Idade Moderna		2	
244	Pequeno fragmento de bojo de peça de faiança industrial de pó de pedra.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001		Século XX		1	
245	Fragmentos de cerâmica vidrada a chumbo, a	Sondagem 4	Materiais encontrados	23.02.2001		Idade		2	







Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
	verde (alguidar e bordo de saladeira).		nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C			Moderna/Idade Contemporânea			
246	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001				4	
247	Fragmento de tijolo.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001				1	
248	Fragmentos de bojos e fundos de recipientes diversos, de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		12	
249	Fragmentos de bordos de recipientes diversos, de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		2	
250	Fragmento de asa de bilha de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001		Idade Moderna		1	
251	Ossos de animais.	Sondagem 4	Materiais encontrados nas terras castanhas claras e escuras da estrutura B/C	23.02.2001				3	
252	Fragmento de hulha (carvão mineral).	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000				1	
253	Fragmentos de tigela de faiança industrial de pó de pedra, decorada com lista castanha.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea	Material igual ao descrito sob o n.º 78.	3	
254	Fragmentos de pratos em faiança industrial, com decoração por listas e barras (a verde, amarelo e vinoso).	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea		2	
255	Fragmentos de pratos de faiança industrial, decorados com listas castanhas e barras azuis.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea	Material igual ao descrito sob o n.º 70.	7	
256	Fragmentos de bojos de alguidares de cerâmica vidrada a chumbo, verdes e melados.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		4	
257	Fragmento de jarro/bilha, de cerâmica vidrada a chumbo, decorado com duas caneluras.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea		1	






Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
258	Fragmentos diversos de recipientes de cerâmica vidrada a chumbo (verdes e melados).	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		5	
259	Fragmentos de pratos de faiança industrial de pó de pedra, sem decorações visíveis.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		3	
260	Fragmento de tigela de faiança industrial de pó de pedra, pintada a aerógrafo, com motivos a verde e vermelho.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX	Material igual a algum descrito sob o n.º 85.	1	
261	Fragmento de recipiente (terrina?) de faiança industrial de pó de pedra, pintada a azul com motivos florais.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		1	
262	Fragmentos de tigelas de faiança industrial de pó de pedra, com decorações a azul e vermelho, estampilhadas e pintadas a aerógrafo.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX	Uma das peças cola com outra descrita sob o n.º 133.	3	
263	Fragmentos de peças moldadas, de faiança industrial de pó de pedra, vidradas a verde/branco e melado/vermelho - esta última exactamente igual à decoração do canjirão patente na pág. 124 da obra "Fábrica de Louça de Sacavém", de Ana Paula Assunção (Edições Inapa).	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		2	





Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
264	Fragmento de asa de recipiente de faiança, com pintura a azul-cobalto.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
265	Fragmento de prato de faiança industrial de pó de pedra, com decoração estampada a roxo.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Séculos XIX/XX		1	
266	Fragmento do bordo de grande peça (saladeira?) de faiança industrial de pó de pedra, vidrada a verde e branco.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea		1	
267	Fragmentos de saladeira de faiança industrial em pó de pedra; bordo com barra azul pintada a aerógrafo.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea	Material igual ao descrito sob o n.º 71.	2	
268	Fragmento de prato sopeiro de faiança corrente, decorado com listas vermelhas e uma barra amarela no bordo, complementada com motivos florais estampilhados a azul.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		1	
269	Fragmento de bojo de saladeira de faiança industrial de pó de pedra, com decoração vegetalista estampilhada a verde, vermelho, amarelo e vinoso	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		1	
270	Fragmentos de pratos de faiança corrente, com motivos estampilhados a azul e verde.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea		4	
271	Fragmento de pires de porcelana.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		1	




Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
272	Fragmento do bordo de telha marselhesa.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000				1	
273	Fragmentos de prato de faiança industrial em pó de pedra, com decoração estampada a azul.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea	Peças iguais a algumas descritas sob o n.º 80.	2	
274	Fragmentos de alguidar de barro vermelho, vidrado a castanho, com escorridos amarelos.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Contemporânea		2	
275	Fragmentos de tigelas de faiança industrial de pó de pedra, com decorações a verde e amarelo.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		2	
276	Fragmento de peça (terrina?) em faiança industrial de pó de pedra, com motivos florais estampados.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		1	
277	Fragmentos de bordos de peças de cerâmica fosca de barro vermelho (púcaro e testo).	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		2	
278	Fragmentos de prato de faiança industrial em pó de pedra, com decoração estampada a castanho.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Século XX		11	
279	Fragmentos de bordos de alguidares vidrados internamente, respectivamente, a amarelo, verde e melado.	Sondagem 3	Recolha de superfície	Dezembro de 2000		Idade Moderna/Idade Contemporânea		3	
280	Fragmentos de bojos de recipientes diversos de cerâmica fosca de barro vermelho.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		40	
281	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001				8	
282	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001				14	
283	Fragmentos de telhas de canudo.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001				4	



Porta da Corredoura, Torres Vedras: Resultados dos Trabalhos Arqueológicos

N.º de Inventário	Descrição	Sondagem	Contexto	Data de Recolha	Dimensões	Cronologia	Observações	Objectos/ Fragmentos	Fotografia
284	Fragmentos de asas de recipientes diversos, de cerâmica fosca.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		11	
285	Fragmentos de bordos de painelas de cerâmica fosca, com arranque de asa.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Idade Moderna		2	
286	Fragmento de bordo de frigideira, com arranque de asa.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Idade Moderna		1	
287	Fragmentos de bordos de recipientes cerâmicos diversos, de cerâmica fosca	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001				4	
288	Fragmento de bordo de panela de barro preto, brunida internamente.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001				1	
289	Fragmento do bordo de recipiente de faiança.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Séculos XVII/XVIII		1	
290	Fragmento de bordo de prato de faiança industrial de pó de pedra, decorado com filete dourado.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Idade Contemporânea		1	
291	Fragmento de recipiente de cerâmica vidrada a chumbo, em tons de verde.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Idade Moderna/Idade Contemporânea		1	
292	Fragmento de faiança industrial, com decoração estampilhada a verde.	Sondagem 4	Materiais associados à muralha, encontrados a 3/4m	11.05.2001		Idade Contemporânea		1	
293	Fragmento de osso de animal.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina					1	
294	Conchas: valvas de ostra.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	11.05.2001			Sem contexto.	2	
295	Fragmentos de ossos de animais.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	11.05.2001			Sem contexto.	5	
296	Fragmentos de ossos de animais.	Sondagem 4	Recolha nas terras trazidas pela máquina	Dezembro de 2000				5	
								1419	